

**SAUDADES D'ALÉM MAR:
UM ESTUDO SOBRE A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
NO RIO DE JANEIRO
ATRAVÉS DA REVISTA *LUSITANIA*
(1929-1934)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central - Campus I - Universidade Federal da Paraíba

O 48 s

Oliveira, Carla Mary da Silva, 1967-

Saudades d'além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista Lusitania (1929-1934)/ Carla Mary da Silva Oliveira. - João Pessoa, 2003.

162 p. : il.

Orientadora: Simone Carneiro Maldonado
Tese (doutorado) PPGS/ CCHLA/ UFPb.

1. Sociologia da Cultura. 2. Sociologia das Migrações.
3. Imigração Portuguesa. 4. Rio de Janeiro - Século XX.
5. Imprensa Imigrantista. I. Autor. II. Título.

UFPb/BC

CDU 316.723 (043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**SAUDADES D'ALÉM MAR:
UM ESTUDO SOBRE
A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
NO RIO DE JANEIRO
ATRAVÉS DA REVISTA *LUSITANIA*
(1929-1934)**

**Carla Mary
da
Silva Oliveira**

JOÃO PESSOA - PB
JULHO - 2003

**CARLA MARY
DA
SILVA OLIVEIRA**

**SAUDADES D'ALÉM MAR:
UM ESTUDO SOBRE A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
NO RIO DE JANEIRO
ATRAVÉS DA REVISTA *LUSITANIA*
(1929-1934)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Doutora em Sociologia.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia da Cultura

ORIENTADORA: Prof^a Dra. Simone Carneiro Maldonado

**João Pessoa - PB
Julho - 2003**

CARLA MARY
DA
SILVA OLIVEIRA

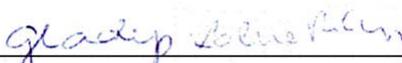
SAUDADES D'ALÉM MAR:
UM ESTUDO SOBRE A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
NO RIO DE JANEIRO
ATRAVÉS DA REVISTA *LUSITANIA*
(1929-1934)

Tese aprovada em 25 de julho de 2003.

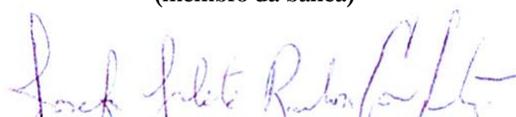
BANCA EXAMINADORA



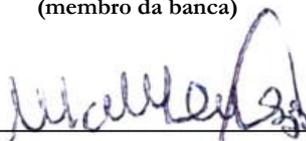
Profª Dra. Simone Carneiro Maldonado
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal da Paraíba
(orientadora)



Profª Dra. Gladys Sabina Ribeiro
Departamento de História - Universidade Federal Fluminense
(membro da banca)



Profª Dra. Josefa Saete Barbosa Cavalcanti
Departamento de Ciências Sociais - Universidade Federal de Pernambuco
(membro da banca)



Profª Dra. Marilda Aparecida de Menezes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Campina Grande
(membro da banca)



Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal da Paraíba
(membro da banca)

*A Paulo, pelo companheirismo e incentivo, pela dedicação
e leitura crítica e atenta e, acima de tudo, por seu amor.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria se concretizado sem o apoio, incentivo e, em vários momentos, participação direta de algumas pessoas, que devem ser aqui lembradas.

Primeiramente, agradeço a Paulo, pelo companheirismo, pela leitura e sugestões, desde quando este trabalho ainda era uma idéia embrionária.

Agradeço também a minha irmã, Renata, pelo apoio constante.

Não poderia esquecer de mencionar a amiga Maria Valéria Rezende, que muito contribuiu, através de seus apontamentos, questionamentos e sugestões, com o projeto inicial desta pesquisa, antes mesmo dele ser apresentado à seleção para ingresso no PPGS.

Aos amigos e companheiros do IESP, especialmente as professoras Maria Rita de Holanda Melo Peres e Maria Adelize da Silva Luz, pelo estímulo e amizade cotidianos; ao professor José Vitaliano C. Rocha Filho e à professora Maria Elinete Taurino Guedes, pela confiança em meu trabalho.

À professora Marilda Aparecida de Menezes, pelo estímulo e pelas indicações de leitura, ainda na banca de qualificação da pesquisa.

Por fim, a minha orientadora, professora Simone Carneiro Maldonado, pela sensibilidade e disposição em ajudar-me nesta tarefa, e à CAPES, que possibilitou a pesquisa custeando parte dela através de uma bolsa de estudos.

João Pessoa - PB, julho de 2003.

Carla Mary S. Oliveira.
cms-oliveira@uol.com.br

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!”*
Fernando Pessoa, *Mar Português*.

RESUMO

Saudades d'além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista *Lusitania* (1929-1934)

Este trabalho analisa o universo da imigração portuguesa no Rio de Janeiro durante a Primeira República, incluindo sua formação, seus determinantes sociais e históricos e sua relevância para a sociedade carioca, do ponto de vista econômico e cultural. Tendo como fonte principal a revista **Lusitania**, publicada no Rio de Janeiro entre 1929 e 1934, busca-se construir uma visão mais clara do ideário da colônia portuguesa no maior centro urbano brasileiro à época e também, discutir conceitos como o da *identidade portuguesa*, baseando-se nas elaborações teóricas de Pierre Bourdieu, tais como *habitus*, *capital simbólico* e *mercado simbólico*. Ler e analisar as páginas de **Lusitania** significa, de imediato, travar contato com um conjunto de signos e significados que contribuíram para a construção do “*ser imigrante português*” no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30 do século XX, dentre eles a imagem estereotipada do imigrante luso que, ainda hoje, persiste na sociedade brasileira; o conceito de *saudade portuguesa*, o fado e, também, a representatividade de **Lusitania** no universo da imprensa imigrantista brasileira.

Palavras-Chave: Imigração Portuguesa; Rio de Janeiro; Imprensa Imigrantista; Século XX; Brasil.

ABSTRACT

'Saudades' of overseas: a study about the Portuguese immigration in Rio de Janeiro through the *Lusitania* magazine (1929/ 1934)

This work analyzes the universe of the Portuguese immigration in Rio de Janeiro during the First Republic, including its formation, its social and historical determinant and its relevance for the “carioca” society, from the economic and cultural points of view, using as its main source the **Lusitania** magazine, published in Rio de Janeiro between 1929 and 1934. It tries for to build a clearer understanding of the mentality of the Portuguese colony in the largest Brazilian urban center at the time. The *Portuguese identity* is also studied, with the help of Pierre Bourdieu’s concepts, such as *habitus*, *symbolic capital* and *symbolic market*. To read and to analyze the pages of **Lusitania** is to make immediate contact with the signs and meanings that key to the sense of “to be a Portuguese immigrant” in Rio de Janeiro in the 20’s and 30’s of the 20th century. This study also looks for a better understanding of the formation of the stereotyped image of the Lusitanian immigrant that, still today, persists in the Brazilian society; and of the concept of Portuguese *saudade*, the *fado* and, also, of the role of **Lusitania** in the universe of the Brazilian immigrant press.

Keywords: Portuguese Immigration; Rio de Janeiro city; Immigrant Press; 20th Century; Brazil.

RESUMÉ

‘Saudades’ de d’outre-mer: une étude au sujet de l’immigration Portugaise dans Rio de Janeiro à travers le magazine *Lusitania* (1929 / 1934)

Ce travail analyse l’univers de l’immigration Portugaise dans Rio de Janeiro pendant la Première République, y compris sa formation, ses déterminants sociaux et historiques et sa rélevance pour la société “carioca”, des points de vue économique et culturel. Il prend comme sa principale source le magazine **Lusitania**, publié dans Rio de Janeiro entre 1929 et 1934, et cherche à construire une compréhension plus claire de le discours de la colonie Portugaise dans le plus grand centre urbain Brésilien à ce temps et aussi, discuter des concepts comme *l’identité Portugaise*, baser sur le travail de Pierre Bourdieu, tel qu’*habitus*, *capital symbolique* et *marché symbolique*. Lire et analyser les pages de **Lusitania** c’est rejoindre immédiatement des signes et des significations qui sont des clés pour le sens “d’être immigré Portugais” dans Rio de Janeiro des ans 20’s et 30’s du 20^{ème} siècle. L’image stéréotypée de l’immigré Lusitanian qui, aujourd’hui encore, resiste dans la société Brésilienne, ainsi que le concept de *saudade* Portugais, le *fado* et, aussi, le rôle de **Lusitania** dans l’univers de la presse des l’immigrés au Brésil.

Mot-clés: Immigration Portugaise; Rio de Janeiro; Presse de l’Immigrés; 20^{ème} siècle; Brésil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Box de Expediente do n. 75 de Lusitania	38
Fig. 2 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil	58
Fig. 3 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil no Terreiro do Paço	59
Fig. 4 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil	59
Fig. 5 - Emigrantes portugueses à bordo de navio, em viagem para o Brasil	60
Fig. 6 - Cortiço na área central do Rio de Janeiro	68
Fig. 7 - Rua da Prainha antes das demolições	71
Fig. 8 - Rua da Prainha no início das demolições	71
Fig. 9 - Rua da Prainha com as demolições adiantadas	72
Fig. 10 - Canteiro de obras da construção da Avenida Central	72
Fig. 11 - Avenida Central, esquina com Rua do Ouvidor (1906)	73
Fig. 12 - Charge de capa da revista O Malho de 14 de julho de 1906	75
Fig. 13 - “Algumas figuras de ontem”, desenho de Raul Pederneiras (1924)	80
Fig. 14 - Largo da Sé, centro do Rio de Janeiro, 15 de março de 1908	82
Fig. 15 - Quiosque na Rua da Saúde	82
Fig. 16 - Quiosque na Rua Frei Caneca	82
Fig. 17 - Vendedora de miudezas	83
Fig. 18 - Primeira página de O Jacobino , em 13 de outubro de 1894	96
Fig. 19 - Inauguração do Armazém e Bar Elite	104
Fig. 20 - Inauguração do Café-Bar Jorge V	105
Fig. 21 - Inauguração do Café-Bar Jorge V	105
Fig. 22 - Dr. Sabino Theodoro	106
Fig. 23 - Virgínia Soares Nunes	107
Fig. 24 - Casamento de José de Sousa e Feliciano Alves Cruz	107
Fig. 25 - Escola Primária de São Pedro das Aradas, Portugal	109
Fig. 26 - “O imigrante”, desenho de Raul Pederneiras	112
Fig. 27 - Vendeiro português e negra no armazém, desenho de Raul Pederneiras	114
Fig. 28 - “O taberneiro”, desenho de Raul Pederneiras	114
Fig. 29 - “Vendeurs ambulants”, cartão postal da Casa Ferrez	115
Fig. 30 - Vendedor de vassouras	115
Fig. 31 - Anúncio da Casa Nunes em Lusitania , 1º de março de 1932	123
Fig. 32 - Anúncio da Casa Nunes em Lusitania , 16 de março de 1932	124
Fig. 33 - Anúncio da Casa Nunes em Lusitania , 16 de abril de 1932	124
Fig. 34 - Anúncio da Casa Nunes em Lusitania , 16 de junho de 1932	125
Fig. 35 - Cadastro fotográfico do comércio português no Brasil	132

Fig. 36 - Capa do n. 81 de Lusitania	138
Fig. 37 - Capa do n. 82 de Lusitania	138
Fig. 38 - Capa do n. 83 de Lusitania	138
Fig. 39 - Capa do n. 85 de Lusitania	138

SUMÁRIO

Introdução	15
<i>O percurso da pesquisa</i>	15
<i>A tese em si</i>	17
Capítulo I	
“Ser português”? A construção de um conceito	19
<i>À guisa de apresentação</i>	19
<i>Afinal, a que vem Lusitania?</i>	21
<i>Um olhar sociológico sobre Lusitania</i>	26
<i>Como ler Lusitania?</i>	37
<i>Os leitores de Lusitania como grupo social</i>	39
<i>A saudade e os portugueses: habitus e identidade</i>	40
<i>O conceito de identidade e a identidade portuguesa em Lusitania</i>	52
Capítulo II	
O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico	54
<i>O final do século XIX: a invasão dos portugueses</i>	56
<i>Recriação dos espaços urbanos e exclusão social: o bota-abaixo de Pereira Passos</i>	64
<i>O mundo do trabalho no Rio de Janeiro da Primeira República e os imigrantes portugueses</i>	76
Capítulo III	
Imprensa e imigração na República Velha: os periódicos como espaço de socialização dos imigrantes	85
<i>Lusitania no universo da imprensa imigrantista brasileira</i>	91
<i>Lusitania e o antilusitanismo carioca</i>	95
<i>Lusitania como espaço de convivência social</i>	101
O elogio ao “bom empreendedor”	102
Lusitania como espaço de convivência social e política	106
Capítulo IV	
<i>Lusitania</i> e o empresariado português no Rio de Janeiro: o discurso do <i>bom empreendedor</i>	112
<i>Os distintos senhores da colônia: o empreendedorismo luso-carioca</i>	115
<i>O discurso do ‘bom empreendedor’ em Lusitania</i>	126
Considerações finais: em torno de migrações e identidades	134

Bibliografia	141
<i>Artigos</i>	145
<i>Teses e dissertações</i>	149
<i>Obras literárias</i>	150
<i>Revistas</i>	151
<i>Discografia</i>	151
<i>Obras de referência</i>	151
<i>Filmes e documentários</i>	152
<i>Fontes das ilustrações</i>	152
Anexos	155
<i>Mapa I</i>	
<i>Área central do Rio de Janeiro na segunda metade do Império (cerca de 1860-1870) ...</i>	155
<i>Mapa II</i>	
<i>Área central do Rio de Janeiro após as reformas de Pereira Passos (cerca de 1905)</i>	156
<i>Tabela I</i>	
<i>Evolução da População Portuguesa na Cidade do Rio de Janeiro (1890/1920)</i>	157
<i>Tabela II</i>	
<i>População Portuguesa no Brasil (1920)</i>	157
<i>Tabela III</i>	
<i>População Portuguesa no Brasil (1929)</i>	158
<i>Tabela IV</i>	
<i>Emigração Portuguesa - Porcentagem por sexo e idade (1901/ 1921)</i>	158
<i>Tabela V</i>	
<i>Entrada de Imigrantes no Brasil (1890/ 1929)</i>	159
<i>Tabela VI</i>	
<i>Distribuição dos Contingentes Imigratórios por Períodos de Entrada no Brasil (1851/ 1960)</i>	159
<i>Tabela VII</i>	
<i>População Total do Brasil (1872/ 1920)</i>	159
<i>Documentos</i>	
EDITORIAL: Lusitania - Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal	160
EDITORIAL: Portugal Ilustrado - Revista Mensal de Propaganda Portuguesa e Intercâmbio Luso-Brasileiro	161

INTRODUÇÃO

De certo modo, boa parte das pesquisas provém de uma motivação primeira, de cunho subjetivo. Este trabalho não deixa de seguir esta trilha. Meu encantamento por **Lusitania** começou ainda na infância, lendo as páginas do único volume encadernado que restou da coleção de meu bisavô, imigrante português chegado ao Rio de Janeiro ainda molecote, no final do século XIX.

Sendo parte da terceira geração da família no país, também eu me tornei migrante, ao deixar o Estado do Rio e vir morar em João Pessoa. A curiosidade por **Lusitania**, contudo, não esmoreceu. Espero ter, com este trabalho, contribuído para o crescimento dos estudos sobre a imigração portuguesa no Brasil, tema que, ainda hoje, é muito menos estudado do que a imigração italiana ou japonesa para nosso país.

O PERCURSO DA PESQUISA

A metodologia que foi desenvolvida neste trabalho privilegiou a análise de discurso, apoiando-se nas categorias propostas por Pierre Bourdieu em várias de suas obras: *“habitus”*, *“campo”*, *“capital simbólico”*, *“reprodução”*, *“poder simbólico”* e *“mercado de bens simbólicos”*.

Numa primeira fase, compreendida entre abril e agosto de 2000, dediquei-me à revisão bibliográfica da obra de Pierre Bourdieu que trata especificamente destes conceitos. O estudo destas categorias teve por objetivo fundamentar a análise de uma das características principais do discurso impresso nas páginas de **Lusitania**: o *“elogio ao bom empreendedor”* como forma de construir uma nova imagem para o

imigrante português no senso comum da sociedade carioca. Esta revisão bibliográfica somou-se à leitura de outros autores, concomitantemente a outras atividades de pesquisa.

Em seguida, já na segunda fase dos trabalhos, no período de agosto de 2000 a junho de 2001, fiz a leitura e a análise de trabalhos publicados nos últimos vinte anos sobre o tema da imigração portuguesa e, também, sobre a história de Portugal e do Brasil entre fins do século XIX e a década de 30 do século passado, o que propiciou uma visão panorâmica do universo peculiar em que circulavam os leitores de **Lusitania**.

Durante a segunda quinzena do mês de julho de 2001 e a primeira semana de setembro de 2002 foi feita uma pesquisa bibliográfica, *in loco*, nos acervos da Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura, na cidade do Rio de Janeiro, onde foram consultadas algumas obras esgotadas e/ ou de difícil acesso. Ainda em julho de 2001 foi providenciada, junto ao setor de periódicos da Biblioteca Nacional, uma cópia em microfilme da coleção completa da revista **Lusitania**, abrangendo as edições do n. 1 (fev./ 1929) ao n. 118 (dez./ 1934).

Apoiando-me nesse material teórico e nessas informações histórico-sociais iniciei a terceira fase da pesquisa: a leitura e análise dos microfilmes da coleção de **Lusitania**, entre janeiro e dezembro de 2002, e a posterior sistematização das informações coletadas. A partir de dezembro de 2002 foi desenvolvida também uma nova pesquisa bibliográfica, desta feita junto ao acervo disponível no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, em Recife, a fim de cobrir lacunas existentes na pesquisa desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro.

A última fase da pesquisa, dedicada à redação final e discussão com a orientadora, se desenvolveu a partir de novembro de 2002, com o objetivo de preparar o material definitivo para a defesa da tese.

A TESE EM SI

Este trabalho divide-se em quatro capítulos, que tratam do tema da imigração portuguesa sob diferentes enfoques, sempre tendo como referencial a revista **Lusitania**.

O primeiro capítulo, intitulado “*Ser português? A construção de um conceito nas páginas de Lusitania*”, pretende dar uma visão sociológica sobre o tema da *identidade portuguesa*, analisando não só a própria revista **Lusitania**, mas também outros elementos do capital cultural luso, como a saudade e o fado, interpretando-os como fatos simbólicos passíveis de decifração.

No segundo capítulo, “*O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico*”, é feita uma análise histórica da formação da colônia portuguesa na cidade e, também, das mudanças sofridas pela sociedade carioca a partir do *bota-abaixo* de Pereira Passos e a conseqüente remodelação urbanística e social da área central e portuária do Rio de Janeiro, fato que modificou sensivelmente as relações de trabalho e a sociabilidade de inúmeros imigrantes portugueses. Aí é discutido e analisado, também, o universo do trabalho destes imigrantes, quase sempre nas funções mais estafantes e mal remuneradas do comércio ou da área portuária.

Em “*Imprensa e imigração na República Velha: os periódicos como espaço de socialização dos imigrantes*”, terceiro capítulo desta tese, **Lusitania** é analisada a partir do universo

da imprensa imigrantista no Brasil, após breve histórico deste tipo de publicação. São destacados, também, aspectos de sua conformação estilística e visual, assim como de outros periódicos voltados não só para os imigrantes lusos, mas também para japoneses, árabes, sírio-libaneses, alemães e italianos.

No quarto capítulo, “*Lusitania e o empresariado português no Rio de Janeiro: o discurso do ‘bom empreendedor’*”, ao estereótipo do português bronco e ignorante que persiste, desde fins do Império, no imaginário brasileiro, é contraposta a imagem do “bom empreendedor” veiculado nas páginas de **Lusitania**, mostrando a importância dos investimentos e atuação da parcela mais abastada da colônia luso-carioca para o desenvolvimento da indústria e do comércio na cidade.

Por fim, nas “*Considerações finais em torno de migrações e identidades*”, há um retorno ao tema da identidade e da migração, com o propósito de discutir brevemente a relação destes conceitos ao universo dos imigrantes lusos na cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO I

“SER PORTUGUÊS”?

A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO NAS PÁGINAS DE *LUSITANIA*

À GUIA DE APRESENTAÇÃO

Rio de Janeiro, 17 de julho de 2001, pouco antes das sete da noite. Apesar do dia ensolarado e quente, nem lembrando inverno, o início da noite é agradável, uma leve brisa que sopra da Baía da Guanabara agita a folhagem das árvores da Praça Tiradentes. Passos apressados, de alguns, e vacilantes, de outros, comprimem-se ao subir os degraus do *foyer* do Teatro João Caetano, no centro da cidade. Toca o primeiro sinal: cinco minutos para o *show*. Os últimos a chegar correm a seus lugares. As lâmpadas da platéia se apagam, e tudo o que pode se ver é o palco. A escuridão faz todos se calarem. Afinal, velhos senhores e senhoras, homens e mulheres de meia idade, jovens de 30 anos ou menos e adolescentes, estão todos ali para encontrar uma conhecida muito querida, que talvez os lembre de algo que faz parte de sua história, seja por nascimento ou por herança.

Sete e meia. Tocam os primeiros acordes. Os instrumentos vão se apresentando aos poucos, cada um com suas sutilezas harmônicas. Por fim, surge uma silhueta ao fundo do palco, que logo é coberta pelo foco do refletor. Uma senhora vestida de negro, com os cabelos fartos e acobreados, carregando sobre os ombros um lindo xale rendado. Aplausos esfuziantes a recebem. Todos parecem se transportar no tempo e no espaço, talvez enxergando ali alguém que sabem já estar

morta há mais de um ano. Mais uma vez, crêem estar a escutar sua cantadeira amada, Amália. As cordas das guitarras portuguesas, tangidas por dedos ágeis, plangem sua melodia característica. Soa o fado. Todos se sentem mais portugueses, mesmo aqueles nascidos no Brasil.

Mas tal fato seria impossível. A diva do fado está morta. Quem está a cantar não é Amália Rodrigues. A garganta que derrama os versos lânguidos dos fados que delicias a platéia é Bibi Ferreira, transmutando-se naquela que todos os presentes talvez quisessem ver em carne e osso e, mais ainda, escutar, ao vivo, novamente. O espetáculo, contudo, cumpre seu papel. Nenhum dos presentes conseguiria diferenciar a voz de Amália daquela que brota dos lábios de Bibi, tal é sua perfeição. A saudade, talvez, faça com que todos vejam e ouçam aquela que desejavam estar viva.

Entre um fado e outro, Bibi vai encarnando Amália, fazendo suas as palavras dela, desfiando detalhes da vida da cantadeira como se fosse ela mesma a falar, com seu sotaque lisboeta. Às nove e meia o show está terminado. Bibi reassume sua identidade, apresenta os músicos, agradece à platéia e, já falando sem sotaque estrangeiro, se despede, prometendo o lançamento de um CD com as músicas que ali haviam sido cantadas. As cortinas se fecham e aquele espaço mágico, que durante duas horas fora tão lusitano, se esvazia lentamente.

* * *

O pequeno relato com que abro este capítulo mostra um pouco daquilo que ainda hoje, em pleno século XXI, se pode encontrar no Rio de Janeiro. Imigrantes

portugueses e seus descendentes revivendo e reconstruindo sua identidade¹ através de sua herança cultural, de músicas que remetem à *terrinha* deixada no além mar.

A proposta deste trabalho é tentar, justamente, lançar algumas bases para a compreensão de parte do processo de construção desta *identidade* portuguesa no Brasil, através de uma fonte específica: a revista **Lusitania**, publicada na antiga Capital Federal entre 1929 e 1934.

AFINAL, "A QUE VEM" *LUSITANIA*?

Louvar a *terrinha*, cultivar as tradições, reviver a História da *Nação Lusa*, informar-se sobre o cotidiano das colônias africanas, sentir-se parte do “vasto império” português. **Lusitania** nos traz esse interessantíssimo painel, retratando a colônia portuguesa no maior centro urbano brasileiro à época, num período marcado por intensa efervescência política e social e, também, pela transição da Revolução de 30 e conseqüente consolidação do getulismo.

Mergulhar em suas páginas significa, de imediato, travar contato com o universo de signos e significados que contribuíram para a construção do “ser” imigrante português no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30 do século XX. Significa começar a adentrar a profunda trama de relações e convenções sociais que se sobrepuseram ao apenas “ser português” para daí surgir a *identidade* de ser imigrante português nos trópicos da ex-possessão lusitana. Este fenômeno, *a constituição de uma*

¹ Podemos dizer que a idéia de identidade se tornou, com o passar do tempo, algo difícil de se delimitar. Como definir algo constituído por infinitas dobras e camadas, que se mostram em diferentes momentos, assumindo seus contornos de acordo com as fronteiras que lhe são impostas no convívio social? Podemos mesmo dizer que *identidade*, como algo tangível e claramente perceptível, não existe. No entanto, sempre vai haver lugar para se tentar entender o que faz de cada um de nós, ou de cada grupo social, algo diferente.

identidade coletiva específica, que representa nosso núcleo de interesse, encontra em **Lusitania** uma fonte privilegiada.

Entendendo que analisar o contexto da publicação desse periódico da colônia portuguesa significa, na realidade, debruçar-se sobre *um fato cultural* na mesma acepção delineada por Clifford Geertz - ou seja, partindo-se do pressuposto de que não se pode estudar a cultura através de generalizações universalizantes, mas sim de particularidades em que se inter-relacionam a psique, a sociedade e o indivíduo (1978: 52-53) - estaremos somente nos aproximando da compreensão do que era *ser imigrante português* nas ruas cariocas do início do século XX. Desse modo, por mais que busquemos o sentido da identidade do imigrante d'além mar nas páginas de **Lusitania**, só a vislumbraremos de modo fugidio, só o conseguiremos de forma incompleta: podemos, sim, avançar no entendimento do que significou a "cultura" que originou tal identidade. Ainda lembrando as palavras de Geertz:

"Um dos fatos mais significativos a nosso respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie." (1978: 57)

E que espécie de vida vivia o leitor de **Lusitania**? Em que universo ele se inseria? Que tipo de olhar podemos lançar sobre ele?

De princípio, cabe destacar que o Rio de Janeiro era, logo no começo do século XX, uma efervescente capital de pouco mais de 800.000 habitantes, dos quais cerca de 25% de nacionalidade estrangeira e, desses, mais da metade, portugueses².

² Dados do censo de 1906, na cidade do Rio de Janeiro: população total - 811.443; estrangeiros - 210.515; portugueses - 133.393 (Chalhoub, 1986: 24-26). O Rio de Janeiro abrigava, então, quase

Tratava-se de uma metrópole que respirava ares de modernidade: Pereira Passos reformulara o centro da cidade com o “*bota-abaixo*”, expulsando para a periferia os trabalhadores pobres que antes habitavam os cortiços da área próxima ao cais do porto; Oswaldo Cruz lutava contra as doenças infecto-contagiosas que empestavam becos, ruelas, cortiços e riachos cariocas - o que também impulsionava a reorganização do espaço urbano da Capital Federal - ao mesmo tempo em que a classe média alta e endinheirada descobria a orla de Flamengo e Botafogo e começava a construir lá, “longe da imundície”, seus espaçosos sobrados decorados com arabescos *Art Noveau*.

Isso tudo acontecia na primeira década do século XX. O Rio de Janeiro, contudo, começara a se tornar um pólo da colônia portuguesa ainda nos últimos anos do século XIX: a cidade recebeu um fluxo contínuo de imigrantes lusitanos, especialmente após 1890 (Chalhoub, 1986: 25). Ao enorme exército de mão-de-obra disponível formado por brasileiros - fossem eles brancos pobres, mestiços ou negros recém-libertos - somaram-se os portugueses que fugiam da grave crise econômica que se abatera sobre a zona rural de Portugal a partir de então.

O início da República naquele país, em 1910, só fez aumentar a “debandada” para o Brasil. No entanto, ao invés de trabalhadores pobres e, na maioria das vezes, iletrados, os portugueses que começaram a aportar no Rio de Janeiro na década de 10 eram da classe média: vinham para se fixar no Brasil, trazendo um pequeno capital financeiro ou cultural e com o objetivo expresso de se tornar empreendedores ou profissionais liberais. Na verdade, segundo Zuleika Alvim, no

quatro vezes a população de São Paulo (239.820 habitantes) e Salvador (205.813), sessenta vezes a de Belo Horizonte (13.472), onze vezes a de Porto Alegre (73.647) e mais de sete vezes a

Rio de Janeiro “os portugueses dominaram os negócios de atacado e varejo mais do que outros imigrantes de qualquer nacionalidade” (1998: 285)³. O sonho desses imigrantes era bem diferente dos que haviam chegado anos antes, buscando enriquecer para, algum dia, retornar à *terrinha*. Esses novos filhos da Nação Lusa fugiam, também, das disputas políticas entre republicanos e monarquistas que passaram a agitar o país e, depois de 1914, da Grande Guerra que assolava a Europa, embora o montante total de portugueses emigrados para o Brasil, durante o conflito, seja bem menor do que o dos anos anteriores (Ver Pereira, 1981 e 2002).

Foi essa conjuntura que deu subsídios para o surgimento de **Lusitania**. Formara-se no Rio de Janeiro, entre 1890 e 1929, uma sólida comunidade de imigrantes portugueses de classe média⁴, acrescida de seus descendentes, quase sempre ligada ao comércio e que iria se constituir no universo cujas aspirações, concepções de mundo, convicções políticas e convivência social passaram a ser retratadas pela revista, nos seus quase seis anos de existência.

população de Recife (113.106) (**Anuário estatístico do Brasil**, IBGE, 1995).

³ Mais que dominar o comércio no Rio de Janeiro, em 1920 cerca de 39,75% dos portugueses residentes no Brasil moravam naquela cidade: de uma população total de 1.157.873 habitantes na Capital Federal, 172.338 eram de origem lusitana (ver *Anexos*, Tabela I, Tabela II e Tabela III).

⁴ Como qualquer comunidade de imigrantes estrangeiros no Brasil e na América em geral, a colônia portuguesa no Rio de Janeiro era formada, em sua grande maioria, por pessoas pobres que haviam fugido da miséria e da fome na Europa para encontrar, além mar, apenas um meio de continuar sobrevivendo e não, como haviam sonhado, a *Fortuna*. Foram poucos os que conseguiram amealhar algum patrimônio. Entre esses, provavelmente, estavam os leitores de **Lusitania**. De certa maneira, contudo, a possibilidade de enriquecer na América era uma idéia generalizada no imaginário da época, embora a realidade aqui fosse bem mais dura:

“(…) Desde el este, del sur, del oeste, atravesando el mar, los trabajadores llegaban [a Chicago] por cientos de miles: yanquis, rebeldes, alemanes, irlandeses, bohemios, judíos, eslavos, polacos, rusos, todos ellos hombres ansiosos que luchaban desesperados por echar dentro del estómago la comida que les permitiera seguir viviendo. Y parecía como si siempre fuese a haber dos hombres por cada empleo” (Howard Fast, citado por Garcés & Milos, 1989: 13-14).

[“Do leste, do sul, do oeste, cruzando o mar, os trabalhadores chegavam [a Chicago] às centenas de milhares: ianques, rebeldes, alemães, irlandeses, boêmios, judeus, eslavos, polacos, russos, todos eles homens ansiosos que lutavam desesperadamente para colocar

Surgida no final dos anos 20, ela era um periódico feito *pela* e *para* a classe média dessa colônia. Seus leitores estavam interessados nos destinos políticos da Nação portuguesa mas, também, nos jogos disputados por clubes de *football* como o Vasco da Gama e o Botafogo, nos bailes de carnaval, nas festas do Dia da Colônia, na leitura de artigos sobre a História de Portugal e em notícias sobre as colônias lusitanas espalhadas pelo mundo afora. Suas páginas eram feitas para informar mas também para, principalmente, *entreter* os portugueses bem sucedidos e suas famílias⁵ e alimentar a construção de sua nova identidade em terras estrangeiras, reforçando elementos e signos considerados dignos de atenção por seus editores.

Para Ana Luiza Martins, a escolha do gênero “revista” como fonte, por parte de historiadores - e a meu ver, também pelos cientistas sociais - se sustenta justamente por esta pluralidade:

“(...) a revista é gênero de impressão valorizado, sobretudo por ‘documentar’ o passado através de um registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual - reclame ou propaganda - à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores.” (Martins, 2001: 21)

É possível abordar o conjunto de práticas cristalizado em **Lusitania**, portanto, como fatos simbólicos passíveis de decifração, no mesmo sentido proposto por Pierre Bourdieu em **Esquisse d'une théorie de la pratique** (1983 b: 46-81). Este tipo de abordagem só se viabiliza se considerarmos, assim como Bourdieu, que

no estômago o alimento que lhes permitisse continuar vivendo. Parecia até que sempre existiram dois homens para cada vaga de trabalho.”]

⁵ O preço da assinatura anual (24 exemplares) de **Lusitania** para o Brasil, em 1932, era de 40\$000 (quarenta mil réis), o número avulso era vendido a 2\$000 e os atrasados a 3\$000. Segundo Angela

“(…) *As práticas mais estritamente voltadas, na aparência, para as funções de comunicação (função fática) ou de comunicação para o conhecimento, como as festas e as cerimônias, as trocas rituais ou (...) a circulação de informação científica, estão sempre orientadas também para as funções políticas e econômicas*” (1983 b: 52).

UM OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE *LUSITANIA*

Apesar de ter tido importância considerável no que diz respeito à formação social, econômica e cultural do Brasil no século XX, a imigração de origem portuguesa só recentemente - especialmente nas últimas duas décadas - tem suscitado, de modo mais freqüente, pesquisas de cunho acadêmico em nosso país⁶.

de Castro Gomes, um bom par de sapatos masculinos custava cerca de 30\$000 em 1927 (1999: 58, nota 68).

⁶ Os estudos mais recentes sobre o tema desenvolvidos no Brasil gravitam, na maioria dos casos, em torno dos aspectos históricos da imigração portuguesa. Contudo, deve-se ressaltar que apesar de acadêmicos (por terem sido produzidos como teses ou dissertações ou, ainda, representar o resultado de pesquisa desenvolvida no meio universitário) revelam uma preocupação com o resgate do cotidiano social de um grupo que, apesar de sua representatividade numérica, foi quase que relegado ao esquecimento quando se fala de imigração no Brasil, já que a maior parte das obras publicadas até hoje se refere preferencialmente à imigração de origem italiana, japonesa ou alemã. A respeito da imigração portuguesa, veja-se: Gladys Sabina Ribeiro, **‘Cabras’ e ‘Pés-de-Chumbo’: os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)** (Niterói: UFF, 1987 - Dissertação de Mestrado em História), **Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha** (São Paulo: Brasiliense, 1990) e **A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado** (Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997 - Tese de Doutorado em História), este último lançado em livro pela Relume Dumará em 2002; Luiz Felipe de Alencastro, *“Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro (1850 - 1872)”* (Novos Estudos CEBRAP, n. 21, pp. 30-56, 1988); Maria Manuela Ramos de Sousa Silva, **Ambição e horror à farda ou a saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883/ 1889)** (3 vols., São Paulo: FFLCH-USP, 1991 - Tese de Doutorado em História Social); Maria Beatriz Nizza da Silva, **Filantropia e imigração: a Caixa de Socorros D. Pedro V** (Rio de Janeiro: Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, 1990) e **Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil (1850 - 1938)** (Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras/Nórdica, 1992); Luiz Cláudio Machado dos Santos, **A emigração portuguesa e a formação da comunidade lusa no Brasil (1850 - 1930)** (Brasília: UnB, 1993 - Dissertação de Mestrado em História); Rosane V. A. Santos, **A emigração portuguesa no contexto da economia cafeeira (1870 - 1890)** (Curitiba: UFPR, 1993 - Dissertação de Mestrado em História); Vanessa Tavares Dias, *“O ideário imigrantista e a literatura de ficção: a imagem do imigrante português no Brasil”* (trabalho apresentado na III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ, 1996) e **Memórias**

Estas pesquisas, no entanto, tráfegaram preferencialmente pela vertente histórica, existindo uma lacuna considerável no tocante à pesquisa de enfoque sociológico. Assim, considero que o estudo da revista **Lusitania** pode fornecer subsídios vários para a construção de um melhor entendimento do que significava, do ponto de vista sócio-antropológico, *ser imigrante português* no Brasil das três primeiras décadas do século XX, e de como se articulavam, nesse sujeito, auto-imagem e práticas sociais.

Pierre Bourdieu (1996 b: 164) afirma ser esse um dos papéis da sociologia, ou seja, erigir e estruturar uma “teoria geral da economia das práticas”. Mais ainda:

“[A tarefa da sociologia é] (...) revelar as mais profundas estruturas construídas pelos inúmeros mundos sociais que constituem o universo social, assim como os ‘mecanismos’ que tendem a assegurar

da casa: um estudo sobre mulheres imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1997 - Dissertação de Mestrado em Sociologia); Ana Maria de Moura Nogueira, **Como nossos pais: uma história da memória - Imigração portuguesa em Niterói (1900/1950)** (Niterói: UFF, 1998 - Dissertação de Mestrado em História); Artur Nunes Gomes, “*Real Gabinete Português de Leitura e Arouca Barra Clube: a reconstrução da portugalidade no Rio de Janeiro*” (trabalho apresentado na III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ, 1996) e **Sob o signo da ambigüidade: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro** (Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998 - Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Há também um número especial da revista **Acervo**, publicada pelo Arquivo Nacional (vol. 10, n. 2, jul./dez. 1997) dedicado à imigração, que traz três artigos tratando especificamente da imigração portuguesa: “*Imigração portuguesa e movimento operário no Brasil: fontes e arquivos de Lisboa*”, de Fernando Teixeira da Silva, “*Portugueses no Brasil: imaginário social e táticas cotidianas (1880-1895)*”, de Maria Manuela R. de Sousa e Silva e “*Açorianos e madeirenses no sul do Brasil*”, de Walter F. Piazza. Mais recentemente, Angela de Castro Gomes organizou uma coletânea dedicada à imigração no Estado do Rio de Janeiro, **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro** (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000), onde dois capítulos tratam dos portugueses: “*Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos*”, escrito por Lená Medeiros de Menezes, e “*No ritmo da Banda: histórias da comunidade lusa da Ponta D’Areia*”, de Ana Maria de Moura Nogueira; Eulália M^a Lahmeyer Lobo publicou, em 2001, seu **Imigração Portuguesa no Brasil** (São Paulo: Hucitec), versão brasileira de **Portugueses en Brasil en el siglo XX** (Madrid: Editorial Mapfre, 1994); em 2002, Carlos Lessa organizou a coletânea **Os lusíadas na aventura do Rio moderno** (Rio de Janeiro: Record) e Maria Izilda Santos de Matos lançou seu **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho** (Bauru: EDUSC), focando especialmente a imigração lusa para São Paulo.

sua reprodução ou transformação.”⁷ (Bourdieu & Wacquant, 1992: 07)

Desenvolvendo essa “postura sociológica”, Bourdieu deseja mostrar-nos que as ações e atitudes individuais e/ ou coletivas dos seres humanos são determinadas por elementos que vão além da simples intenção objetiva, posto que são adquiridos inconscientemente, a partir do convívio social, e são por esse convívio, em certo sentido, determinados (Bourdieu, 1996 b: 170).

Ora, as práticas sociais se dão dentro de um ambiente determinado, que Bourdieu denominou de “campo” e definiu como um espaço estruturado a partir de posições de poder (1983 a: 89) e trocas simbólicas que independem dos ocupantes dessas posições (1989: 07-08). No nosso caso, esse *campo* estaria delimitado pelo universo da colônia portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, durante as primeiras décadas do século XX.

Na verdade, o *campo*, na visão de Bourdieu, é o palco em que se desenrolam as inúmeras relações que constituem a estrutura social. Ao dedicar-se ao estudo de *campos* específicos, no entanto, Bourdieu pôde constatar a existência de “leis genéricas”, que se aplicam a quaisquer *campos*, sejam eles da esfera religiosa, intelectual, partidária, social, literária, acadêmica, artística ou política (1983 a: 89-94). **Lusitania** poderia ser considerada, desse modo, apenas como uma parte de um campo mais amplo, o da imigração portuguesa no Brasil. Contudo, podemos tomá-la como a cristalização de uma parte significativa deste campo: aquela que representa

⁷O texto original:

as posições de poder existentes no universo luso-carioca e, por extensão, luso-brasileiro.

Ora, para que se tornem possíveis as relações sociais - ou, nos termos bourdieunianos, “se dê o jogo” - é preciso que haja um motivo, um “objeto de desejo” que motive os indivíduos e os leve “a respeitar as regras” desse “campo”:

*“Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.”*⁸ (Bourdieu, 1983 a: 89)

Não seria a necessidade de reconstruir a identidade lusa no Brasil este *objeto de desejo* presente nas páginas de **Lusitania**? E em relação ao *habitus* de classe dos seus leitores, quais os elementos simbólicos que podem contribuir para sua identificação? Ora, o *habitus* não se resume ao conhecimento das regras do jogo apenas. Segundo Bourdieu, além de representar o “*sistema das disposições socialmente constituídas*” (1992: 191), ele é “*produto da interiorização das estruturas objetivas*” (1992: 201) do campo.

Assim, a utilização das categorias de *habitus* e *campo* na análise da colônia portuguesa no Rio de Janeiro - especialmente de sua parte que se expressa através da revista **Lusitania** - permite-nos, seguindo a estrada aberta por Bourdieu, romper com o paradigma estruturalista sem incorrer na retomada de conceitos do individualismo metodológico, ao mesmo tempo em que nos coloca numa posição

“[The task of sociology is] (...) to uncover the most profoundly buried structures of the various social worlds which constitute the social universe, as well as the ‘mechanisms’ which tend to ensure their reproduction or their transformation.”

⁸ Grifo do autor.

oposta à daquela visão reducionista que define o agente como mero suporte da estrutura social.

O objetivo de Bourdieu, ao construir a categoria de *habitus*, era evidenciar a criação, a atividade e a inventividade do agente, relacionando-as ao “conjunto de posses” socialmente incorporadas ao indivíduo, que ele definiria como *capital* (Bourdieu, 1989: 61). Ao se estudar o discurso e as representações de mundo presentes em **Lusitania** estaríamos, portanto, identificando os elementos constitutivos deste *capital simbólico*, no *campo* mais abrangente da imigração portuguesa no Brasil.

Além disso, ao entender que o *habitus* funciona como um conjunto de estruturas “*que determinam a ação individual (...) sem a referência ‘necessária’ às crenças ou o conhecimento dessas especificidades por parte dos indivíduos (...)*” (Loesberg, 1993: 1038)⁹ que fazem parte dessas grandes estruturas (lingüísticas, políticas, sociais, religiosas, etc.), o pensamento bourdieuniano rompe com uma visão unívoca das sociedades, tão comum nos estudos formalistas.

Já em relação ao conjunto de posses que vai constituir o *capital*, é o universo social que vai delimitar, juntamente com as relações de poder, a estrutura desse *capital* e definir seu valor intrínseco, mesmo que este valor seja determinado por grupos que são externos ao *campo* em questão. No universo expresso em **Lusitania**, o *capital* considerado como válido parece ser o mesmo pertencente ao de setores mais conservadores, tanto da sociedade carioca quanto da sociedade portuguesa. E

⁹ Literalmente, Loesberg sustenta:

“Bourdieu’s definition of the habitus (...) proposes structures that determine individual action, thus allowing the political analysis of language, works of art, and cultural institutions without necessary

são justamente os valores ligados à tradição lusa que são reforçados em cada um dos editoriais de **Lusitania**. Ali Portugal aparece como um país glorioso, que apesar de ser visto pelas outras nações européias como decadente, possui todas as qualidades intrínsecas e necessárias para ocupar um lugar de destaque no cenário internacional:

*“O nosso programma? Está traçado pelo titulo. Lusitania diz tudo. Lusitania é a batalha da Patria, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. A luta contra os romanos e contra os mouros, a defeza do Condado Portucalense, as arrancadas contra Napoleão e contra os Felippes, a Independencia, as Cruzadas, as Quinas. Lusitania é Guimarães, Ourique, Aljubarrota, Alcacer-Kibir, o Bussaco, Armentiérs. Lusitania é Viriato, Affonso Henriques, Egas Moniz, Nuno Alvares, o Mestre de Aviz. Vasco da Gama, o Infante de Sagres, **Os Lusíadas** e as descobertas, o Brasil. Camões e o amor. Lusitania é a epopéa gigantesca do nosso passado, o espirito, a coragem e o genio da Raça. Lusitania é Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Milhões; é a aventura de um povo que ha 18 seculos luta pela civilização, pela crença e pela gloria. Lusitania somos nós, é a nossa fé, o nosso ardor combativo. Lusitania é Portugal.”*¹⁰

“AS INVESTIDAS da ignorância não devem perturbar-nos. Portugal não é uma nação decadente. Decadentes são as nações que não continuam o seu poder através dos seculos, que se desmoronam e desmoralisam, que se entregam á ociosidade e ao abandono de si mesmas. E Portugal tem trabalhado sem cessar, tem evoluído sempre, tem mantido o seu logar na Historia. Nas letras, nas sciencias, nas artes, nas industrias, no commercio, na politica, na acção e nas idéas.

reference to the beliefs or awareness of specific individuals caught up in those longer structures.”
(Loesberg, 1993: 1038)

Do passado vivem os países estacionários, fracos, que não têm presente que os imponha. E Portugal é uma força actual, sempre nova, constructiva e audaz, latente, formidável; um povo que hoje, como hontem, caminha na vanguarda do progresso e da civilização do Mundo. Portugal não é uma nação morta. Mortas são as nações que não têm energia, que não acompanham as outras na acção transformadora das coisas e da vida, que param de lutar. E Portugal tem todas as primitivas energias da Raça e todas as iniciativas, aspirações e entusiasmos do espirito moderno.”¹¹

“O sentido de Portugal é o sentido do Atlantico - sonho irrevelado de mil aspirações torturadas e insatisfeitas - o sentido do mar, da expansão, da eternidade dos mundos, da aventura e da coragem, dos grandes feitos, da revelação e da conquista. É o sentido da vida e da civilização, da saudade e da gloria, do trabalho e da fé, das caravellas e dos aviões.

Andamos, ha oito seculos, a correr atraz de um sonho. E esse sonho é a nossa vida, o nosso sentido esthetico, moral, politico, literario, nacional. A idea da Patria, sonhada e defendida por Viriato muitos seculos antes da existencia de Portugal, veio até nós no canto dos poetas, vibratisada pelas espadas dos nossos guerreiros, espalhada e engrandecida pela aventura dos descobridores. E a sua grandeza é o sonho da nossa gente, da nossa Raça. Foi elle que levou Vasco da Gama á India e trouxe Pedro Alvares Cabral ao Brasil. Foi elle, foi esse sonho de expansão e triumpho, que levou D. Sebastião á Africa, como symbolo da crença e do heroismo

¹⁰ Editorial, “*Crer, lutar, vencer*”, **Lusitania**, ano I, n. 1, 01/ fev./ 1929, p. 5.

¹¹ Editorial, “*Portugal novo: o Portugal glorioso de sempre*”, **Lusitania**, ano I, n. 2, 16/ fev./ 1929, p. 5.

*portugueses, e fez a arrancada do Bussaco e a epopéa de Aljubarrota.”*¹²

Se o *habitus* gera a ação, ele também não obedece a regras objetivamente definidas, nem tampouco pode ser “adquirido” (do mesmo modo que o *capital*) por qualquer indivíduo, a seu bel-prazer, em qualquer momento. Seu possuidor só desempenha com desenvoltura seu papel nas relações sócio-simbólicas por ser um dos “jogadores” que conhece as “regras-habitus” do *campo*. E essas regras, em se tratando da elite da colônia portuguesa carioca, em boa medida estão estampadas nas 118 edições de **Lusitania**¹³, onde eram constantemente reafirmadas: 1) Portugal é uma nação possuidora de um passado grandioso; 2) embora pareça ter fenecido, a grandeza de Portugal encontra-se apenas adormecida; 3) é tarefa precípua dos cidadãos portugueses espalhados pelo mundo bradar aos quatro ventos essa grandeza; 4) uma das formas de fazer ver ao resto do mundo essa grandeza é divulgar a cultura, os valores e as tradições lusitanas; 5) além dos elementos culturais, a base da grandeza lusa é o trabalho e o perfil empreendedor do povo português (primeiro como colonizador, depois como imigrante).

Para Bourdieu as relações sociais podem ser vistas como interações simbólicas, mas as trocas lingüísticas, especialmente, “são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus respectivos grupos” (1996 a: 23-24). Não seriam essas relações de força as presentes em **Lusitania**? Nesse sentido, as atitudes e o próprio discurso ali presentes tem um sentido prático, carregado de eufemismos,

¹² Editorial, “O sentido de Portugal”, **Lusitania**, ano I, n. 4, 16/ mar./ 1929, p. 5.

paradoxos, contradições, hipérboles, altivez, eurocentrismo e arrogância, mas de um modo que parece ser não totalmente consciente. Em geral, a fala e a ação são atos condicionados por inúmeros elementos independentes entre si, dos quais se destacam o *habitus* lingüístico e a estrutura do *mercado* lingüístico.

Ao estudar as relações entre linguagem e poder simbólico, Bourdieu se preocupa em demonstrar - como o denuncia o título original¹⁴ de um dos livros em que se dedica a essa empreitada - “o que falar quer dizer”. Para tanto, ele vai afirmar, entre outras coisas, que qualquer palavra só tem sentido social quando inserida num discurso ou numa conjuntura lingüística. O detalhe, nesse caso, é que o sentido do discurso, assim como seu valor simbólico, é moldado pelo *mercado lingüístico*. Portanto, um dos meios possíveis de se compreender melhor um dos vários significados socialmente construídos do *ser imigrante português* no Rio de Janeiro é adentrar e esmiuçar o *mercado lingüístico* presente nas páginas de **Lusitania**.

Efetivamente, a tentativa de compreensão das implicações e efeitos simbólicos da linguagem deve, *a priori*, considerá-la como “o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas” (Bourdieu, 1996 a: 28). Por isso mesmo, a integração dos indivíduos numa mesma *comunidade lingüística* se torna a condição primordial para que se estabeleçam as relações de dominação simbólico-lingüística, e é essa comunidade que está estampada nas páginas de **Lusitania**.

¹³ A coleção completa de **Lusitania**, englobando as edições do n. 1 ao n. 118 (fev./1929 - dez./1934), encontra-se disponível para consulta na seção de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e também na coleção do Real Gabinete Português de Leitura, na mesma cidade.

¹⁴ Trata-se de **Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques** (Paris: Librairie Arthème Fayard, 1982), publicado no Brasil como **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer** (São Paulo: EDUSP, 1996).

Segundo Bourdieu, é através do domínio do *habitus* lingüístico que se dá, de fato, o uso de um sistema simbólico determinado a fim de ter e manter o poder político. Os confrontos entre “falares” distintos vão além daqueles definidos pela lingüística, e se traduzem em usos sociais da língua que definem o seu próprio valor através da reprodução da estrutura social no universo simbólico, justamente por que o domínio do “falar a língua legítima” depende diretamente do patrimônio social e reproduz as distinções sociais existentes de fato, reforçando-as. Nesse sentido, ler as páginas de **Lusitania** pode nos trazer, também, o conhecimento das estruturas de poder que se construía dentro da própria colônia portuguesa e, por extensão, nas relações dos imigrantes entre si e com a sociedade carioca.

Bourdieu quer que fique claro um detalhe apenas: o uso que se faz da língua depende diretamente da “distribuição” do *capital* lingüístico e, por conseguinte, do acesso à aquisição desse *capital* (através do sistema escolar, por exemplo) e, portanto, da própria estrutura de classes e suas relações inter-estamentais (Bourdieu, 1996 a: 52). Em síntese: “*A dominação simbólica (...) apóia-se no desconhecimento, portanto, no reconhecimento, dos princípios em nome dos quais ela se exerce*” (Bourdieu, 1996 b: 174).

Assim, as produções simbólicas originadas pelas classes dominantes tornam-se um instrumento de dominação, posto que a cultura dominante dissimula a divisão de classes através da “comunicação” entre as culturas subalternas, passando a avaliá-las e defini-las de acordo com a sua distância em relação à cultura dominante (Bourdieu, 1989: 11). Isso quer dizer que a imposição ideológica através dos sistemas simbólicos se dá de um modo não diretamente perceptível, em que o *capital simbólico* do grupo é classificado segundo os parâmetros do discurso e da ideologia dominantes, seja ela de ordem filosófica, moral, econômica, jurídica, religiosa ou

étnica. Parece justamente ser este o caso dos editoriais de **Lusitania** e também de boa parte das matérias publicadas em suas edições.

Segundo Bourdieu, a existência dos sistemas simbólicos está subordinada à estrutura do campo em que eles são produzidos e reproduzidos. O que agrava essa “existência” é o fato de que através dela se efetiva uma violência simbólica “*que extorque submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em ‘expectativas coletivas’, em crenças socialmente inculcadas*” (Bourdieu, 1996 b: 177).

O que vai denotar essa “violência simbólica” de modo mais perceptível? Na perspectiva de Bourdieu, a classificação que se faz de tudo, tendo como parâmetro um elemento ou uma convenção externa àquilo que se classifica:

“Na existência ordinária, praticamente só se fala daquilo que é, para dizer, por acréscimo, que é conforme ou contrário à natureza das coisas, normal ou anormal, admitido ou excluído, bendito ou maldito. Os substantivos são combinados a adjetivos tácitos, os verbos, a advérbios silenciosos, que tendem a consagrar ou a condenar, a instituir como digno de existência e de perseverar no ser, ou, ao contrário, a destituir, a degradar, a desacreditar.” (Bourdieu, 1994: 16-17)

O poder simbólico que se cristaliza através dos usos da linguagem, portanto, serve para corroborar outras formas de poder. Ele é “*uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada*” (Bourdieu, 1989: 15), e por isso subreptícia, desses outros poderes, e só pode ser exercido e reproduzido na medida em que existe um “*desconhecimento dos fundamentos verdadeiros da dominação*” (Bourdieu, 1994: 20).

Desse modo, podemos afirmar que o *poder de editar* uma revista é, em si mesmo, um ato de força dentro de jogo de poderes, fora do qual *ele* se torna incompreensível. **Lusitania** não pode ser vista somente como uma *revista-mercadoria*, publicada para que seus editores/ diretores possam auferir lucros como empresários da imprensa: ela pode ser interpretada como uma *revista-fala*, como uma *revista-discurso* que, por isso mesmo, deve ser lida e analisada sob um enfoque que pretenda ir para muito além de suas páginas.

Assim, cabe-nos perguntar: quais eram as *formas de poder* que se cristalizavam através dos discursos presentes nas páginas de **Lusitania** ? Se existiam, quais eram os meios de dissimulação utilizados pelo “*discurso autorizado*” naquela publicação? Qual era a imagem do *ser português* que a revista queria construir?

A partir da última década do século XIX e durante toda a Primeira República se tornou comum, no Rio de Janeiro, um sentimento de antilusitanismo, especialmente pelo fato de os trabalhadores de origem portuguesa dominarem o mercado de trabalho no setor comercial e em várias atividades ligadas à manufatura e às atividades artesanais, ao mesmo tempo em que ocorria um “inchaço” populacional na cidade e as taxas de desemprego aumentavam (Ribeiro, 1987 e 1990). Sob esta perspectiva, como a própria linguagem da colônia portuguesa no Rio de Janeiro do entre-guerras vai se reelaborando em função e como expressão dessas relações de poder?

COMO LER LUSITANIA?

“*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*”: era esse o dístico estampado logo abaixo da logomarca de **Lusitania**, no *box* do

expediente, usualmente publicado no topo da quinta página da revista. Definição concisa e de uma precisão solene e pomposa para o periódico mas, também, que insinua uma série de possibilidades do *como ler* suas páginas. Na verdade, qual o sentido de se publicar uma “revista de propaganda” portuguesa - que traz sob sua logomarca os dísticos “*Pela Grandeza da Pátria, Pela Eternidade da Raça*”¹⁵ - na cidade do Rio de Janeiro?



Fig. 1 - Box do expediente do n. 75 de **Lusitania** (1º/mar./1932).

A primeira impressão que temos, ao folhear suas edições, é que a comunidade luso-carioca tinha um forte sentimento de *identidade*¹⁶, intrinsecamente ligado às tradições orais, folclóricas e culturais de Portugal. Fala-se da História portuguesa, da literatura portuguesa, da arte portuguesa, dos intelectuais portugueses, dos tipos locais de Portugal, das paisagens e províncias portuguesas...

Mas qual a relação que isso tudo teria com a análise da colônia luso-carioca através da leitura que pretendemos fazer das páginas de **Lusitania**?

¹⁵ Expressão que figurava em letras mínimas no *box* do expediente de **Lusitania**, como se pode ver na fig. 1.

¹⁶ Ou, talvez, sentia-se ameaçada nesta *identidade*, a qual tornava-se preciso consolidar e definir concretamente, mesmo que através das páginas de uma revista.

OS LEITORES DE LUSITANIA COMO GRUPO SOCIAL

Diferenças culturais, religiosas ou étnicas sempre foram motivos para conflitos. Essa é uma constatação muito fácil de ser alcançada. Sob um olhar sociológico, no entanto, a diversidade que ocasiona o conflito pode adquirir novos contornos. Nesta interdisciplinaridade dita pós-moderna em que vivemos, novas perguntas se entreabrem: o que causa a diversidade? Até que ponto um indivíduo ou um grupo constrói sua *identidade*, de maneira que sua convivência com outros indivíduos ou grupos se torne extremamente delimitada e regida por certos parâmetros e comportamentos socialmente definidos? De que modo um grupo minoritário consegue se manter coeso e distinto em meio a uma sociedade que tende a assimilá-lo e absorvê-lo? Onde está o interesse em fazê-lo? Até que ponto se conseguiu fazê-lo? Quais são os mecanismos de sobrevivência que as minorias constroem? Até que ponto suas estratégias de conservação são eficazes? Seria preciso, por acaso, construir um conceito que dê conta da ambigüidade existente entre integração/ conservação *versus* segregação?

Esses questionamentos sócio-antropológicos são extremamente férteis - se somados ao enfoque histórico - quando se discute a imigração européia para o Brasil a partir do século XIX. No caso dos leitores de **Lusitania**, portanto, o que se pode buscar é o entendimento dos determinantes sociológicos de seu agrupamento em torno de uma publicação tão refinada e de objetivos editoriais tão bem definidos. Qual a necessidade de se editar uma “*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*” na Capital Federal de um país que mal começara a dar seus primeiros passos na modernidade? Como isso expressa o estado de uma luta de poderes dentro da própria colônia luso-carioca?

Poderíamos considerar **Lusitania** apenas como uma reação dos imigrantes ao antilusitanismo que se exacerbava no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX (Chalhoub, 1986: 36; Ribeiro, 1987 e 1990). Tal raciocínio, no entanto, não seria por demais simplório? Não existiriam outros valores a motivar a existência de **Lusitania** e sua sobrevivência por longos quase seis anos, num mercado editorial marcado pela efemeridade dos empreendimentos editoriais, mesmo quando dirigidos a um público tão específico?¹⁷

Em outras palavras, o que fazia dos leitores de **Lusitania** um grupo socialmente delimitado, com uma *identidade* específica?

A SAUDADE E OS PORTUGUESES: *HABITUSE* IDENTIDADE

Um dos elementos recorrentemente considerado por vários autores como de grande importância na construção da *identidade* portuguesa é a saudade. É possível dizer, sobre os portugueses, que carregam em si uma saudade profunda mesmo daquilo que nunca foram. São povo marítimo, quase desterrado pela geografia montanhosa e pelo clima seco que fizeram sua agricultura tão insípida. Deste destino escaparam lançando-se ao mar, buscando realizar-se além das ondas que fustigam o Cabo de São Vicente. Mas tal busca, mesmo que encerrada, nunca se basta. Resta sempre uma incompletude, uma satisfação a preencher, um *não-sei-quê* que torna os portugueses seres enigmáticos e incompreendidos, apesar de sua conhecida facilidade em mesclar-se à cultura dos locais onde aportam.

¹⁷ Ver Gomes (1999) e Martins (2001).

Esse *não-sei-quê*, na acepção definida por Carolina Michäelis de Vasconcelos (1996: 31), trata-se de figura semântica chamada pós-moderna (Calabrese, 1988) e faz parte da cultura portuguesa desde suas origens e talvez não seja outra coisa senão a saudade. E é a *saudade* que constrói não só a unidade do povo português, mas também a “*identidade*” do sujeito português enquanto indivíduo, especialmente depois que fenece o brilho do vasto Império Colonial espalhado pelos quatro cantos do mundo e as fronteiras da Nação Lusa começam a encolher absurdamente, ainda no século XIX.

A saudade, embora presente na literatura lusitana desde autores anteriores a Camões, dentre os quais se destaca, sem dúvida, D. Diniz (Rodrigues, 1996: 20), chegou até nossos dias como uma construção do romantismo do século XIX. Se antes, ainda na Idade Média, era vista como “*uma aflição da alma*” (Lourenço, 1999: 26), já em meados do século XIX adquiriu a aura de um retorno mítico, mas não nostálgico, a algo perdido de fato na circunstancialidade do mundo moderno. Os portugueses têm a consciência da temporalidade da existência, tal qual afirma Eduardo Lourenço (1999: 34), mas buscam uma completude inalcançável, completude em que possam efetivar-se enquanto motor de sua própria história. Daí a associação que podemos fazer entre a saudade portuguesa e a emotividade do imaginário romântico, marcado pela melancolia e pela tristeza.

Na pintura romântica, por exemplo, o homem é quase sempre apresentado à grandeza indomável da natureza, frente à qual costumeiramente se apresenta ou a possibilidade de contemplação nostálgica com ar de *déja vu* de uma era mais bucólica - em contraposição à escalada tecnicista da Revolução Industrial de meados do século XIX - ou de confrontação do indivíduo consigo mesmo, numa opressiva

solidão que não encontra solução nem mesmo na autocontemplação, já que “*o sono da razão produz monstros*”¹⁸ que nem mesmo a natureza pode ajudar a exorcizar (Wolf, 1999).

A saudade portuguesa não quer voltar ao passado. Sua nostalgia é outra. Na verdade, deseja trazer o passado ao presente, revivendo-o em seu caráter mítico. É através da saudade que vai se reconstruir a glória perdida dos tempos de Alcácer-Kibir¹⁹, da formação do Condado Portucalense²⁰ ou, mesmo recuando ainda mais no tempo, da resistência aos invasores romanos²¹. Chega a parecer que é somente através desta saudade que pode se tornar possível a construção da *identidade* do sujeito português. Se não houver referência a ela não se completa o ciclo, não se tem a consciência de a que se veio. Essa construção é intrinsecamente romântica, justamente por representar uma tentativa de ressurreição mítica de uma glória perdida nas vagas oceânicas de eras mais heróicas.

Desse modo, pode-se afirmar que a saudade, tal qual se apresenta na cultura lusitana, é construção simbólica essencialmente portuguesa. Se nós brasileiros também a temos, se ela também faz parte de nosso universo cultural, mesmo que sem a mesma intensidade, importância e motivação, é por pura ascendência e

¹⁸ Frase presente numa das mais famosas gravuras de Goya.

¹⁹ Cidade do Marrocos onde, a 04 de agosto de 1578, o exército português, sob o comando de D. Sebastião, foi destruído numa batalha contra os mouros. Também foi nesta batalha que o infante desapareceu, dando origem ao mito do sebastianismo português.

²⁰ Condado pertencente à Galiza, surgido ainda na Idade Média. Seu nome deriva de uma antiga povoação de origem romana, “Portucale” (do latim *portus* - porto, e de *Calle*, nome do castelo que se erguia sobre o local), situada onde hoje está a cidade de Vila Nova de Gaia, vizinha ao Porto. Séculos mais tarde, deu origem ao nome de Portugal.

²¹ Após se valerem do auxílio de tropas romanas contra as invasões cartaginesas, no século II a.C., os celtiberos (dentre os quais os lusitanos) passaram a resistir ao jugo romano por mais de uma década. Só foram vencidos em 139 a.C., após seu líder, Viriato, ter sido assassinado a mando de Roma.

herança da Nação Lusa: apesar de amalgamados a outros universos culturais, somos fruto da mestiçagem ibérica e, talvez por isso, nos seja mais fácil entender a “mitologia da saudade” que cerca a cultura portuguesa. Mais ainda, a compreensão de tal “estado da alma” pode facilitar o entendimento dos desdobramentos desse sentimento tão peculiar em algumas das atividades culturais desenvolvidas pelos imigrantes portugueses no Brasil.

Segundo Eduardo Lourenço, ao falar de seus conterrâneos, “*com a saudade, não recuperamos apenas o passado como paraíso; inventamo-lo*”²² (1999: 14). E essa invenção seria parte intrínseca do *ser português*. Camões já assim fazia quando em Portugal nem se cogitava a possibilidade de o país vir a ser a pálida sombra daquele Império Ultramarino que teve seu fulgor imortalizado em **Os Lusíadas**, de 1572. Tal *concepção saudosa* do mundo, enraizada na memória de uma glória passada, ficava mais evidente ainda em certos sonetos de Camões:

*“Enquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada”* (1997: 91)

*“Continuamente vemos novidades
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades”* (1997: 94)

*“Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais
E se torna, não tornam as idades”* (1997: 100)

Essa saudade de um tempo “que não torna mais” já era percebida por Camões, e segundo Lourenço, tornou-se uma tentativa de “*sonhar simultaneamente o futuro e o passado*” (2000: 28). Tal idéia permeou o *ser português* desde o século XIX, incontestavelmente. Talvez uma das melhores formas de percebê-la seja a literatura produzida em terras lusitanas desde então. A saudade está no **Frei Luís de Sousa** (1844) de Almeida Garret e, talvez de modo mais perceptível, em seu **Viagens na minha terra** (1846):

“E contudo, desde a idade da inocência em que tanto me divertiam aquelas batalhas, aquelas aventuras, (...) até esta fatal idade da experiência, idade prosaica em que as mais belas criações do espírito parecem macaquices diante das realidades do mundo, (...) até esta **idade de saudades do passado** e esperanças no futuro, mas sem gozos no presente, em que o amor da pátria (também isto será fantasmagoria?) e o sentimento íntimo do belo me dão na leitura dos *Lusíadas* outro deleite diverso mas não inferior ao que noutra tempo me deram (...).”²³ (Garret, 1846: capítulo 6)

“E dizem que saudades que matam! **Saudades dão vida; são a salvação de muita coisa que (...) pereceria de inanição ou morreria da opressora moléstia da sociedade.**”²⁴ (Garret, 1846: capítulo 38)

Já na década de 10 do século passado foi Teixeira de Pascoaes que cristalizou de modo mais claro essa onipresença da saudade na cultura portuguesa, com sua formulação do *saudosismo* como traço essencial da alma portuguesa:

²² Grifo do autor.

²³ Grifo meu.

“Com efeito, quem surpreender a alma portuguesa, nas suas manifestações sentimentais mais íntimas e delicadas, vê que existe nela, embora sob uma forma difusa e caótica, a matéria duma nova religião, tomando a palavra **religião** como querendo significar a ansiedade poética das almas para a perfeição moral, para a beleza eterna, para o mistério da Vida... Ora a alma portuguesa **sente esta ansiedade duma maneira própria e original**, o que se nota facilmente analisando os cantos populares, as lendas, a linguagem do povo, a obra de alguns poetas e artistas e sobretudo, a suprema criação sentimental da Raça - **a Saudade!**”²⁵
(Pascoaes, 1988: 32)

Na verdade, Pascoaes chegou a afirmar que a saudade “é a personalidade eterna da nossa Raça²⁶: a fisionomia característica, o corpo original com que ela há-de aparecer entre os outros Povos” (1988: 25). Em outras palavras: a partir de Pascoaes, o *ser português* está intrinsecamente amalgamado à condição de *ser saudoso*. Sob tal acepção, é-nos possível inferir que o sentir saudades, portanto, talvez seja uma forma de *habitus* pertencente aos portugueses, quer seja em Portugal, quer seja no Brasil.

A característica da saudade portuguesa identificada por Pascoaes, do *ser saudoso*, vai dar alento aos migrantes lusitanos do início do século XX para que recriem, no além-mar, pedacinhos da *terrinha portuguesa* deixada para trás²⁷. São os “alfacinhas” lisboetas que se tornam “pés-de-chumbo” na capital brasileira; são os rudes camponeses alentejanos e minhotos que se comprimem como sardinhas - iguaria tão

²⁴ Grifo meu.

²⁵ Grifos do autor.

²⁶ Teixeira de Pascoaes se refere aos portugueses.

²⁷ Embora essa recriação não seja característica apenas dos migrantes portugueses, mas sim de quase todos os grupos migratórios ao chegar em novas terras (Sayad, 1998).

lusitana ... - nos cortiços da Rua da Prainha e da Rua da Quitanda no centro do Rio de Janeiro; são esses homens e mulheres que vão, de início, tentar reelaborar sua identidade no trópico tupiniquim, fundando clubes, associações de socorro mútuo, jornais e revistas.

Já no início do século XX essa “*condição saudosa*” do povo português era entendida pelo poeta e filósofo Teixeira de Pascoaes como uma experiência emotiva tanto individual quanto universal, já que expressava a dramaticidade da existência “*numa permanente tensão entre **Ser e existir***”²⁸ (Teixeira, 1998).

Essa condição transcende o círculo da individualidade, pois assume concomitantemente uma dimensão ontológica e metafísica: o saudosismo representa a possibilidade de advir uma *nova era lusíada*, embora represente também a existência de uma “*condição dolorosa*” deste homem-saudoso (Teixeira, 1998).

Condição dolorosa que pode, inclusive, levar a extremos, causar processos patológicos que só se curam com a volta à *Pátria*. Em fevereiro de 1929, a primeira edição de **Lusitania** registrava o caso de Agostinho Martins, jovem imigrante mal sucedido na realização de seus sonhos de Fortuna - tal como a grande maioria dos imigrantes - e que, devido à saudade que sentia de sua terra natal e de seus familiares, aos poucos foi se entregando aos devaneios que se construía em seus sonhos e enlouqueceu, sendo internado num manicômio até que seu pai viesse de Portugal e o levasse de volta à terra natal. O interessante é que a volta ao lar, descrita em detalhes pelo jornalista Luiz Fernando, foi também um lento processo de cura, à medida que as paisagens familiares eram reconhecidas pelo jovem imigrante:

²⁸ Grifos da autora.

“A loucura havia tomado conta delle. A sua alma jovem, aventureira, honrosa, romantica e affectiva, como a de todos os portugueses - eternos cavalleiros da esperança e da aventura - havia entrado em delirio franco. (...)

Sabedor (...) do acontecido, o pae de Agostinho embarcou, em Lisboa, no primeiro vapor que partia para o Brasil. (...)

O velho Francisco Martins obteve autorisação para levar o filho. Os seus recursos não lhe permittiam uma longa permanencia no Brasil. (...) Dias depois, desembarcavam em Lisbôa. (...)

No dia seguinte seguiram para Celorico de Basto²⁹. Ao approximar-se da terra em que nasceu, o rapaz começou a sentir que nuvens de pensamentos, umas sobre outras, numa successão desordenada e turbilhante, passavam pelo seu cerebro em correrias loucas. Pouco depois, quando entrou nas terras de sua herdade, sentiu uma sensação extranha, que parecia a volta do seu espirito á realidade. O ambiente que o cercava, as arvores por que passava, os caminhos que pisava, davam-lhe um conforto que a sua alma ha muito não sentia. Sem dizer palavra, como quem marcha dentro de um sonho, caminhava automaticamente sem ouvir o barulhos dos proprios passos. Quando chegou ao portão da sua casa, e viu a velha mãe, deu um grito que valeu por um desabafo ha dez annos suffocado no peito, abraçou-a, beijou-a com uma soffreguidão imdescriptível, por entre soluços e lagrimas e acordou, repentinamente, do sonho em que o seu espirito vivia submerso.

Agostinho Martins havia enlouquecido de saudades!”³⁰

De modo análogo ao que foi percebido por Eduardo Lourenço³¹ em outro contexto, neste caso podemos afirmar que não foi o jovem Agostinho que teve

²⁹ Vila às margens do rio Tamega, no sudeste da região do Minho, norte de Portugal.

³⁰ **Lusitania**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 01/fev./1929, p. 40. Grifo meu.

saudades, mas sim que foi a saudade que o possuiu e retirou-o de seu presente, levando-o à demência que só se curou com a eliminação daquilo que a motivava: o desterro. Talvez a saudade de Agostinho seja de outro tipo, diverso daquele que motiva a recriação de uma identidade lusa no *além-mar*. Sua saudade foi causada pelo estar afastado das coisas costumeiras da vida em Portugal, daquilo que mais o fazia português. Seu desterro não o levou a buscar uma reelaboração de sua *identidade*, mas sim um desenraizamento que quase o colocou “fora do mundo”.

Apesar disso, esse desterro - ou desenraizamento - é visto por Bela Feldman-Bianco como parte constitutiva “*da experiência portuguesa*” e de sua “*memória coletiva*” (1992: 35). Podemos afirmar que está presente mesmo naqueles que não deixam Portugal. Por exemplo: uma das formas de expressão cultural mais típicas do país, o fado, está carregado do *sentimento saudoso* e das *emoções saudosas*. A palavra “fado”, no uso mais remoto da língua portuguesa, significa “destino”, ou seja, algo que está para além do controle do indivíduo.

Tendo surgido como forma musical definida melódica e poeticamente ainda na primeira metade do século XIX, o fado seria uma síntese de todas as influências culturais sofridas pelo povo português (Coelho, 2000; EMI, 1997; FNAC, 1999). Tendo como tema desde tragédias pessoais até histórias simples do dia-a-dia, os elementos mais comuns em suas letras são, por certo, a saudade e a dor da partida. Não deixa de ser sintomática essa presença, já que a partir de fins do século XIX, mas especialmente a partir da década de 20 do século passado, o fado também passou a ser visto como parte da *alma portuguesa*:

³¹ “*Na verdade, não temos saudades, é a saudade que nos tem, que faz de nós seu objeto. Imersos nela, tornamo-nos outros. Todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito, ausente*” (Lourenço, 1999: 32).

*“O fado não é alegre nem triste. É um episódio de intervalo.
Formou-o a alma portuguesa quando não existia e desejava tudo sem
ter força para o desejar (...).*

*O fado é o cansaço de alma forte, o olhar de desprezo de Portugal
ao Deus em que creu e que também o abandonou.*

No fado os deuses regressam, legítimos e longínquos.”³²

Em algumas letras de fado essa onipresença da saudade fica mais evidente:

“O fado é uma trova tão bizarra

(...)

não sei bem quem a toa

Canta a saudade, a soluçar a dor sentida (...).”³³

“Um braço é a tristeza,

o outro é a saudade,

(...)

é o espaço em que eu venço

e o tempo da distância.”³⁴

“Azulejos da cidade,

numa parede ou num banco,

são ladrilhas da saudade

vestida de azul e branco.

Bocados da minha vida,

todos vidrados de mágoa,

azulejos, despedida

³² Fernando Pessoa, 1929 (citado em FNAC, 1999).

³³ “História do Fado”; versos de Avelino de Sousa e música de Alves Coelho Filho, gravado por Hermínia Silva em 1957 (FNAC, 1999).

³⁴ “Fado do Campo Grande”; versos de Ary dos Santos e música de António Vitorino de Almeida, gravado por Carlos do Carmo.

dos meus olhos, rasos de água.”³⁵

Não seria válido, portanto, afirmar que a saudade, como manifestação cultural, é partícipe do processo de construção do *ser português*, seja em Portugal ou no desterro ultramarino? Seria mesmo tão forte sua presença que poderia causar a loucura, como registrado nas páginas de **Lusitania**, ou influenciar recorrentemente a produção cultural portuguesa? E sendo uma imagem recorrente entre os portugueses, ela não poderia ser “adequada” ao discurso de **Lusitania**? A saudade poderia ser vista, assim, como um elemento importante no *campo cultural* dos imigrantes, pois condicionaria grande parte de suas manifestações culturais, já que ela passaria a ser entendida, de modo quase consensual, “*como sinônimo de portugalidade*” (Feldman-Bianco, 1992: 36).

Mesmo hoje, quando Portugal têm a sua frente as “douradas” perspectivas econômicas da real participação na Comunidade Européia, o tema da saudade continua recorrente em sua cultura, haja vista a importância dada à devolução de Macau à China e à crise de Timor Leste na imprensa portuguesa³⁶: a imagem do *vasto império* sempre volta à cena, está sempre a espreitar o imaginário português.

Podemos afirmar, assim, que a *saudade*, enquanto manifestação cultural, trata-se de elemento preponderante na construção daquilo que podemos chamar de uma das

³⁵ “Fado dos Azulejos”; versos de Ary dos Santos e música de Martinho de Assunção, gravado por Carlos do Carmo.

³⁶ O ano de 1999 foi marcado, na programação veiculada no canal internacional da rede de TV RTP, por documentários e debates acerca da presença portuguesa em Macau e das conseqüências de sua devolução ao governo da China. Do mesmo modo, o processo de redemocratização e reconstrução de Timor Leste, após a expulsão dos invasores indonésios que durante 25 anos ocuparam o país, vem sendo constantemente tratado tanto na programação da RTP quanto em periódicos eletrônicos disponibilizados na *web* por membros de colônias portuguesas espalhadas pelo mundo.

camadas da *identidade* do povo português. Não se pode *ser português* sem, ao menos, compreender o que é a saudade no contexto social e cultural de Portugal ou das comunidades de origem portuguesa espalhadas mundo afora.

Nesse sentido, uma das imagens mais recorrentes presentes no *discurso* de **Lusitania** é justamente aquela da *saudade* de algo que não mais existe, mas é preciso retomar a todo instante:

“Cada portugues é um soldado da Patria, um escravo das suas tendências e ideaes. Em qualquer parte onde viva, está ali, na sua casa, no pedaço de terra que cultiva, no palacio ou na choupana, um pedaço de Portugal. Cavalleiros andantes da aventura, nada nos impede a marcha e a gloria. (...) Triumphamos na Europa, na Asia, em todas as nações e em todos os continentes. Portugal, o Portugal Maior do nosso sonho de patriotismo, abrange, no seu ideal, toda a face da Terra. É immenso como a fé, grande e eterno como o nosso amôr!

O sentido das coisas, o sentido das almas, o sentido das patrias! O sentido de Portugal está marcado pelo passado. Foi rasgado pelas naus das Descobertas. Defenderam-n’o, dando a vida pela idéa, os maiores guerreiros da antiguidade. Cantaram-n’o, em estrophes imortaes, os nossos poetas de genio. Agora não ha mais mundos para descobrir, terras para conquistar. Mas nós continuamos a lutar, a percorrer o mundo em busca da Chimera. A gloria encanta-nos. Somos eternos enamorados do perigo e da victoria.

O sentido de Portugal! Quem não o entende? Quem não o vê na ternura nostalgica da nossa gente, no heroismo dos humildes, no fulgor da intelligencia, na candura das nossas almas? Quem não o adivinha na tristeza e na alegria dos corações portugueses, no calor do nosso sangue, na epopéa da nossa Historia? O sentido de Portugal é

*o sentido da immensidade e da belleza, do Céu e do mar, da
immortalidade, da expansão da Lingua e da Fé!”³⁷*

O CONCEITO DE IDENTIDADE E A IDENTIDADE PORTUGUESA EM *LUSITANIA*

Discutir o conceito de identidade não se trata, de modo algum, de tarefa simples. Facilmente se pode cair no lugar comum de uma visão romantizada e reducionista que associe o nacionalismo positivista do século XIX a um “saudosismo” de inspirações históricas, remetendo, na acepção de Benedict Anderson (1983), a uma “comunidade imaginária” baseada na simbologia de um passado glorioso (que não torna mais), tangível apenas através da memória e de sua construção coletiva.

Numa concepção baseada no pensamento surgido imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, a própria idéia de “identidade” perdeu seu sentido, posto que caíram por terra as concepções historicistas e essencialistas que até então vigoravam sobre o tema. Desde meados do século XIX as idéias sobre identidade nacional, identidade étnica, identidade lingüística, identidade cultural e tantas outras identidades passavam pelo aspecto geopolítico. Com a quebra dos paradigmas racionalistas, no entanto, não era mais possível continuar entendendo a “identidade” sob uma ótica ainda baseada na lógica do Iluminismo. Emergiu, assim, a concepção de “identidade” como um construto em permanente reelaboração, processo este feito a partir de uma intrincada rede de mediações, alteridades e interações sociais originadas por cada indivíduo e por cada grupo social e/ ou étnico.

³⁷ Editorial, “*O sentido de Portugal*”, *Lusitania*, ano I, n. 4, 01/ fev./ 1929, p. 5.

Para Rajagopalan (2002: 86), só há “identidade” quando há, também, alguém que a reivindique e participe de seu processo de (re) construção, através de representações e discursos calcados em interesses individuais e/ ou coletivos. Nesse sentido, torna-se lícito falar de uma *identidade portuguesa* quando nos deparamos com uma publicação como **Lusitania**. Contudo, é certo que a colônia lusa no Brasil encontrou também outros veículos editoriais para se expressar: é notória a presença de outras publicações portuguesas na cidade do Rio de Janeiro, especialmente jornais, já nas últimas décadas do século XIX, e também de outras revistas, já na década de 10 do século passado³⁸.

O que se torna relevante, na verdade, é o fato de que em **Lusitania** podemos encontrar, claramente, um dos vários modos de mediação e interação social presentes na (re) construção da “identidade” reivindicada, ao menos no plano do imaginário, por uma parcela significativa da colônia luso-carioca. Por tratar-se de um veículo editorial voltado para as classes média e média alta desta colônia, este processo de (re) construção torna-se ainda mais interessante e repleto de camadas, dobras e penumbras que instigam sua decifração.

³⁸ Há estudo aprofundado de Maria Manuela Ramos de Sousa (1991) sobre a **Gazeta Luzitana**, jornal publicado no Rio de Janeiro no final do Império e início da República, e também vastas referências sobre as revistas publicadas pela colônia lusa em trabalho de Maria Beatriz Nizza da Silva (1992).

CAPÍTULO II

O RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA E A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA: PANORAMA HISTÓRICO

Rio de Janeiro, centro da cidade: Rua da Quitanda, esquina com Rua do Ouvidor, início da manhã de uma segunda-feira qualquer. A calçada fervilha com os ambulantes apregoando suas quinquilharias. O tráfego vai ficando mais intenso, a urbe vai se preparando para outra semana de trabalho, correrias, negócios...

A cena parece contemporânea. E pode também, ter acontecido nos primeiros dias da República no Brasil. O que poderia nos fazer diferenciar realidades tão distantes no tempo? Se fechássemos nossos olhos, que sons denunciariam a época que estamos a observar? O sotaque presente nas esquinas, com forte acento lusitano, talvez...

Cidade cheia de contradições, o Rio de Janeiro do início da Primeira República tinha, realmente, muito de português. Abria seus braços e o cais de seu porto para os imigrantes que fugiam da miséria na Europa, e mais especialmente para aqueles que deixavam para trás as margens do Tejo e do Douro. Foram tantos os portugueses que escolheram a cidade para viver que o Rio de Janeiro chegou a concentrar, na virada do século XIX para o século XX, bem mais da metade dos lusos que resolveram tentar a *Fortuna* no Brasil, chegando este montante a decair para cerca de 40% dos portugueses residentes no país em 1920³⁹.

³⁹ Ver *Anexos*, Tabelas I e II.

Mas que cidade era o Rio das primeiras décadas da República? Podemos defini-la de várias formas: como o centro do poder oligárquico que se reinventava depois do fim da escravidão e da monarquia; como o núcleo urbano que concentrava praticamente a totalidade dos grandes investimentos econômicos do país; como um aglomerado de ruelas de traçado colonial e sobrados herdados do Império; como uma *babel tropical*, enfim.

Em outras palavras, a cidade do Rio de Janeiro tinha várias caras, o que a tornava um centro urbano extremamente peculiar na América Latina, pois conciliava o caos colonial com elementos da modernidade da *Belle Époque*.

Os primeiros 20 anos da República marcaram profundamente o cotidiano da antiga capital federal. José Murilo de Carvalho chega mesmo a considerar que a última década do século XIX se constituiu na fase mais turbulenta de sua história:

“Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação (...).” (Carvalho, 1999: 15)

Não se pode esquecer que essas grandes transformações que sacudiram o Rio de Janeiro no final do século XIX também lançaram seus tentáculos sobre a primeira década do século passado: a crise de desemprego e as conseqüências econômicas recessivas do Encilhamento⁴⁰; a reurbanização da área central da cidade, com o *bota-abaixo* do prefeito Pereira Passos; as campanhas sanitaristas de Oswaldo

⁴⁰ Período imediatamente posterior à instalação da República no Brasil (1889-1891) quando, como conseqüência da grande expansão do crédito para empresas industriais através da abertura de capitais e emissão de ações, surgiram numerosas sociedades anônimas e foi intensa a especulação com papéis no mercado financeiro, levando muitas destas indústrias à quebradeira. O termo

Cruz, que levariam à Revolta da Vacina... Todos estes fatos históricos, cada um a seu modo, convulsionaram de forma marcante a cidade, deixando expostas suas mazelas sociais e a extrema desigualdade que sustentava a pujança da capital que se modernizava e ganhava ares de metrópole. Neste palco estavam também os imigrantes portugueses, (re)construindo sua identidade de estrangeiros numa nova terra e, por isso mesmo, protagonizando os mais variados embates com a população local. Apesar de terem sido extremamente importantes para o crescimento econômico da cidade, os lusos - ou “galegos”⁴¹, como eram chamados pejorativamente - foram alvo de as mais diversas perseguições e preconceitos no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX.

O FINAL DO SÉCULO XIX: A INVASÃO DOS PORTUGUESES

A *invasão* portuguesa sobre a cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX não foi algo orquestrado previamente e, muito menos, um fato que teve raízes apenas na conjuntura brasileira. É claro que a cidade já possuía um *perfil lusitano* desde a instalação da Corte em 1808, quando até mesmo o falar local se alterou, ganhando os “sss” e seu chiado de acento luso, tal o número de portugueses que chegou, de chofre, ao porto carioca. O que dizer, então, das casas e prédios

“encilhamento” é uma alusão sarcástica ao turfe: trata-se do momento em que as montarias recebem as selas e se intensifica o número de apostas, imediatamente antes do início do páreo.

⁴¹ O termo, originariamente, refere-se aos naturais da região espanhola da Galiza, no norte do país. No Brasil da Primeira República, contudo, passou a ser usado para designar depreciativamente os imigrantes portugueses, associando-os ao atraso econômico daquela região rural e pobre da Espanha. Existiram muitos outros termos depreciativos que foram usados pelos brasileiros para “nomear” os portugueses em fins do século XIX e início do século XX: *abacaxi, bicudo, boaba* ou *boava, emboaba* ou *emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, matruco, mondrongo, novato, parrudo, pé-de-chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira*.

públicos construídos a partir de então, quase sempre remetendo ao estilo das edificações lisboetas?

No entanto, o grande impacto migratório lusitano sobre a cidade se deu especialmente nos primeiros vinte anos da República, coincidindo oportunamente com a demanda por braços que existia no Rio, já que a velha capital, agora federal, precisava urgentemente tornar-se moderna e adequada aos novos tempos republicanos.

Talvez o fato de ter sido um pólo de atração para os portugueses nos últimos quatorze anos da Colônia e nas primeiras décadas do Império justifique a predileção dos imigrantes lusos de *fin-de-siècle* pelo Rio de Janeiro. O que se pode afirmar, com fundamentação, é que os fatores que levaram tão elevado contingente à saída de Portugal estiveram, eminentemente, ligados à conjuntura interna daquele país.

Segundo Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001: 15-16), Portugal passava, desde meados do século XIX, por um profundo reordenamento econômico, baseado na implantação de relações de cunho capitalista no meio rural, privilegiando a instalação de grandes companhias para a exploração da agricultura comercial, aliada à introdução de uma extensa mecanização na produção, sob estímulo e beneplácito do Estado. Este contribuía para a instalação dessa nova conjuntura econômica através de inúmeras medidas legais que prejudicavam sobremaneira os pequenos proprietários rurais.

Para a portuguesa Miriam Halpern Pereira (1981:07) foi esta distorção do desenvolvimento de um capitalismo dependente que promoveu o crescente aumento da emigração em Portugal. Já Eulália Lobo considera ainda que o estopim para a debandada foi a grande crise vinícola portuguesa de 1886-1888, que se

concentrou ao norte daquele país. Desse modo, deixar as terras de Portugal tinha um novo e dramático significado a partir de então:

“Esta [emigração] representava uma fuga à proletarização no país de origem, forçada pela crescente fragmentação e desaparecimento da pequena propriedade no norte.” (Lobo, 2001: 16)

Além dessa conjuntura desfavorável em terras lusas, há de se considerar também o fato de que o Brasil “era visto no imaginário popular como terra de abundância e oportunidades de enriquecimento” (Lobo, 2001: 16). Somando-se esta concepção de *Fortuna fácil* ao *perfil lusitano* do Rio de Janeiro, talvez se torne menos enigmática a preferência dos imigrantes lusos pela cidade.



Fig. 2 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil, início do século XX. Note-se a grande quantidade de homens e a vigilância policial, sempre presente para ordenar o espaço, e neste caso, também a angústia do abandono da *Terra Mãe*.

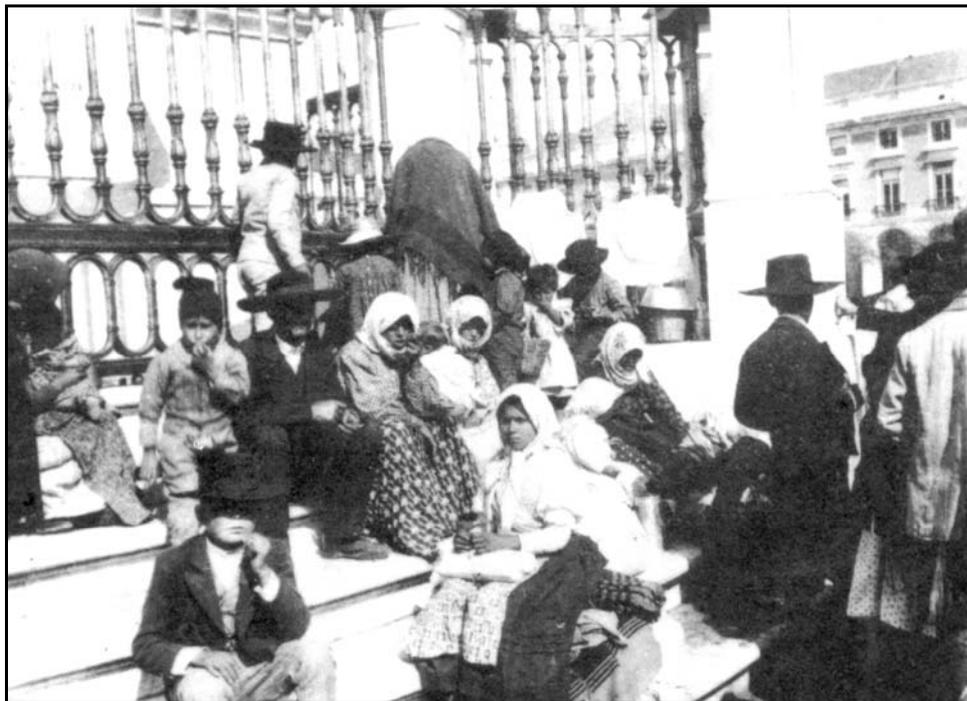


Fig. 3 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil, no Terreiro do Paço, em Lisboa, início do século XX. Este grupo apresenta uma cena comum na emigração lusa para o Brasil: a presença de meninotes, que muitas vezes viajavam sob o cuidado de parentes próximos ou mesmo de desconhecidos, com contrato de trabalho já acertado no destino final da viagem.



Fig. 4 - Emigrantes portugueses à espera do embarque para o Brasil, início do século XX. Note-se a rusticidade da mulher e das crianças, provavelmente provenientes das áreas rurais do norte de Portugal, pólo tradicional de emissão de contingentes para o Brasil. Os três garotos, como a grande maioria dos jovens do sexo masculino que se dirigiam para terras tupiniquins, faziam a travessia com menos de 14 anos de idade, para poder escapar do serviço militar.



Fig. 5 - Emigrantes portugueses já a bordo de navio, dirigindo-se para o Brasil (início do século XX). Representando a exceção da emigração portuguesa, as mulheres lusas, quando vinham para o Brasil, quase sempre ou eram muito jovens, ou já tinham casamento acertado ou, então, já eram casadas e deixavam a *terrinha* para encontrar-se com o marido no Brasil ou acompanhá-lo na aventura em busca da *Fortuna*.

O certo é que os aventureiros d'além mar chegavam, aos borbotões, ao Cais Pharoux⁴². Depois, era preciso alojar-se, buscar uma ocupação. Sendo em sua grande maioria homens solteiros⁴³, os portugueses que aportavam no Rio de Janeiro acabavam instalando-se por ali mesmo, no centro da cidade e suas cercanias, na Gamboa, na Saúde, no Castelo, e iam trabalhar, quase sempre, em funções que não

⁴² O Cais Pharoux era o antigo local de desembarque de passageiros na zona portuária do Rio de Janeiro. Funcionava próximo à área onde hoje está o terminal das barcas que fazem o transporte de passageiros entre o Rio e Niterói, na Praça XV, antigo Largo do Paço. Ver *Anexos*, Mapa I.

⁴³ Era enorme a desproporção entre homens e mulheres na comunidade de imigrantes lusos no início da República. O grande número de homens solteiros é explicado por uma série de fatores, dentre eles a fuga do serviço militar obrigatório em Portugal (o que fazia com que muitos emigrassem ainda rapazes, com menos de 14 anos de idade) e, também, a idéia corrente de que seria mais fácil fazer fortuna sozinho, trabalhando o máximo de horas possível e economizando até mesmo nos gastos com as necessidades básicas, a fim de amealhar um capital considerável e, depois, retornar a Portugal. Ver *Anexos*, Tabela IV.

necessitavam de qualificação prévia, como as de caixeiro⁴⁴ ou estivador, empregos que tinham os serviços mais pesados e a mais baixa remuneração (Menezes, 1996: 67-68). Se considerarmos que a maior parte destas primeiras levas de imigrantes que chegavam à cidade era constituída por camponeses que fugiam da proletarização e do serviço militar obrigatório em Portugal, pode-se compreender os motivos que os levavam a aceitar tão facilmente ocupações que, à época, tinham como principal característica uma exploração degradante do trabalhador.

As condições de trabalho destes imigrantes chegavam mesmo a impressionar os cronistas cariocas, especialmente João do Rio, que denunciava a situação sub-humana em que eram mantidos os operários lusos na ilha da Conceição, à entrada da Baía da Guanabara, labutando no embarque de carvão mineral e manganês em grandes cargueiros:

“São quase todos portugueses e espanhóis, que chegam da aldeia, ingênuos. (...) Só têm um instinto: juntar dinheiro, a ambição voraz que os arrebeta de encontro às pedras inutilmente. (...) Não têm nervos, têm molas; não têm cérebros, têm músculos hipertrofiados.

(...)

Eles vieram de uma vida de geórgicas paupérrimas. Têm a saudade das vinhas, dos prados suaves, o pavor de voltar pobres (...).” (Rio, 1999: 270)

⁴⁴ O termo designava o empregado do comércio que trabalhava tanto atendendo os clientes ao balcão como, também, aquele que exercia outras atividades nos estabelecimentos comerciais, como entrega de mercadorias a domicílio, controle de estoque, limpeza da loja, etc. Na verdade, os caixeiros do comércio carioca da Primeira República eram genuínos “faz-tudo”. Muitas vezes dormiam no estabelecimento comercial em que eram empregados, sobre o próprio balcão de serviço, podendo o horário de labuta estender-se por até 17 ou 18 horas ininterruptas, indo das 6 ou 7 da manhã até a meia-noite (Menezes, 2000: 176).

O que é significativo, no caso dos imigrantes portugueses, é que desde os primeiros anos da República se associou ao grupo, especialmente no imaginário popular carioca⁴⁵, a idéia de que eram trabalhadores ignorantes e iletrados⁴⁶, que ou se matavam de tanto labutar como empregados subalternos na estiva ou no comércio - e por isso mesmo não prosperavam, por não possuir melhor qualificação profissional - ou enriqueciam através de meios não muito louváveis, ao explorar seus próprios conterrâneos e também os brasileiros como empregados ou como inquilinos, já que se acreditava, então, que a maior parte das habitações populares da cidade - incluindo-se aí cortiços, casas de cômodos e hospedarias - pertenciam a comerciantes lusitanos⁴⁷. Tal “perfil” se cristalizou exemplarmente na literatura realista de Aluísio Azevedo, no romance **O cortiço**, de 1890, onde afloram alguns dos estereótipos negativos atribuídos aos portugueses que moravam no Rio de Janeiro do início da República.

Para Vanessa Tavares Dias, em **O cortiço** “o ódio ao estrangeiro foi traduzido na figura do português materialista, explorador - que ora aproxima-se do colonizador (...), ora aparece como o imigrante desonesto - responsável por todos os problemas econômicos do país” (1996: 07). Entendo que a *visão negativa* sobre os portugueses que transparece em **O cortiço**

⁴⁵ Talvez se origine daí a prática brasileira, ainda extremamente comum, de se criar e repetir jocosa e galhardamente as infames “piadas de português”. Segundo Lená Medeiros de Menezes: “Os ex-colonizadores, responsabilizados pelo atraso, sofreram a discriminação e mesmo a perseguição em determinadas conjunturas. Seus hábitos tornaram-se alvos de desprezo e piadas, ironizados de formas variadas.” (1996: 30)

⁴⁶ O conceito de que os imigrantes portugueses do início do século passado eram mais “brancos” e “ignorantes” do que os brasileiros foi definitivamente derrubado por Eulália Lobo (2001: 141-142), ao constatar que as taxas de analfabetismo entre os brasileiros, no Rio de Janeiro do início do século passado, eram ligeiramente mais elevadas (49%) do que entre os lusos que também moravam na cidade (42%) em 1912. Apenas seis anos antes, em 1906, esses números eram quase idênticos (44,3% para os portugueses e 48,67% para os brasileiros).

⁴⁷ Acredito que tal associação se sedimentou mais profundamente no imaginário brasileiro após a publicação de romances como **O cortiço**, além de crônicas tratando do tema em jornais cariocas daquele período.

nada mais é do que a tradução literária do antilusitanismo que grassava nas ruas do Rio de Janeiro desde antes mesmo do fim do Império. Tal sentimento se exacerbou grandemente a partir da fundação do jornal **O Jacobino**, em setembro de 1894, que passou a acusar, xenofobicamente, a imprensa carioca de ser financiada pelos comerciantes portugueses (Lobo, 2001: 27).

Mas que fator atraía, de modo contínuo, os portugueses para o Brasil, especialmente a partir de 1850? Para o português Joaquim da Costa Leite, teria sido elemento preponderante para tal fluxo a grande oferta de oportunidades no Brasil, tanto para jovens mancebos como para trabalhadores de mais idade:

“Utilizando uma equivalência em libras (...) os salários no Rio de Janeiro podiam multiplicar por três ou quatro os salários portugueses. Mesmo considerando os gastos acrescidos de alojamento e alimentação, um trabalhador português que exercesse no Brasil a mesma profissão que tinha em Portugal podia, depois de pagas as suas despesas, obter uma poupança equivalente ao total do salário português. Essa elevada capacidade de poupança atraía muitos emigrantes portugueses, mesmo aqueles que, com trinta ou quarenta anos, dificilmente pensariam em mudar de profissão ou estabelecer seu próprio negócio.” (Leite, 2000: 187)

O certo é que muitos chegaram ao Rio em tal condição, ou seja, de tentar amealhar uma poupança considerável, que representasse ascensão social, no Brasil ou mesmo num possível retorno a Portugal. Mais certo ainda é que muitos tiveram sua sobrevivência condicionada pelo jogo de poderes políticos e interesses econômicos que se sedimentava na cidade na virada do século. O pior, contudo, estaria ainda por vir, com as marretas brandindo em uníssono sobre os cortiços e

habitações populares do centro da cidade, sob a regência do prefeito Pereira Passos (1902-1906) e beneplácito do presidente Rodrigues Alves.

RECREIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS E EXCLUSÃO SOCIAL: O BOTA-ABAIXO DE PEREIRA PASSOS

Talvez seja possível que uma das grandes características da civilização ocidental tenha sido a gradativa e contínua melhoria das condições de habitação disponíveis para o homem. Seria isto verdade realmente? Se hoje podemos constatar que populações gigantescas ainda convivem com condições deploráveis de moradia, não só no Ocidente, mas também no Oriente, que dizer então da cidade do Rio de Janeiro de um século atrás?

Se olhássemos para dentro de uma janela qualquer, numa noite escura qualquer, num dos muitos sobrados de fachada colonial do centro do Rio, por volta de 1900, teríamos tanta certeza de estar num mundo “civilizado”? É possível mesmo que nos choquemos, hoje, com a descrição feita por João do Rio em uma de suas crônicas publicadas no jornal **Gazeta de Notícias** em 10 de junho de 1904, originalmente intitulada “*O sono da miséria*”:

“(...) É perigoso entrar só nos covis horrendos, nos trágicos asilos da miséria. Íamos caminhando pela rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. (...) Havia casas de um pavimento só, de dois, de três; negras, fechadas, hermeticamente fechadas, pegadas umas às outras, fronteiras, confundindo a luz das lanternas e a sombra dos balcões. (...) Os prédios antigos pareciam ampararem-se mutuamente, com as fachadas esborcinadas, arreventadas algumas. De repente uma porta abria, tragando, num som cavo, algum retardatário.

(...) No alto, o céu era misericordiosamente estrelado e uma doce tranqüilidade parecia escorrer do infinito.

- Há muitos desses covis espalhados pela cidade? - indagou o advogado, abotoando o mac-farlane⁴⁸.

- Em todas as zonas, meu caro.

- Em cinco noites, visitando-os depressa, informou o agente, V.S. não dá cabo deles. É por aqui, pela Gamboa, nas ruas centrais, nos bairros pobres. Só na Cidade Nova, que quantidade! Isso não contando com as casas particulares, em que moram vinte e mais pessoas, e não querendo falar das hospedarias só de gatunos, os 'zungas'.

- 'Zungas'? - fez o adido de legação, curioso.

- As hospedarias baratas têm esse nome... Dorme-se até por cem réis. Saiba V. S. que a vidinha dava para uma história.

Mas debaixo de uma das foices de luz, o delegado parara. Estancamos também.

O soldado bateu à porta com a mão espalmada. (...)

- Abra! É a polícia! Abra!

(...)

- Abra já! É o dr. Delegado! Abra já!

A porta abriu-se. Barafustamos na meia-luz de um corredor com areia no soalho. (...)

- É o proprietário? - indagou o delegado.

- Saiba V. S. que não. Sou o encarregado.

- Muita gente?

- Não há mais lugares.

(...)

- Mostre-nos isso! - fez a autoridade (...).

O encarregado, trêmulo, seguiu à frente, erguendo o castiçal. Abriu uma porta de ferro, fechou-a de novo, após a nossa passagem,

⁴⁸ Capote com pelerine e sem mangas.

e começamos a ver o rés-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas⁴⁹ com lençóis encardidos, em que dormiam de beijo aberto, babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. (...)

Trepamos todos por uma escada íngreme. O mau cheiro aumentava. Parecia que o ar rareava, e, parando num instante, ouvimos a respiração de todo aquele mundo como o afastado resfolegar de uma grande máquina. Era a seção dos quartos reservados e a sala das esteiras. Os quartos estreitos, asfixiantes, com camas largas antigas e lençóis por onde corriam percevejos.

(...) Alguns desses quartos, as dormidas de luxo, tinham entrada pela sala das esteiras, em que se dorme por oitocentos réis, e essas quatro paredes impressionavam como um pesadelo.

Completamente nua, a sala podia conter trinta pessoas, à vontade, e tinha pelo menos oitenta nas velhas esteiras atiradas ao soalho.

Os fregueses dormiam todos - uns de barriga para o ar, outros de costas, com o lábio no chão negro, outros de lado, recurvados como arcos de pipa. Estavam alguns vestidos. A maioria inteiramente nua, fizera dos andrajos travesseiros. Erguendo a vela, o encarregado explicava que ali o pessoal estava muito bem, e no palor⁵⁰ em halo da luz que ele erguia, eu via pés disformes, mão de dedos recurvos, troncos suarentos, cabeças numa estranha lassidão - galeria trágica de cabeças embrutecidas, congestionadas, bufando de boca aberta... De vez em quando um braço erguia-se no espaço, tombava; faces, em que mais de perto o raio de luz batia, tinham tremores súbitos - e todos roncavam, afogados em sono.” (Rio, 1999: 279-284)

Embora a degradação descrita por João do Rio chegue mesmo a parecer algo fictício, exagerado, podemos afirmar que essa era a realidade de boa parte dos que

⁴⁹ Estrado de madeira onde dormem os soldados, nos quartéis e postos de guarda ou, por alusão, cama rude, dura, desconfortável.

habitavam a zona central do Rio de Janeiro do início da República. As ruas de traçado colonial do centro da cidade escondiam um cotidiano difícil e caótico, bem distante dos ideais de modernidade advindos com o novo regime. Paulo Marins chega mesmo a afirmar que os prédios disponíveis para as classes populares “restringiam-se a obedecer às poucas exigências possíveis diante da pobreza” (1998: 139).

O certo é que os cortiços, casas de cômodos e hospedarias populares grassaram no centro de cidade desde o incremento das atividades portuárias no Rio, ainda no início do século XIX. A ocupação do espaço urbano se fez de forma desordenada, com construções precárias, que muitas vezes conciliavam à função de habitação também atividades comerciais. O “projeto” comum era o do sobrado longilíneo, com um armazém funcionando no andar térreo e com os andares superiores ocupados por moradias dos mais diversos tipos. Também eram comuns os casarões coloniais adaptados para abrigar várias famílias e/ ou homens solteiros, muitas vezes imigrantes.

O que mais admirava os viajantes estrangeiros que passavam pelo Rio no início da República, e mesmo os imigrantes que chegavam ao Cais Pharoux, era a convivência quase promíscua de casas comerciais, habitações de classe alta ou média e, também, cortiços, estalagens e casas de cômodos, especialmente no centro da cidade (Marins, 1998: 137-139).

⁵⁰ Palidez.



Fig. 6 - Cortiço na área central do Rio de Janeiro, primeira década do século XX.

Cada uma das portas que dão para o pátio central podia abrigar mais de uma família. Note-se as crianças aglomeradas por entre as roupas que secam ao sol, no centro da imagem. Quase sempre passavam o dia ali, à espera dos pais, numa despreocupada vida entrecortada pelos folguedos infantis e, o que era pior, perpetuando a miséria, pois a maior parte delas não freqüentava a escola.

Foto de Augusto Malta.

Nas palavras de Sandra Lauderdale Graham, “o centro da cidade cresceu sobre si mesmo” (1992: 39). Enquanto os bairros aristocráticos e arejados da Zona Sul se espalhavam pelas praias de Botafogo e Flamengo, buscando atingir as ondas de Copacabana com seus casarões *art nouveau*, a *patulêia* se comprimia nas áreas mais antigas da cidade, amontoando-se nas freguesias⁵¹ de Santo Antônio, Santana, Santa Rita e Glória. Carruagens luxuosas misturavam-se aos bondes, bacharéis de fraque e cartola a ambulantes descalços, casas de pasto a finas confeitarias: o centro do Rio se constituía numa verdadeira babel tropical. Tal aglomeração crescente na zona

⁵¹ Conjunto de paroquianos ou habitantes de uma área administrativa delimitada por uma paróquia eclesiástica. As freguesias citadas delimitam as áreas do Largo da Carioca e da Praça Tiradentes

central preocupava o poder público desde o final do Império, e a República tomou para si a tarefa de *desinfetar* e *remodelar* o que deveria vir a tornar-se uma metrópole da modernidade.

Não causa estranheza, portanto, que as principais reformas urbanísticas de inspiração haussmanniana⁵² sofridas pela cidade tenham tido como palco especialmente a área mais densamente povoada do centro, delimitada pela Praça XV (antigo Largo do Paço), pelo Morro do Castelo, pelo Morro de Santo Antônio, pelo Largo de São Francisco e pelo Morro de São Bento. Ali, ricos e pobres conviviam diuturnamente, circulando em ruas estreitas que, em alguns casos, como o das ruas do Rosário e da Alfândega, chegavam a ter pouco menos de quatro metros de largura, de um lado a outro das soleiras das lojas (Graham, 1992: 57).

Nicolau Sevcenko, em **Literatura como missão**, afirma que as transformações políticas e a modernização da cidade nas primeiras décadas do século XX foram vistas, pelos cronistas da época, como uma “*regeneração*”:

“Muito cedo ficou evidente (...) o anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas dos novos tempos. O antigo cais não permitia que atracassem os navios de maior calado que predominavam então, obrigando a um sistema lento e dispendioso de transbordo. As ruelas estreitas, recurvas e em declive, típicas de

(Santo Antônio); Praça de República (Santana); Morro de São Bento (Santa Rita) e Morro do Senado (Glória). Ver Mapa I e Mapa II, *Anexos*.

⁵² O termo se refere a Georges Eugène Haussmann (1809-91), urbanista francês que extensivamente redesenhou Paris sob o reinado de Napoleão III (1852-70). Seus projetos incluíram a construção de novos e mais largos bulevares, a instalação da estação ferroviária fora da área central da cidade, e novos parques - em particular, o Bois de Boulogne. Grandes setores da Paris medieval foram varridos do mapa por sua reconstrução da cidade. As formas dominantes nos projetos de Haussmann eram as de largos e longos bulevares, pontuados por praças circulares, propiciando vistas soberbas dos principais monumentos parisienses, tais como a Ópera e o Arco do Triunfo. Suas inovações tiveram uma forte influência em muitos dos projetos de

uma cidade colonial, dificultavam a conexão entre o terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e estabelecimentos do comércio de atacado e varejo da cidade. (...) Era preciso pois findar com a imagem de cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu âmago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito de motim.” (Sevcenko, 1983: 28-29)

Não se pode esquecer que essas mudanças representavam também uma significativa alteração no cotidiano dos moradores de baixa renda do centro da cidade, ou seja, na vida de grande parte dos imigrantes lusos que moravam naquela área. A ordenação do espaço urbano significava também a imposição de um novo controle e de uma disciplina “de Estado” sobre as ruas, sobre os indivíduos, sobre o comportamento em público.

A livre circulação pelas ruas, o parar nas esquinas para olhar a vida passar, despreocupadamente, o conversar à porta dos armazéns e bares populares, todas condutas amplamente franqueadas a qualquer um antes da instalação do novo *projeto civilizador* na cidade, passaram a ser associadas ao mundo da contravenção, à vadiagem: tornaram-se empecilhos para a modernidade.



Fig. 7 - Rua da Prainha antes das demolições, centro do Rio de Janeiro, 1903. O emaranhado de casas e sobrados se espalhando ao longo de ruas estreitas era uma das principais características da então chamada “Cidade Velha”.
Foto de Augusto Malta.



Fig. 8 - Rua da Prainha no início das demolições, centro do Rio de Janeiro, 1904. Foto de Augusto Malta.



Fig. 9 - Rua da Prainha com as demolições já bem adiantadas, centro do Rio de Janeiro, 1904. Foto de Augusto Malta.



Fig. 10 - Canteiro de obras da construção da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, centro do Rio de Janeiro, 1904. Quarteirões inteiros foram rasgados pela nova via, arrasando-se inúmeras casas, sobrados e lojas comerciais. Boa parte dos desabrigados não teve mais meios financeiros para continuar morando na área central da cidade, pois os preços de aluguéis e do m² construído subiram absurdamente após a conclusão das obras e transformação do centro numa “Paris Tropical”. Foto anônima.



Fig. 11 - Avenida Central, esquina com Rua do Ouvidor, 1906.

Finalmente o centro do Rio de Janeiro “civiliza-se”: O que antes era espaço disputado por ambulantes e desocupados mal ajambrados tornou-se o palco principal para o *footing* de distintos senhores e senhoras vestidos na última moda europeia. Foto de Augusto Malta.

Se considerarmos que a rua também tinha a função de *moradia complementar* para a grande massa dos moradores dos cortiços, hospedarias e casas de cômodos mal ventilados e escuros da Cidade Velha - que praticamente só os utilizavam como local de repouso noturno - que trabalhavam como ambulantes, caixeiros, estivadores ou mesmo apenas perambulando pelas ruas durante o dia, tendo essas mesmas ruas como espaço de socialização e vivência, imaginemos o impacto que sua “interdição” ao livre tráfego teve sobre estes contingentes⁵³. As artérias do centro da cidade não

⁵³ É possível considerar-se a urbanização de perfil haussmanniano do Rio de Janeiro no início do século XX, como um modelo alternativo de *panóptico*: ao invés de observar e controlar uma silhueta cativa numa jaula (Foucault, 1977: 177), o poder público carioca passou a observar e controlar os espaços externos, a rua, a vida pública. A modernidade impôs novos padrões de consumo e comportamento que expulsaram para a periferia aqueles que não se ajustavam ao que então passou a ser considerado aceitável no novo traçado urbano da área central da cidade. Os que antes podiam ali circular livremente, como estivadores, carregadores, biscateiros e ambulantes em geral, passaram a ter locais e horários restritos de circulação. Ao ir morar na periferia, longe do local de trabalho, as camadas mais pobres da população se viram impedidas de permanecer

se prestavam a tal papel: deveriam ser apenas espaço ou de trabalho, ou de política, ou de cultura elitizada ⁵⁴, especialmente após as reformas do “bota-abaixo”. Os pobres ou migraram para a Cidade Nova, indo encher os cortiços que lá surgiam sobre os aterros do Mangue, ou subiram os morros da área central, erguendo seus toscos casebres e criando as primeiras favelas da cidade: o *Zé Povo* ⁵⁵ se contrapunha ao *panóptico às avessas* do “Hausmann tropical”:

“O espaço densamente povoado da Cidade Velha, formado por ruas estreitas, que do antigo cais avançavam para o Campo da Aclamação, entremeado de largos e pontilhado por becos, em pouco espaço de tempo cedeu lugar a quarteirões higiênicos e disciplinados, circundados por belas e largas avenidas, de fácil circulação. Este processo atingiu, de forma violenta, a população pobre que habitava o centro urbano, até então caracterizado pela perfeita conjugação entre os espaços destinados à moradia, ao trabalho e ao lazer.”
(Menezes, 1996: 32)

A insatisfação popular com as reformas haussmannianas de Pereira Passos e a limpeza sanitarista de Oswaldo Cruz se manifestou de várias formas. Algumas violentas, como a Revolta da Vacina em 1904, outras no estilo bem debochado que marca, desde então, o jeito maroto do carioca. O sarcasmo popular se cristalizava preferencialmente na imprensa, e de um modo todo especial nas revistas semanais que circulavam na cidade, tais como **Fon-Fon!**, **Careta**, **O Malho** e **Revista da Semana**; além de jornais, como o **Gazeta de Notícias**. As charges sobre a violência

nas ruas do centro até altas horas e de praticar a boêmia, restringindo drasticamente suas opções de lazer.

⁵⁴ Depois da inauguração do Teatro Municipal, em 14 de julho de 1909.

⁵⁵ Tipo comum nas charges dos periódicos cariocas da Primeira República, representava genericamente a população de baixa renda da cidade.

da ação do poder público carioca sobre a vida privada dos habitantes do Rio de Janeiro, especialmente em sua área central, deram ensejo a críticas como essa:

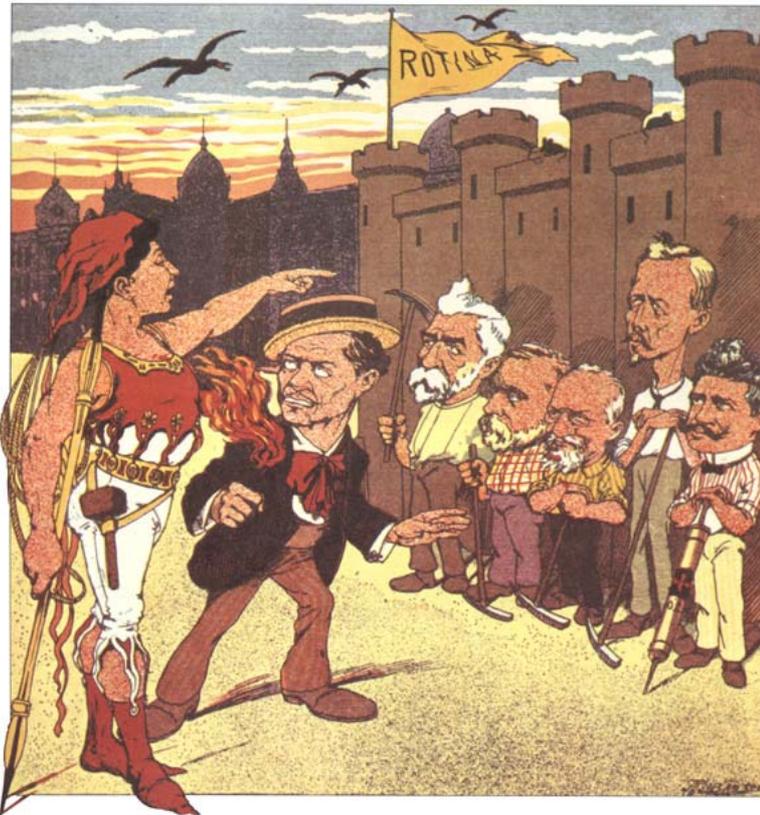


Fig. 12 - Charge publicada na capa da revista **O Malho** de 14 de julho de 1906, aludindo ao *bota-abaixo* de Pereira Passos (5º da direita p/ esquerda), à vacina obrigatória de Oswaldo Cruz (1º da direita p/ esquerda), e à anuência tácita do presidente da República, Rodrigues Alves (3º da direita p/ esquerda). Com o título de “O nosso 14 de julho”, **O Malho** - sugestivamente lembrando as personificações da liberdade associadas à Revolução Francesa - incita o Zé Povo: “O MALHO (*solemne, para Zé Povo*) - Zé! Apontando-te a Bastilha da Rotina celebro da melhor forma possível a grande data da Revolução Francesa e a data do meu 2º [sic] centenário! Aquelles cinco cavouqueiros já demoliram muito, mas ainda ha muita cousa por fazer... Abaixo o resto do carrancismo! Zé Povo - É commigo! Quero escolas! Quero casas para gente pobre! Quero um combate sem treguas contra a tuberculose! Toco fogo na cangica em tres tempos! Dinheiro baja! ...”.

Na verdade, o *bota-abaixo* representou não só um grande redimensionamento urbanístico da área central do Rio, mas - e principalmente - profundas mudanças também no mundo do trabalho. A configuração do espaço público da Cidade Velha permitia, até então, que os quase 50% da população carioca economicamente ativa que não tinham profissão definida sobrevivessem “*de pequenos expedientes*”, vendendo nas ruas peças de artesanato e de pequena manufatura ou quitutes caseiros (Abril

Cultural, 1980: 20). De certa forma, o universo em que transitavam estes trabalhadores deixou, repentinamente, de existir, e toda essa reviravolta provocada pelos “*cavouqueiros*” lançou sua poeira também sobre os imigrantes lusos que moravam e labutavam na cidade.

O MUNDO DO TRABALHO NO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA E OS IMIGRANTES PORTUGUESES

Podemos afirmar que a imagem que se construiu do imigrante lusitano no imaginário nacional não foi das mais edificantes. Visto nos tempos coloniais como o explorador sem caráter, no Império o português era o atravessador sovina ou o especulador imobiliário dos cortiços cariocas. No início da República, ele vai transmudar-se no trabalhador bronco e despreparado que passa a engrossar as fileiras da enorme reserva de mão-de-obra que se apinhava nas ruelas estreitas do centro do Rio de Janeiro.

Sidney Chalhoub, em **Trabalho, lar e botequim**, considera que a redefinição do conceito de trabalho no Rio de Janeiro do início da República teve “*como ponto de referência fundamental o problema do enquadramento dos elementos egressos da ordem escravista, isto é, os libertos*” (1986: 28). Contudo, há de se considerar que esta redefinição atingiu não somente os libertos, mas todos os trabalhadores pobres da cidade. E ali estavam também os imigrantes portugueses - e de outras nacionalidades - que sobreviviam duramente no mercado de trabalho carioca. Se a maior parte dos lusos que chegava ao porto da cidade estava obnubilada pelo sonho da *Fortuna*, certamente não era ela que o grosso deles encontrava:

“Quantos conseguiam realizar o seu sonho? Em 1000 emigrantes, 10 enriqueciam, 100 eram remediados, os restantes

sobreviviam, segundo uma estimativa do Rio de Janeiro, a principal zona de fixação dos emigrantes portugueses.” (Pereira, 1981: 34)

O que significava, então, esta simples sobrevivência de praticamente 90% dos imigrantes portugueses que escolheram o Rio como porto de seus sonhos? O comércio era visto, em Portugal, como a grande chance de enriquecimento para os que emigravam (Menezes, 2000: 166), e a zona urbana - e não a rural - é que parecia ter a capacidade de fazer frutificar os sonhos de *Fortuna* (Ribeiro, 1990: 16). Não causa espanto, portanto, o fato de que a grande maioria dos que chegavam ao Cais Pharoux fosse trabalhar como caixeiro num dos inúmeros armazéns espalhados pela Cidade Velha ou, quando isso não era possível, sobreviver do pequeno comércio ambulante nas ruas, vendendo desde vassouras até aves vivas, ou mesmo como estivador na zona portuária.

Um elemento marcante nas relações de trabalho que se estabeleciam entre os imigrantes portugueses era a de paternalismo. Não era incomum que os portugueses recém-chegados à cidade se colocassem sob os cuidados de outros patrícios, chegados há mais tempo e já estabelecidos no mercado de trabalho local como proprietários de armazéns de secos e molhados, padarias ou outros tipos semelhantes de empreendimentos comerciais. Na verdade, segundo Gladys Sabina Ribeiro, “*passavam a habitar debaixo do mesmo teto do patrão e a comer sua comida*” (1990: 21).

Outro fato a destacar-se, no que diz respeito ao trabalho dos imigrantes no Brasil da Primeira República, é que sua chegada ao país representava a tentativa estatal de dar um novo significado ao trabalho, retirando-lhe o sentido degradante e violento da escravidão e associando-o ao caráter edificante e positivo do

enriquecimento moral e material. Essa postura vale não somente para a imigração portuguesa, mas também para a de italianos, alemães, japoneses, sírio-libaneses e tantas outras etnias que desde então se fixaram no Brasil.

Além do comércio, o setor produtivo que oferecia numerosos postos de trabalho no Rio de Janeiro era o de serviços. E essa também foi uma área ocupada grandemente por imigrantes portugueses. Empregavam-se como ferreiros, cocheiros, pedreiros, leiteiros, pescadores, padeiros, cozinheiros, motoristas, carvoeiros, jardineiros, sapateiros e em diversas outras atividades, que faziam fervilhar as ruas da cidade, num vaivém frenético que praticamente não tinha hora para acabar (Lobo, 2001; Menezes, 2000; Nogueira, 2000; Ribeiro, 1990).

A disposição para o trabalho foi uma das características associadas, desde cedo, ao trabalho do imigrante português na cidade. O objetivo maior era acumular uma significativa poupança, para retornar à *terrinha*, e por isso a maior parte dos lusos se sujeitava a condições de trabalho impensáveis em nossos dias, bem descritas então pelo jornalista Luiz Edmundo:

“Porque sofra, na terra mirrada e pobre onde nasceu, frio, descrença e fome, (...) trepa para um navio, saco às costas e, confiante e tranqüilo, deixa que ele o conduza e o encaminhe até nós.

Na hora de embarcar ouviu isto:

- Para com teu patrão, meu rico filho, muita submissão e respeito, que outro não será o que há de te dar, na falta de teu pai, a mesa, o ensino e o futuro.

(...)

Chega à proa de um vapor, consignado a uma firma comercial qualquer (...). E como ele, chegam milhares.

(...)

*Dorme o escravo branco, recém-chegado à terra, sobre uma tábua
nua, pousada sobre dois caixotes.*

*(...) Cresce, engorda, assim mesmo. O pé já não entra na
tamanca. Com a idade vai aprendendo a conhecer o mundo pela
filosofia do patrão.” (Costa, 1957, vol. 2: 358-362)*

Dormir sobre caixotes, não ter dia de descanso remunerado, trabalhar por até 16 ou 17 horas, com pequenos intervalos para uma parca refeição: essa era a realidade da grande maioria dos que labutavam como caixeiros. Não difere muito de como viviam os escravos nas senzalas, anos antes. Na verdade, era comum serem chamados de “escravos brancos”, como o fez Luiz Edmundo.

Em outras atividades, muitas vezes o quadro não era muito diverso. João do Rio, em várias de suas crônicas, tais como “Os trabalhadores de estiva” e “A fome negra”, denunciou a miséria em que vivia boa parte dos imigrantes portugueses (Rio, 1999). A incerteza da sobrevivência, o imediatismo do dia-a-dia, tudo isso justificava o aceite de condições tão duras de trabalho, mas talvez o que mais pesasse neste quadro fosse o medo do fracasso, o voltar à aldeia na *terrinha* de alforje roto e vazio. Por isso, quando apenas se sobrevivia, sem conseguir amealhar grandes economias, o melhor era continuar levando a vida nas ruas do Rio, conseguindo o pão de cada dia através de biscates ou de outro expediente que garantisse continuar *tocando o barco*. O problema é que muitas dessas atividades simplesmente viram seu espaço de existência desaparecer com o *bota-abaixo*. Torna-se significativa a alusão ao passado que deixou de existir nas ruas cariocas nesta charge de Raul Pederneiras:



Fig. 13 - Desenho de Raul Pederneiras, 1924. Note-se a presença de inúmeras ocupações características das ruas do centro do Rio de antes do *bota-abaixo*: o vendedor de caldo de cana, o sorveteiro ambulante (que perdeu espaço para as confeitarias), o vendedor de perus (quase sempre português), o catador de trapos, o vendedor de doces e balas, os mambembes, o engraxate, o leiteiro “in natura” e, símbolo maior do cotidiano da Cidade Velha, o sempre presente quiosque, que se espalhava por quase todas as ruas do centro, vendendo de tudo um pouco.

A vida nas ruas do Rio antes da remodelação de Pereira Passos teve como um de seus símbolos o quiosque: módulo, geralmente de madeira, instalado nas ruas e

praças, que inicialmente vendia loterias e jornais e que, com o tempo, passou a ser ponto de venda também de todo tipo de miudezas, inclusive alimentos e bebidas alcoólicas, e ao qual todo trabalhador recorria para tomar um trago ou saborear um petisco para enganar a fome. João do Rio mostra sua importância para o trabalhador pobre do início do século:

“Às cinco da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos. Das ruas que vazavam na calçada rebentada do cais, afluía gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com a mão nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e pára à beira do quiosque numa grande azáfama.” (Rio, 1999: 256)

O comércio das ruas, os biscateiros e ambulantes, os carregadores, na verdade, fervilhavam em torno dos quiosques, o que para muitos intelectuais cariocas era motivo de verdadeira ojeriza:

*“Cada quiosque mostra, em torno, um tapete de terra úmida, um círculo de lama. Tudo aquilo é saliva. Antes do trago, o pé-rapado **cospe**. Depois, vira nas goelas o copázio e suspira um **ah!** que diz satisfação, gozo, conforto. Nova cusparada. E da grossa, da boa (...).”⁵⁶(Costa, 1938, vol. 1: 118)*

⁵⁶ Grifo do autor.



Fig. 14 - Largo da Sé, centro do Rio de Janeiro, 15 de março de 1908. Os quiosques misturam-se ao comércio dos ambulantes: carregadores, vendedores de miudezas, quituteiras, criadas fazendo compras, todos convivem num caos carregado de sociabilidades e códigos próprios que em breve deixaria de existir.
Foto de Augusto Malta.



Fig. 15 - Quiosque na Rua da Saúde, centro do Rio de Janeiro, início do século XX. Os trabalhadores tomam um trago antes de voltar ao trabalho no Porto Arthur.
Foto de Augusto Malta.



Fig. 16 - Quiosque na Rua Frei Caneca, centro do Rio de Janeiro, 1906. Como de costume, um aglomerado de trabalhadores forma-se à volta da tosca estrutura de madeira e zinco.
Foto de Augusto Malta.

O mundo do trabalho dos imigrantes naqueles dias idos, contudo, não se restringia aos homens portugueses presentes na rua, no comércio ou na estiva, convivendo e vivendo em torno dos quiosques e dos tragos e cusparadas. Apesar de as mulheres terem representado uma parte significativamente reduzida dos imigrantes portugueses chegados ao Brasil⁵⁷, elas também disputavam um lugar ao sol neste mundo. Iam trabalhar como criadas nas casas mais abastadas, como lavadeiras autônomas, como quituteiras, como parteiras, como vendedoras de miudezas. Podiam se lançar à labuta pelos mais variados motivos: sustentar os filhos pequenos ou os pais depois de uma viuvez precoce; ajudar a reforçar as finanças familiares, mesmo quando ainda solteiras ou já casadas⁵⁸.



Fig. 17 - Vendedora de miudezas, Rio de Janeiro, cerca de 1895.
Foto de Marc Ferrez.

O trabalho visto como forma de possível enriquecimento pelo imigrante, todavia, estava associado eminentemente ao trabalho masculino. Quando a *Fortuna*

⁵⁷ Ver Tabelas II e IV, *Anexos*.

⁵⁸ Sobre o trabalho feminino no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX, ver Sandra Lauderdale Graham, **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro - 1860/1910** (1992).

chegava, ela vinha através do trabalho diuturno e da poupança feita nos tempos de caixeiro ou, em raras ocasiões, pelo controle do negócio deixado pelo patrão que retornara à *terrinha*. O meio de enriquecimento era sempre o do comércio estabelecido, nunca o da estiva ou dos biscates de rua. Na verdade, era mais fácil remeter as economias para a família que ficara em Portugal, onde o câmbio extremamente favorável e os salários mais baixos faziam pequenas economias se multiplicarem *miraculosamente*, do que efetivamente melhorar de vida no Brasil.

Eulália Maria Lahmeyer Lobo, citando o jornalista lusófono Antônio Torres, afirma que na cidade do Rio de Janeiro, em 1923, cerca de 85% das empresas comerciais pertenciam a portugueses, os quais Torres acusava de dar preferência “aos artigos importados da pátria” e ao “pessoal conterrâneo”, remetendo os lucros para a *terrinha* e para lá retornando quando já enriquecidos (Lobo, 2001: 35).

O que se pode afirmar é que a classe média e média alta que iria se constituir no seio da colônia luso-carioca especialmente a partir da década de 10 tinha raízes deitadas no balcão dos armazéns da Cidade Velha: era o comércio, a grosso e a varejo, de produtos comuns ou sofisticados, nacionais ou importados, que lhe daria estofo e *status*.

CAPÍTULO III

IMPrensa E IMIGRAÇÃO NA REPÚBLICA VELHA: OS PERIÓDICOS COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES

O periodismo brasileiro do início do século passado, quer seja como revista, quer seja como jornal, tinha suas raízes firmemente assentadas sobre formas de expressão originadas ainda no final do Império. Nas primeiras décadas da República, especialmente até 1910 ou 1915, ainda era possível encontrar periódicos com *layout* e temáticas fortemente influenciados pelo ideário do século XIX.

Parece ter sido somente na década de 10 que aqui se definiram mais claramente as características básicas do gênero *revista*. Para Ana Luiza Martins, por volta de 1910 eram comuns, nas revistas que circulavam em São Paulo, seções dedicadas ao esporte, à crônica, a eventos sociais, à moda, ao teatro, ao cinema e à poesia. Essas publicações eram abertas pelo que a autora chama de “*artigo de fundo*”, que podia apresentar-se como crônica ou, mais explicitamente, como editorial (Martins, 2001: 151). Sobre a organização formal da *revista*, esclarece ainda:

*“No interior da revista, dois aspectos demandam consideração: os **gêneros** literários adotados e as **seções** que a compunham. Instâncias aparentemente distintas, conjugavam-se na seqüência da publicação, impedindo análise discriminada de cada uma delas; sobretudo nas **revistas ilustradas**, de gama temática variada, com toda sorte de experimentos de gêneros e escolas literárias, seções que se alternavam em função de público, das estratégias de venda, das exigências do momento.*”

*Uma distinção, contudo, (...) [é] inevitável. Enquanto os gêneros marcavam a **modalidade de conteúdo e forma** do texto, isto é, crônicas, artigos, contos, poesias, folhetins etc., as seções **sistematizavam** seu conteúdo, rubricando sua proposta, ou seja, seção de literatura, de humor, de esporte, etc.”⁵⁹ (Martins, 2001: 148)*

Sendo esta a conformação básica da revista no Brasil, ao menos a partir da década de 10, não é de se estranhar que a imprensa imigrantista reproduzisse esse modelo. É importante destacar que a maior parte dos periódicos que se enquadravam neste *nicho* se apresentavam no formato de jornal, especialmente nos primeiros anos da República⁶⁰. É possível afirmar, portanto, que foi somente a partir do momento em que começou a existir uma classe média já solidamente estabelecida no seio das colônias estrangeiras que, naquilo que diz respeito à imprensa, começou a existir também uma maior sofisticação editorial, com o surgimento de várias revistas dedicadas a este público.

Especialmente no caso da colônia portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro, se torna claro este condicionamento. Enquanto as últimas décadas do século XIX assistiram, na cidade, à circulação de jornais como a **Gazeta Lusitana**, que trazia em seu subtítulo o dístico “*Órgão do povo português residente no Brasil*”, a **Tribuna do Commercio**, que se auto-intitulava “*Órgão da Colônia Portuguesa no Brazil*”, ou o **Diário Português**, todos explicitamente voltados para o atendimento dos interesses

⁵⁹ Grifo da autora.

⁶⁰ Não se pode esquecer que o preço de venda de um jornal, ainda hoje, é bem mais acessível do que o de uma revista. Se nos reportarmos à conjuntura do início da República no Brasil, esta disparidade se torna bem mais significativa. Portanto, em sua maior parte, a imprensa imigrantista do início do século XX se voltava justamente para os leitores de menor renda dentro das colônias estrangeiras que se formavam, então, no Brasil.

dos imigrantes lusos⁶¹ - até então, em sua grande maioria, camponeses e trabalhadores urbanos de baixa renda e quase nenhuma qualificação profissional -, foi apenas a partir da década de 10 do século passado que surgiram publicações voltadas para a classe média da colônia, já no formato de *revista*⁶².

No que se refere às questões técnicas, o cenário propício ao surgimento de revistas de maior qualidade gráfica vinha se construindo no país desde meados do oitocentos. Inegavelmente, a instalação da família real portuguesa foi o ponto inicial deste processo, que tomou corpo com a Independência e, já às portas do século XX, com a República.

Claramente foi no Segundo Império, sob a égide da cultura francesa que tanto influenciava D. Pedro II, que se avolumaram investimentos no setor gráfico e em áreas conexas, como a fabricação de papel. Vários tipógrafos franceses instalaram-se na Corte, quer seja como representantes de editoras francesas, quer seja como empreendedores isolados. Em São Paulo registra-se movimento semelhante ao

⁶¹ A respeito da **Gazeta Luzitana**, ver Silva (1991).

⁶² Exemplos de periódicos publicados no Rio de Janeiro, já no século XX, e voltados para a colônia luso-carioca: as revistas **Portugal Ilustrado**, **Portugal** e o **Almanaque Português** e, também, jornais como o **Diário Português**, o **Lusitano** e o **Jornal Português**. Na década de 20, destacava-se o jornal **Pátria Portuguesa**, publicado pelos mesmos editores da revista **Lusitania**. No final do Império e início da República, ainda circulavam na cidade a **Gazeta Luzitana**, o **Campeão Lusitano**, o **Correio Português**, um novo jornal com o nome de **Diário Português** e uma série de títulos efêmeros. Detalhe interessante sobre este universo é o fato de que outros periódicos cariocas, apesar de pertencerem a brasileiros ou terem sido fundados por brasileiros, tinham forte influência lusa, quer seja por empregarem jornalistas de origem portuguesa, quer seja por seus proprietários possuírem laços de parentesco com portugueses. Dentre esses se destaca o jornal **O Paiz**, fundado por brasileiros, mas que a partir dos primeiros anos do século XX passou a ter o empresário português João de Sousa Laje como diretor (Sodré, 1983: 284). Os registros de publicações semelhantes em São Paulo são mais esparsos, mas também existiram: em 1897 circulava na cidade o **Echo Portuguez**; em 1905, **O Gaiato**; em 1908, **A Bandeira Portuguesa** e a **Revista Portugal e Brasil**; já em 1929 registra-se também a existência da **Revista Portuguesa** (Demartini, 2002).

ocorrido no Rio de Janeiro: de cerca de 20 tipografias na década de 1850 chega-se a um número de 290 nos últimos dez anos do século XIX (Gonçalves, 1995).

O que nos interessa, de modo especial, é o fato de que, em relação ao parque gráfico brasileiro, a presença estrangeira parece ter sido determinante em sua formação e em seu crescimento, primeiro como nicho de profissionais atuando para um pequeno grupo de leitores brasileiros, que não se constituíam propriamente num grande mercado consumidor, haja vista a alta taxa de analfabetismo de então, aliada ao acesso restrito à educação em geral. Num segundo momento, a partir da crescente chegada de imigrantes, estes profissionais gráficos, assim como os intelectuais estrangeiros, começaram a segmentar o então efervescente - mas pouco profissional - mercado das publicações jornalísticas e noticiosas no país, passando a atender à demanda de cada grupo.

Nelson Werneck Sodré, em seu **História da imprensa no Brasil**, registra o surgimento de periódicos imigrantistas já no final do século XIX:

“A imprensa diversificava, principalmente em São Paulo: a 2 de julho de 1893, aparecia ‘Fanfulla’, semanário domingueiro, dirigido por Viatlino Rotellini, depois transformado em diário, órgão italiano; a 2 de junho de 1897, aparecia a ‘Deutscher Zeitung’, semanário dirigido por W. Lebfeld, transformado em diário, a partir de 1º de junho de 1900, já dirigido Rodolfo Troppmair, órgão da colônia alemã.” (Sodré, 1983: 265)

Antes disso, contudo, até mesmo grupos pequenos, como o dos alemães no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, já publicavam seus periódicos, continuando a fazê-lo até o período getulista:

“Os primeiros jornais editados em alemão, destinados à comunidade germânica da cidade do Rio de Janeiro, foram o Der Deutsche Einwanderer (bissemanário) e o Der Deutsche Beobachter, ambos surgidos em 1853, e que tiveram curta duração. Só depois de 20 anos começou a ser editado o semanário Allgemeine Deutsche Zeitung für Brasilien, que circulou de 1875 a 1889. O Deutsches Tageblatt, diário, foi publicado de 1915 a 1917, encerrando suas atividades durante a crise resultante da declaração do estado de guerra com a Alemanha. O último jornal surgiu após a 1ª Guerra Mundial, em 1921, com o nome de Deutsche Rio Zeitung e perdurou até a campanha de nacionalização do Estado Novo.” (Seyferth, 2000: 17)

Já Angelo Trento, ao estudar a imigração italiana no país, destaca justamente a onipresença deste tipo de periódico - o imigrantista - no universo italiano de São Paulo e do Brasil:

“(...) em 1907, só nas bancas de São Paulo encontravam-se cinco diários - ‘Fanfulla’, ‘La Tribuna Italiana’, ‘Il Secolo’, ‘Avanti!’ e ‘Corriere d’Italia’ - e uma dezena de semanários. Levando em consideração [a colônia italiana em] todo o Brasil, registramos a presença de 43 publicações em 1909 (contra as 28 da Argentina), 30 em 1925 e 1927 (quatro das quais diários), e 31 em 1941. Só os Estados Unidos podiam ostentar um número maior de periódicos.” (Trento, 1989: 184)

Do mesmo modo, Jeffrey Lesser, ao analisar a imigração não-européia para o Brasil (leia-se aí nipônica, chinesa e sírio-libanesa), destaca a importância deste tipo de periódico. Especialmente entre os nipônicos, a partir da década de 10 do século passado, começaram a ser publicados jornais em português e japonês, voltados para os imigrantes que começavam nova vida nos Estados de São Paulo e Paraná. Jornais

como o **Gakusei**⁶³, publicado pela Liga Estudantina Nipo-Brasileira, em São Paulo, na década de 30, tinham um objetivo explícito de integração dos imigrantes e seus descendentes no país, através da criação de uma nova identidade, negociada com a cultura local. Lesser destaca que seus editores, estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tinham a clara consciência da diferença entre etnicidade e nacionalidade, propondo a construção de uma nova *identidade*, consoante com o discurso da elite brasileira de então: a dos nipo-brasileiros, com raízes fincadas na herança japonesa, mas partícipe da identidade brasileira⁶⁴ (Lesser, 2001: 221-226).

Também entre os imigrantes do Oriente Médio dispersos pelo Brasil houve uma forte disseminação da imprensa imigrantista. Na década de 10 do século XX chegaram a circular 14 periódicos diferentes, editados em árabe, no país (Lesser, 2001: 103). Seu papel, quase sempre, era ambivalente, pois utilizavam o árabe para manter os laços culturais com os países de origem, mas cotidianamente dedicavam-se também a ensinar aos recém-chegados como viver e trabalhar nas novas terras⁶⁵:

“(...) Enquanto o uso do árabe ajudava a manter a cultura pré-migratória, os artigos sobre como negociar a vida no novo ambiente (fornecendo orientação sobre como conseguir empregos e moradias) contribuíam para a aculturação dos imigrantes do Oriente Médio.”
(Lesser, 2001: 103)

⁶³ Em japonês, “estudante”.

⁶⁴ Existiram outros periódicos vinculados à colônia japonesa no Brasil. Jeffrey Lesser identificou alguns de maior relevância: o **Shukan Nambei** (“Semanário Sul-Americano”) e o **Nippak Shinbun** (“Notícias Nipo-Brasileiras”), ambos fundados já em 1916; o **Shukan Nambei** e o **Brasil Jiho** (“Revista do Brasil”), fundados em 1924; e o **Gakuyu**, contemporâneo do **Gakusei** (Lesser, 2001: 167-169, 221-226).

⁶⁵ O **Al-Faiáh**, primeiro jornal em língua árabe publicado no Brasil, foi fundado em 1895, na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo. O número de periódicos árabes no Brasil teria chegado a um total de 95 jornais e revistas, até 1933 (Lesser, 2001: 142).

LUSITANIA NO UNIVERSO DA IMPRENSA IMIGRANTISTA BRASILEIRA

Lusitania se inseria num nicho editorial que tinha características similares em quase todas as colônias de imigrantes estrangeiros que se instalaram no Brasil. Salvo particularidades conjunturais de cada um desses grupos, a imprensa imigrantista em nosso país quase sempre se pautou pelo estímulo à manutenção da *identidade* e dos laços culturais e afetivos que remetiam à terra de origem. Já em fevereiro de 1897 o jornal **L'Indipendente**, voltado para a colônia italiana em São Paulo, afirmava esta vocação dos periódicos destinados aos imigrantes:

“Resta ver se é tarefa dos jornais coloniais, a 5 ou 6 mil milhas de distância, seguir a política de Roma ou Viena, quando uma tarefa maior, mais lógica e mais humanitária, nos impõe trilhar outro caminho. O jornal colonial tem que ser o fio condutor do espírito vivo da nacionalidade, deve ser o porta-voz do amor da pátria por seus filhos distantes (...), deve ser o único meio para invocar ajuda, transmitir as boas e as más notícias; deve tomar a palavra, quando de direito, pela respeitabilidade coletiva; deve ser o exemplo de sabedoria e de sadio pensar no meio das suscetibilidades vaidosas que costumam nascer nas Colônias (...). Nossos esforços (...) deveriam convergir para o sagrado objetivo de melhorar a educação e as faculdades intelectuais de dois terços de nossa colônia.” (Citado em Trento, 1989: 186-187)

Percebe-se, neste texto do final do século XIX, que à função de *revivificador* das raízes deixadas no além-mar deviam se agregar outras no periódico imigrantista, como as de órgão assistencialista, de defensor da respeitabilidade, de formação moral, de divulgador cultural, de fórum de debates e, o que parece não ter sido a

tônica da totalidade dos jornais e revistas imigrantistas que circularam no Brasil, de denúncia e repúdio às desigualdades sociais existentes na própria colônia.

Torna-se significativa, no início do século XX, uma crescente concentração de capitais na imprensa, motivada pela própria conjuntura histórica e econômico-financeira da época. O Encilhamento havia quebrado muitos empreendedores, as principais cidades cresciam e, como não podia deixar de ser, a imprensa devia se adaptar a esta nova realidade. É ainda Nelson Werneck Sodré que registra o início do século XX como momento que marca o desaparecimento do empreendimento jornalístico isolado, em contraposição ao surgimento da *grande imprensa*:

“Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. (...) O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades.” (1983: 275)

Ora, os jornais imigrantistas eram, essencialmente, *empreendimentos individuais*, no sentido proposto por Sodré: apesar de servirem de *local de fala* para boa parcela das colônias estrangeiras instaladas no país, normalmente sua estrutura empresarial se assentava sobre o diletantismo de poucos ou mesmo de apenas um empreendedor. Não raro, o proprietário do periódico era também colunista, repórter, redator, tipógrafo, contato comercial e, em algumas situações, até mesmo gazeteiro. O detalhe é que esta característica, no Brasil de começos da República, era comum à maior parte dos periódicos editados no país. A virada do século, contudo, fez com que, cada vez mais, essas características fossem paulatinamente circunscritas

ao universo da imprensa imigrantista, que continuaria alheia ao advento da *grande imprensa* no país por um significativo período.

Creio que a partir desse momento, os primeiros anos do século XX, cristalizou-se uma nova perspectiva para a imprensa imigrantista no país. Ou ela adaptava-se à nova conjuntura, a da *grande imprensa*, ou buscava outras formas de expressão para continuar existindo e subsistindo. É certo que parte dos jornais de colônias estrangeiras deixou de existir. É certo também que alguns se vincularam a causas político-partidárias e fortaleceram-se em nichos mais amplos. Exemplo disso é o jornal **Avanti!**, hoje muito mais associado, por historiadores, aos ideais anarco-sindicalistas do operariado paulista do que ao universo dos imigrantes italianos naquela cidade. Por outro lado, continuaram a surgir e a morrer inúmeros jornalecos e pasquins imigrantistas, de pequena representatividade e vida efêmera. De que modo se resolveu esse impasse? De que maneira alguns empreendedores conseguiram fazer com que suas publicações continuassem existindo e, mais importante, continuassem encontrando eco entre os imigrantes, reproduzindo discursos e repercutindo idéias? A meu ver, a solução veio com a sofisticação de algumas dessas publicações, que passaram a se destinar não mais ao imigrante pobre, operário ou biscateiro, marginalizado, mas sim à classe média surgida no seio das colônias estrangeiras.

Analisando especificamente o universo luso-carioca, essa transição torna-se emblemática. Se nas duas últimas décadas do século XIX jornais como **Gazeta Luzitana**, **O Boa Noite**, **Tribuna do Commercio**, **Os Portugueses do Brazil**, **Correio Luso-Brasileiro**, **Gazeta da Manhan** (“*órgão luso-brasileiro*”), **O Portuguez** (“*órgão da colônia portugueza*”), **Tribuna Portugueza** (“*órgão dos interesses portuguezes*”),

Campeão Lusitano e **Correio Português** circulavam pelas ruas da cidade regularmente⁶⁶, com a virada do século vê-se a sobrevivência de poucos periódicos no formato jornal, dentre eles **O Lusitano**, **Jornal Português**, **Pátria Portuguesa** e **Diário Português**, sendo que este último, depois de deixar de circular nos anos 10, seria relançado pelos mesmo editores de **Lusitania**, já com o nome de **Diário Português**, na década de 30. No lugar dos jornais - ou atreladas a eles - surgiram revistas semanais, quinzenais ou mesmo mensais, dentre as quais se destacavam **Portugal Ilustrado**, **Portugal**, **Almanaque Português** e **Lusitania**.

Nesse contexto, fica claro que **Lusitania** não representa a totalidade da colônia luso-carioca. Ela convivia com outros periódicos, também destinados aos imigrantes lusos residentes na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o fato de ela ter tido uma circulação regular e ininterrupta por quase seis anos, numa época caracteristicamente marcada pela efemeridade das publicações do gênero *revista* - como bem destaca Angela de Castro Gomes (1999) ao analisar as revistas modernistas publicadas na cidade - a coloca numa posição privilegiada como fonte de pesquisa. Assim, **Lusitania** pode ser tomada como exemplo de parte da tipologia dos discursos veiculados *para* e *pela* colônia luso-carioca e, mais ainda, como uma dentre as várias formas de *afirmação* da *identidade* lusa que surgiram na cidade do Rio de Janeiro do final da Primeira República.

⁶⁶ A maior parte destes periódicos tem exemplares ou mesmo coleções completas disponíveis para consulta no acervo de obras raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

LUSITANIA E O ANTILUSITANISMO CARIOCA

Alguns pesquisadores têm se dedicado, nos últimos anos, à tentativa de esclarecer um pouco mais o que representou, no final do século XIX e início do século passado, a grande campanha antilusitana perpetrada por intelectuais, jornalistas e políticos proeminentes do Rio de Janeiro. Apenas o ranço contra o ex-colonizador não basta para explicar uma série de artigos, discursos e, até mesmo, o declarado engajamento de um conceituado jornal da cidade na lusofobia que se instalou ali nos primeiros anos da República⁶⁷.

O que representou esse antilusitanismo, cristalizado exemplarmente no jornal carioca **O Jacobino**, na última década do século XIX? Para Nelson Werneck Sodré, tratava-se de um periódico de “*exaltada orientação florianista*” (1983: 264) que declaradamente perseguia e ridicularizava, de modo humilhante e preconceituoso, os imigrantes portugueses na cidade:

“Sua especialidade era a lusofobia; não só a praticava pela divulgação de anedotas com que achincalhava os portugueses e eram repetidas pelos cafés, rodas de rua, salões e até nos palcos que representavam revistas como pela publicação de notícias como estas: ‘A patriótica febre amarela matou, pelo correr da semana, 110 portugueses’; ‘O português Antônio Manuel da Silva ficou, sábado último, com a perna esquerda esmigalhada pela roda de um bonde das Laranjeiras. Pobre roda!’” (Sodré, 1983: 264)

⁶⁷ A esse respeito, ver especialmente ‘**Cabras**’ e ‘**Pés-de-Chumbo**’: os rolos do tempo - o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930), dissertação de Mestrado em História defendida em 1987, na Universidade Federal Fluminense, por Gladys Sabina Ribeiro.



Fig. 18 - Primeira página do jornal carioca **O Jacobino**, em sua edição de 13 de outubro de 1894. Note-se o grande espaço ocupado por uma charge ridicularizando os imigrantes lusos, em *três momentos* de sua vida no Brasil: no alto, um jovem português ao chegar à cidade, com trajes típicos da aldeia, poucos pertences e um perfil quase anoréxico; no centro, o mesmo imigrante anos mais tarde, já como dono de armazém e muitos quilos mais pesado, *explorando* os brasileiros; abaixo, ainda o mesmo “pé-de-chumbo”, no auge de sua prosperidade carioca, de fraque e cartola, enriquecido às custas de sua *sovinice e ganância*.

Pode causar espanto o fato de que a postura lusófoba de **O Jacobino** tenha continuado existindo na cidade, até pelo menos o final dos anos 30 do século passado. O jornalista Luiz Edmundo, em seu **O Rio de Janeiro do meu tempo**, continuava a disparar o mesmo tipo de ataque contra os imigrantes lusos, “denunciando” seu controle tanto sobre o comércio como sobre a imprensa carioca:

“A grei, diga-se logo sem rebuços, e a espanto, talvez, dos que desconhecem as tradições que nos vêm dos velhos tempos coloniais, é o honrado comércio desta praça (como ele habitualmente se proclama), comunidade poderosa, onde os filhos da terra surgem, apenas, em minoria lastimável, bando de negociantes iletrados, todos comendadores, semideuses na América e que acumulam à nobreza de todas essas distinções, postos de qualidade na Maçonaria e nas Ordens Terceiras. A maioria dos jornais, a bem dizer, é deles, os nababos da terra. Nos contratos para explorar os prelos da cidade,

no entanto, nem sempre o nome de tais senhores aparece. O fato é que, diretamente ou indiretamente, todos lhes pertencem. São deles as oficinas de impressão e ainda os imóveis onde as mesmas se instalam e funcionam, as cartas de fiança ou outras garantias para instalação e funcionamento das empresas, deles o crédito para a compra da tinta e do papel, finalmente, deles o anúnciozinho, embora muito mal pago, porém representando a vida e a prosperidade da gazeta. Os títulos de propriedade dessas empresas gráficas que surgem com firmas brasileiras, ou os lugares de direção atribuídos a patrícios nossos, nada valem. Bem pesquisado, bem esquadrinhado, no fundo do negócio está sempre, com o seu prédio, o seu material ou o seu anúncio, o inefável comendador, grau trinta e tantos da Maçonaria, irmão remido ou benfeitor da Ordem Terceira da Penitência, do Carmo ou de S. Francisco, um homenzinho de testa curta, as sobranceiras em caramanchão, os bigodes de volta, mostrando os pesos de ouro sobre a pança lauta, uma corrente de relógio enorme e com um medalhão forrado de violentíssimos brilhantes. É o destino da terra: depois da tirania do capitão-mor, o guante⁶⁸ 'amável' do comendador... Nas redações desta imprensa alienígena, os brasileiros foram sempre fantoches.” (Costa, 1938, vol. III: 1055-1056)

Não surpreende, portanto, que ainda no final da década de 20, época do surgimento de **Lusitania**, outro periódico imigrantista luso-carioca se dispusesse a responder a esse antilusitanismo ou, ao menos, mostrar o valor dos imigrantes portugueses para o progresso do Rio de Janeiro e do Brasil. A revista **Portugal Ilustrado** (que trazia o subtítulo “Revista Mensal de Propaganda Portuguesa e Intercâmbio

⁶⁸ No sentido literal, luva de ferro utilizada por cavaleiros medievais, como complemento de suas armaduras; em sentido figurado, autoridade despótica, acostumada a agir com “mão-de-ferro”.

Luso-Brasileiro”), em sua primeira edição, traz um conciso editorial, onde destaca seu papel de aproximação entre portugueses e brasileiros:

“Pela Pátria

Este é o lema de ‘Portugal Ilustrado’. Continuando o programa da revista ‘Portugal’, cuja suspensão há oito meses serviu para evidenciar a necessidade moral, intelectual e patriótica da sua existência, ‘Portugal Ilustrado’ prosseguirá sem desvios nem hesitações a obra de aproximação de todos os portugueses e a da cultura sã e desassombrada de uma real aproximação luso-brasileira.

O plano que há cinco anos elaborei e expus ao meter ombros à realização de ‘Portugal’, idealizada para atingir o duplo fim patriótico da propaganda das nossas coisas e da coordenação dos nossos irmãos, plano vastíssimo que servirá de cúpula à organização dos Congressos de Portugal Maior; esse plano, que tem merecido os louvores de todos os governos portugueses e as simpatias dos países cujo progresso deve muito ou pouco aos braços lusitanos, teria ficado indefinidamente interrompido não fora o patriotismo e a atividade criadora de Teófilo Carinhas, a quem a colônia portuguesa do Brasil ficará devendo o inestimável serviço de a representar condignamente na Exposição Internacional de Sevilha, com esse álbum monumental destinado a fixar para a admiração dos vindouros à contribuição dos portugueses para o engrandecimento do Brasil.

Criando a ‘Portugal Ilustrado’, ligando-se ao ‘Jornal Português’, que sob a direção competente, firme e abnegada de Eugênio Martins, há dez anos honra o nosso jornalismo na América do Sul e dando vida ao ‘Almanaque Português’, com um simples e mais que admirável ‘faça-se’, da sua inteligência e da sua vontade, Teófilo

Carinhas presta, não só à colônia portuguesa, mas a Portugal, um altíssimo serviço que não deve ficar no esquecimento.”⁶⁹

Comparando-se este editorial de **Portugal Ilustrado** com o primeiro editorial de **Lusitania** evidenciam-se as semelhanças na proposta das duas publicações, o que reforça meu entendimento de que existia, na imprensa imigrantista luso-carioca do final da Primeira República, a necessidade de afirmação da *identidade* da colônia como contraponto ao antilusitanismo latente no Rio. Joaquim Campos, redator-chefe de **Lusitania**, afirmava naquela ocasião:

*“Estamos em um momento excepcional da vida. O mundo moderno é o turbilhão do sentimento, do prazer, da ambição, do amor. A onda furiosa do progresso avassala, exalta e transforma tudo, erigindo um conflito tremendo entre o bem e o mal, ameaçando a vida das sociedades e a integridade das nações. (...) É nesta época que aparece **LUSITANIA**, para falar aos portugueses do Brasil, para unir cada vez mais os dois povos, pelo espírito e pelo coração. Integrada na sua Edadade, com o sentimento novo das coisas, querendo sentir as sensações e os anseios da luta, ella será uma revista moderna, sem preconceitos passadistas, vestida de accordo com o seu tempo, orientada no sentido da perfeição e da grandeza. O Brasil, país novo, doirado de sol e de esperança, é uma nação em pleno desenvolvimento, progressista e audaz, onde a intelligencia tem crepitações de enthusiasmo. **LUSITANIA** saberá comprehender esse ambiente e incorporar-se ao scenario mental em que vae apparecer e existir, com a volupia da eternidade.*

O nosso programma? Está traçado pelo titulo. Lusitania diz tudo. Lusitania é a batalha da Patria, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. (...)

⁶⁹ **Portugal Ilustrado**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, set./ 1928. Citado em Silva (1992: 122-123).

*De nós, dos nossos propositos, das nossas idéas, tambem não é preciso falar. **LUSITANIA** é irmã da **Patria Portuguesa**, filha do mesmo esforço, do mesmo patriotismo, do mesmo ideal. Nasceu do mesmo anseio e da mesma aspiração; viverá do mesmo amor, tangida pelo mesmo entusiasmo, apunhalada pela mesma saudade. Revista de aproximação luso-brasileira, de aproximação entre todos os portugueses, não terá outra politica que não seja a da Patria. Pairará acima dos homens e dos partidos para 'amar Portugal sobre todas as coisas e ao Brasil como a nós mesmos'. Nós seremos os soldados dessa idéa, lutadores sem vaidade, sinceros, com a alma illuminada pela doçura da recordação, peitos abertos a todas as vicissitudes e a todos os entusiasmos. E nada queremos em proveito proprio, para desejarmos tudo, todo o bem á nossa linda terra!"*⁷⁰

Em outros termos, próximos aos de **Portugal Ilustrado**, **Lusitania** também se batia contra **O Jacobino**, mesmo mais de trinta anos depois do fim do jornal lusófono. **Lusitania** buscava destacar o empreendedorismo dos imigrantes lusos no Rio e em outras cidades do Brasil e desmistificar o estereótipo do *mutruco*. Utilizaria outras estratégias, mais sutis, ao invés de bater-se frontalmente contra o antilusitanismo, numa ação velada, não objetivamente contraposta ao preconceito.

No lugar de declaradamente rebater as injúrias, ao contrário de enredar-se num crescendo de ataques e contra-ataques em suas páginas, **Lusitania** buscava enaltecer a cultura lusa, os feitos heróicos, o *vasto império*, as festas em datas comemorativas, os aniversários e casamentos, as efemérides, as visitas de representantes do Governo de Portugal ao Brasil e a outros países da América Latina, os fatos relevantes das colônias portuguesas em África, ou seja, ao referir-se

⁷⁰ **Lusitania**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 01 fev. 1929, p. 5.

positivamente aos imigrantes e seu universo tentava fazer com que, de fato, as imagens impressas no imaginário brasileiro acerca do imigrante luso fossem reconstruídas em novos moldes.

Neste contexto, segundo Maria Beatriz Nizza da Silva (1992: 124), existia, na colônia portuguesa, o desejo de desligar o imigrante português da dupla imagem do comerciante enriquecido por meios ilícitos ou pouco dignos e do pobre trabalhador analfabeto, salientando a presença de uma elite intelectual. Elite essa que forjou e divulgou conceitos como “raça”, “patriotismo” e “união”, auxiliada, sem dúvida, por eventos como a Primeira Guerra Mundial e também pelos próprios acontecimentos ocorridos em Portugal:

“A longa lista de periódicos publicados pela e para a colônia portuguesa no Brasil revela sempre o desejo de defender o desejo dos portugueses, quer publicando notícias para eles relevantes, quer defendendo-os dos ataques dos jacobinos, quer simplesmente fazendo a publicidade de seus empreendimentos comerciais ou industriais, como ocorreu nos primeiros números da ‘Revista Portuguesa’, publicada no Rio de Janeiro em 1915.” (Silva, 1992: 115)

LUSITANIA COMO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA SOCIAL

O que fazia os leitores de **Lusitania** se agruparem em torno de uma publicação tão refinada e de objetivos editoriais tão claros? Qual a necessidade de se editar uma “*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*” na capital federal de uma república tropical que mal começara a dar seus primeiros passos? Como isso expressa o estado de uma luta de poderes dentro da própria colônia luso-carioca?

Lusitania pode ser vista apenas como uma reação dos imigrantes ao antilusitanismo que se exacerbava no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, mas tal raciocínio não seria por demais simplório? Não existiriam outros valores a motivar a existência de **Lusitania** e sua sobrevivência por longos quase seis anos, num mercado editorial marcado pela efemeridade dos empreendimentos editoriais⁷¹?

Outras perguntas se apresentam: seria possível a existência de pontos de aproximação, para além de sua dinâmica interna, entre o grupo social que elegeu **Lusitania** como sua porta-voz e as classes dominantes no Brasil da República Velha? Seria possível perceber “estratégias de conservação” comuns aos imigrantes leitores de **Lusitania**, através das páginas da revista? Em outras palavras, o que fazia dos leitores de **Lusitania** um grupo socialmente delimitado?

O elogio ao ‘bom empreendedor’

Bronco, ignorante, *pé-de-chumbo*⁷²: era essa a imagem estereotipada que se tinha do imigrante lusitano no Rio de Janeiro da Primeira República (Chalhoub, 1986: 36; Ribeiro, 1990), fosse ele um trabalhador do cais do porto, um operário da construção civil - ocupações predominantes entre os imigrantes de baixa renda - ou um próspero empresário ou comerciante, exceção que aos poucos foi se tornando comum na cidade.

⁷¹ Sobre a efemeridade das revistas cariocas nas décadas de 20 e 30 do século passado, ver Gomes (1999).

⁷² Segundo o **Dicionário Aurélio eletrônico - século XXI** (Ferreira, 1999) o termo “*pé-de-chumbo*” era utilizado para definir um “*indivíduo grosseiro; uma pessoa que não progride na vida, apesar de tudo lhe ser favorável; um zé-ninguém*”. Era apenas uma dentre as muitas alcunhas dadas pelos brasileiros do início do século passado aos imigrantes portugueses, à qual se somavam várias outras, extremamente depreciativas e jocosas.

No entanto, não era esse o tipo de representação presente nas páginas de **Lusitania**. O que pode ser visto ali é o *elogio ao bom empreendedor*: comunicados sobre inaugurações de firmas e/ou suas filiais, variados e bem sucedidos negócios encabeçados por patrícios lusos. O *layout* era quase sempre o mesmo, com o nome do estabelecimento em letras destacadas, uma foto do evento seguida de breve legenda e um ou dois parágrafos dando maiores informações sobre o fato:

“Armazem e Bar Elite

Realizou-se, há dias, a inauguração deste estabelecimento, á rua Lopes Trovão, 54, em Icaraí, Niterói, de propriedade do nosso compatriota Sr. Ovídio Reis, a quem muito deve aquêlê bairro elegante da vizinha cidade.

Ao acto inaugural estiveram presentes vários convidados, aos quais foi oferecido doces, chopps e vinho do Porto. O nosso companheiro Barros Junior saudou o arrojado e honesto comerciante, pondo em relêvo a sua crescente actividade em pról do progresso do lindo bairro niteroiense, onde já possue o maior armazem, á rua Alvares de Azevedo, 55, denominado ‘Armazem União’.”⁷³

⁷³ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 75, 01 mar. 1932, p. 11. Grifo meu.



Fig. 19 - Inauguração do Armazém e Bar Elite. Foto publicada no n. 75 de *Lusitania*, em 01 de março de 1932. Legenda original: “O sr. Orídio Reis, em companhia de sua esposa e vários convidados, na inauguração do Armazém e Bar Elite”.

“Café-Bar Jorge V

Á rua Primeiro de Março n.º 26, esquina de Ouvidor, inaugurou-se, há dias, um novo estabelecimento denominado CAFÉ E BAR JORGE V, de propriedade da firma Martins Leal & Cia.

Á nova casa acorreram muitos convidados, a quem foi servido chopps, sandwicks, doces e vinhos generosos, tendo sido levantados vários brindes em honra de seus proprietários que não medindo sacrifícios conseguiram dotar aquela artéria da cidade com uma casa modelar onde impéram a arte, higiene, gosto e confôrto.

A simplicidade das suas paredes aliada aos lindos azulejos, são de uma nota alegre, que anexa á gentileza dos sócios da firma captivam os seus frequentadores.

A LUSITANIA, sempre pronta a dignificar a acção daqueles que trabalham honestamente, sente-se satisfeita em noticiar o que é a obras dos Srs. José Martins Leal e Emílio Martins, cujos esforço e tenacidade apontamos como um exemplo.

Aos benquistos comerciantes os nossos efusivos parabens.”⁷⁴



Figs. 20 e 21 - Inauguração do Café-Bar Jorge V. Fotos publicadas no n. 77 de **Lusitania**, em 01 de abril de 1932. Legenda original: “*Em nossas gravuras vêem-se as salas do bar e do café do novo estabelecimento e parte da distinta e vultosa assistência que concorreu á inauguração*”.

A preocupação com a dignificação do trabalho e também da honestidade existente entre os membros da colônia e, por extensão, a divulgação dessas qualidades foi a tônica de praticamente todas as matérias deste gênero publicadas em **Lusitania**. Mesmo quando o objetivo parecia ser apenas o registro de uma data de aniversário, transparece esse cuidado por parte dos redatores:

“Dr. Sabino Theodoro

Passa no dia 21 do corrente o aniversário natalício do nosso ilustre patrício Dr. Sabino Theodoro, director da Escola de Medicina e Cirurgia e do Hospital Habnemanniano, figura de alto relêvo na nossa colônia e na sociedade carioca, onde desfruta lugar proeminente.”⁷⁵

⁷⁴ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 77, 01 abr. 1932, p. 26. Grifo meu.

⁷⁵ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 76, 16 mar. 1932, p. 2. Grifo meu.



Fig. 22 - O médico Sabino Theodoro, em foto publicada no n. 76 de **Lusitania**, pela passagem de seu aniversário, em 16 de março de 1932.

***Lusitania* como espaço de convivência social e política**

Outros tipos de efemérides e eventos também eram registrados nas páginas de **Lusitania**, tal como aniversários de jovens casadoiras e enlances matrimoniais, quando se destacava uma outra característica da revista: a profusa utilização de fotografias, que muitas vezes chegavam a preencher páginas inteiras, sempre secundadas por legendas explicativas lisonjeiras:



Fig. 23 - Foto publicada na edição n. 77 de **Lusitania**, em 01 de abril de 1932. Legenda original: “*Virgínia Soares Nunes, filha do nosso patricio António Soares Nunes, chefe da firma Nunes, Martins & Cia., e cujo aniversário natalício passou a 23 de Março*”.



Fig. 24 - Foto publicada na edição n. 80 de **Lusitania**, em 16 de maio de 1932. Legenda original: “*EM NITERÓI - Realizou-se o casamento do Sr. José de Sousa com a Srta. Feliciano Alves Cruz, que se vêem na presente gravura*”.

Mas a convivência da colônia não se fazia só em inaugurações comerciais, aniversários - de *figuras de alto relevo* ou *joventes raparigas* - e casamentos. Inúmeros outros tipos de celebrações eram registrados nas páginas elegantemente diagramadas de **Lusitania**. Bailes de Carnaval, eleições para a Rainha da Colônia, jogos de futebol, disputas de atletismo e remo, competições de natação, festas religiosas, comemorações escolares, representações teatrais e palestras acadêmicas eram profusamente retratados em fotografias anônimas, assim como comemorações semelhantes àquelas dos luso-cariocas, realizadas nas colônias portuguesas espalhadas pelo Brasil e pelo Mundo, e as tradições folclóricas de Portugal.

Algumas seções eram fixas, aparecendo em todos os números ou se revezando nas edições quinzenais: “*O Sport no Rio*”; “*O Sport em Portugal*”; “*Pelo Mundo*”; “*Mundanismo*”; “*Terras do Brasil*”; “*Nas Sociedades Recreativas*”; “*Tem Graça e Não Ofende*”; “*Escritores de Hoje*”; “*Imagens de Portugal*”; “*Monumentos de Portugal*”; “*Contos da História de Portugal*”; “*Datas Históricas*”; “*Teatro Português no Brasil*”; “*O que a Lusitania viu em Lisboa*”; “*Portugal no Estrangeiro*”; “*Terras da Nossa Terra*”; “*O Império Colonial Português*”.

Também o aspecto político estava presente nas páginas da revista. Comunicavam-se as ações do governo republicano de Portugal - quase sempre com um tom ácido - e se exaltava os ideais monárquicos ligando-os às tradições mais significativas da Nação Lusa:



Fig. 25 - Foto publicada na edição n. 81 de **Lusitania**, em 01 de junho de 1932. Legenda original: *“Escola Primária de S. Pedro das Aradas, há pouco inaugurada. É obra da Ditadura e da Comissão Administrativa da Junta Militar daquela progressiva freguesia que tem na sua presidência o incansável lutador e semeador do bem, António Lopes dos Santos, sargento-ajudante de Infantaria 19, de Aveiro - (Foto Tavares)”*.

Declaração sintomática das simpatias nutridas por seus editores, o pesar pela morte do último herdeiro do trono português marca o fim da possibilidade de um retorno à monarquia. Especialmente nas edições imediatamente posteriores ao falecimento de D. Manuel ⁷⁶ fica mais clara a antipatia da revista para com a República.

“D. Manuel de Bragança

A morte de D. Manuel de Bragança, ex-Rei de Portugal, ocorrida súbitamente na Inglaterra, produziu grande pesar no nosso país e no seio da colónia portuguesa desta capital e dos Estados.

[...] Vivendo fóra da Pátria, longe do cenário político em que republicanos e monarquistas por vezes contendiam, não alimentava á sua volta nenhuma agitação partidária nem exercia, no alto e

⁷⁶ Refiro-me ao n. 84, de 16 jul. 1932, e ao n. 85, de 01 ago. 1932.

vastíssimo círculo das suas relações, influência contrária á consecução dos problemas políticos que a República defendia nos conclaves internacionais. Antes os auxiliava, como dissemos - esquecido, nessas horas, de que era um Rei destronado, para se lembrar de que, acima de tudo, era um português, a quem competia zelar pelo bem da Pátria.

[...] Curvemo-nos todos, portanto, diante da fatalidade, e choremos a sua morte, a morte do último Rei de Portugal, a morte de um patriota devotado e sincero. Os homens não valem pelos partidos a que pertencem: valem pelos seus actos, pelo character, pela inteligência e pela cultura!"⁷⁷

Mas **Lusitania** ainda continuaria a circular por mais dois anos e meio. Seu último número, o 118, foi editado em dezembro de 1934. Nos seus quase seis anos de vida a revista consolidou uma linguagem e um imaginário próprios da *classe dirigente* da colônia, e esse universo fornece uma melhor compreensão do que significava *ser diferente*, do que representava *ser estrangeiro*, do que foi *ser imigrante português* no Brasil dos anos 20 e 30 do século passado e, também, de quais eram os mecanismos utilizados para a construção de uma *identidade portuguesa* no Brasil, desde o início da República até hoje, além de mostrar mais claramente o que penso que foi, na verdade, uma *contradição* interna à colônia portuguesa no Rio de Janeiro.

Tomo por *contradição* o fato de que, apesar de a colônia portuguesa no Rio de Janeiro ser formada, em sua grande maioria, por imigrantes de baixa renda, o seletivo grupo de empresários e profissionais liberais que fazia de **Lusitania** e de revistas similares seu meio de expressão preferencial passou a utilizar, em diversos momentos, o discurso das camadas dirigentes do Brasil, quase que esquecendo a

realidade que a maior parte dos patrícios enfrentavam na cidade, ou seja, o trabalho árduo e mal remunerado, o antilusitanismo e as precárias condições de sobrevivência.

Em resumo, a criação de uma *identidade* portuguesa no Brasil passava também pelo estabelecimento de uma classe dirigente dentro da própria colônia, que, assim como a classe dirigente brasileira, fazia *vistas grossas* às reais condições de existência dos trabalhadores de baixa renda dentro de seu grupo: ao utilizar um meio de expressão editorial como a revista **Lusitania**, passavam a utilizar também parte do capital cultural e a reproduzir parte do *habitus* de seus congêneres brasileiros, agregando-os ao capital simbólico e cultural da mãe-pátria portuguesa.

⁷⁷ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 84, 16 jul. 1932, p. 3.

CAPÍTULO IV

LUSITANIA E O EMPRESARIADO PORTUGUÊS NO RIO DE JANEIRO: O DISCURSO DO "BOM EMPREENDEDOR"

O olhar duro, arisco e, também, de quem não compreendia muito daquela babel tropical que acabava de encontrar. As mãos calejadas e grossas, a barba por fazer, as botinas toscas pedindo engraxate. Na cintura, a larga faixa franjada, tecida pela mãe que ficara na aldeia. Na cabeça, o chapéu de feltro, com grandes abas recurvas. Sobre as costas, a trouxa remendada, trazendo os poucos pertences que cruzaram o Atlântico.



Fig. 26 - *O imigrante*, desenho de Raul Pederneiras, início do século XX.

O imigrante português que chegava ao Cais Pharoux no final do século XIX e, já no início do século XX, à Praça XV, no centro da cidade do Rio de Janeiro, tinha

quase sempre essa aparência. Pobre, vindo da zona rural de um Portugal abalado com a crise econômica do final do oitocentos e início do novecentos, comumente não tinha qualificação profissional para a vida urbana e acabava subempregado, trabalhando por pouco mais do que teto e comida.

Esta pode ter sido a história de muitos dos portugueses que chegaram ao Brasil entre 1890 e 1930 mas, certamente, não representa a realidade vivida por todos. É possível reconhecer este personagem nas charges d'**O Jacobino**, ainda em 1894⁷⁸, ou no traço de Raul Pederneiras, já depois do *bota-abaixo*.

O que dizer, então, do desenho do início do século passado, em que o mesmo Pederneiras representa o *típico* vendeiro português junto a uma negra de lábios carnudos? E de outra imagem, desenhada pelo mesmo artista, que mostra um taberneiro, também luso, com a farta barriga, o largo bigode e os pesados tamancos de madeira? Não representam tais desenhos o estereótipo arraigado na cultura brasileira acerca do imigrante português? Não estão tais figuras tão bem sedimentadas no imaginário carioca, em particular, que até hoje continuam a ser repetidas⁷⁹?

⁷⁸ Ver fig. 18, p. 96.

⁷⁹ Em 15 de abril de 2003 era quase essa a imagem presente num dos quadros do programa humorístico *Casseta e Planeta Urgente*, veiculado pela Rede Globo de Televisão, em horário nobre. Parodiando o fato de ter sido a RTP - Rádio e Televisão Portuguesa - a primeira emissora a transmitir os bombardeios norte-americanos sobre Bagdá, semanas antes, *Casseta e Planeta* mostrou sua versão para o episódio, criando a "TV Manoel Jazira", em que todos os apresentadores se vestiam como os personagens das charges de Raul Pederneiras, apenas acrescentando-se uma boina de feltro e uma camiseta do Clube de Regatas Vasco da Gama, da cidade do Rio de Janeiro.



Fig. 27 - Vendedor português e negra no armazém, desenho de Raul Pederneiras, primeiro quartel do século XX.



Fig. 28 - O *taberneiro*, desenho de Raul Pederneiras, início do século XX.

Certamente também tiveram muita influência sobre tal estereótipo os vendedores e biscateiros que abarrotavam as ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro no início da República Velha e que, em grande parte, eram de origem lusa. A

rua recebia a todos, democraticamente, e lhes dava o ganha-pão do dia-a-dia. Por isso mesmo, pode-se afirmar que os ambulantes fotografados por Marc Ferrez em seu estúdio, no final do século XIX e início do século passado, e cujas imagens foram popularizadas através de cartões postais profusamente comercializados no Brasil e no exterior, representam a imagem de que **Lusitania** desejaria, décadas mais tarde, distanciar-se:



Fig. 29 - Cartão postal vendido pela Casa Marc Ferrez, cerca de 1900/ 1905.



Fig. 30 - Vendedor de vassouras do Rio de Janeiro.
Foto de Marc Ferrez, cerca de 1885.

Os imigrantes a que **Lusitania** se endereçava não vendiam réstias de alho ou vassouras pela Rua da Alfândega, arrastando os pés nus no calçamento irregular, não carregavam cestos com galinhas sobre a cabeça nem, tampouco, passavam o dia esfregando a barriga em um balcão de armazém de secos e molhados. Definitivamente, não eram *pés-de-chumbo*. Eram, sim, distintos senhores, vetustas damas, garbosos rapazes e delicadas raparigas que, de uma vez por todas, tinham que se diferenciar daquela malta que marcara presença, anos antes, nas ruas e becos da Capital Federal.

OS DISTINTOS SENHORES DA COLÔNIA: O EMPREENDEDORISMO LUSO-CARIOCA

Um dos fatores que diferenciavam a imigração portuguesa no Brasil daquela proveniente de outros países era sua continuidade, desde fins do século XIX até meados do século XX, apesar de ela ter apresentado oscilações marcantes em diferentes períodos (Freitas Filho, 2002: 166).

Parece-me que outro fator que junta-se a esse, ao menos no caso da cidade do Rio de Janeiro, é a grande presença de lusos entre os mais bem sucedidos comerciantes e industriais cariocas, o que, paradoxalmente, contrasta fortemente com as condições de vida dos portugueses de baixa renda que viviam na cidade.

Na verdade, segundo Maria Ioannis Baganha, é possível identificar diferentes tipologias no que diz respeito à inserção dos trabalhadores lusos no mercado de trabalho brasileiro, sendo possível a definição de três grupos distintos:

“(...) o primeiro é composto por adolescentes e jovens adultos que foram reunir-se a familiares ou amigos para trabalharem em atividades comerciais. O segundo grupo, com uma média etária

superior, é composto por migrantes detentores ou de algum capital ou qualificações específicas, o que lhes permitiu encontrar com alguma facilidade um nicho numa economia urbana em expansão. O terceiro grupo, é constituído por migrantes sem qualquer qualificação e que foram engrossar o mercado de trabalho indiferenciado” (Baganha, 2001: 453)

Em qual destes três grupos estariam os leitores de **Lusitania**? Penso que naquele em que havia capital econômico e cultural suficiente para conquistar uma posição sócio-econômica favorável no Brasil, ou seja, o segundo dentre os três grupos definidos por Baganha.

Ainda segundo a mesma autora, enquanto os jovens imigrantes que chegavam apoiados na rede de solidariedade pré-existente - o primeiro de seus grupos - representava de 8 a 11% da imigração legal de Portugal para o Brasil em fins do século XIX, os qualificados ou possuidores de capital a investir no país que os recebia - o segundo grupo - constituíam cerca de 10% do total de imigrantes, enquanto o restante, sem nenhum tipo de qualificação profissional - o terceiro grupo - configurava nada menos do que 80% do total de portugueses chegados ao país (Baganha, 2001: 453).

Ora, um dos mitos fundantes da emigração portuguesa é o da *Fortuna* conseguida em terras estrangeiras, como uma *árvore de patacas*⁸⁰ à espera de quem quisesse colher seus frutos. Considerando os grupos definidos por Maria Ioannis Baganha, certamente muito poucos imigrantes lusos colhiam as moedas da mítica

⁸⁰ Árvore em que, segundo a cultura popular portuguesa, brotariam moedas (patacas), à espera de serem colhidas por quem se dispusesse a fazê-lo (Matos, 2002: 59).

árvore no Brasil. Na verdade, segundo Miriam Halpern Pereira:

“(…) Em 1.000 emigrantes, 10 enriqueciam, 100 eram remediados, os restantes sobreviviam, segundo uma estimativa do Rio de Janeiro, a principal zona de fixação dos emigrantes portugueses.”
(Pereira, 1999: 193)

Ao transferir esta estimativa para números mais palpáveis, é possível chegar a um quadro bem claro da realidade da colônia luso-carioca no início do século XX: em 1906, dos cerca de 130.000 imigrantes lusos que moravam na cidade, apenas 1.300 podiam ser considerados ricos, 13.000 eram de classe média e mais de 115 mil formavam um grande exército de miseráveis, numa cidade que abrigava pouco mais de 800 mil pessoas. Em 1920 esses números, considerando-se a mesma proporção, chegam a cerca de 1.700 os portugueses ricos, 17.000 os de classe média e mais de 150 mil pobres, numa população de cerca de 1 milhão e 150 mil cariocas.

Quem eram, portanto, os *bons empreendedores* retratados nas páginas de **Lusitania** e das revistas que a ela se assemelhavam? Observando os números crus da população portuguesa no Rio de Janeiro fica claro que os distintos senhores da colônia faziam parte de um grupo que, quando muito, chegava a cerca de 10 mil imigrantes aos quais se dirigia a revista, levando-se em conta apenas os ricos e a classe média alta.

Mas se tão poucos de fato enriqueciam na colônia, torna-se mais fácil a compreensão dos motivos que fizeram com que o estereótipo do imigrante português que sobreviveria na cultura brasileira tenha sido o do trabalhador braçal, de baixa renda, sem qualificação profissional definida. Afinal, era esse o perfil da esmagadora maioria dos imigrantes lusos, fossem eles homens ou mulheres.

Os empresários, industriais e comerciantes portugueses bem sucedidos, esses eram poucos, mas faziam diferença no cenário econômico carioca. Na verdade, seria apenas necessária uma análise superficial sobre a nacionalidade do empresariado da cidade para perceber que, entre fins do século XIX e meados do século passado, *“uma parcela significativa dos imigrantes portugueses residentes no Rio de Janeiro fazia parte da elite empresarial local”* (Freitas Filho, 2002: 175).

De que maneira, contudo, se constituiu este espaço econômico e social de elite, em que os imigrantes lusos se destacavam? Por quais motivos eram justamente os imigrantes portugueses, marcados pelo jacobinismo de fins do Império e início da República, que enriqueciam, especialmente nas atividades industriais e comerciais?

Em primeiro lugar, uma característica da própria colônia portuguesa pode ter facilitado tal conjuntura: a criação e manutenção de associações e instituições diversas, tais como a Casa do Minho, o Real Gabinete Português, a Caixa de Socorros D. Pedro V⁸¹ e a Beneficência Portuguesa - entre outras - que reforçavam formalmente uma rede de solidariedade que, além de apoiar a inserção dos imigrantes na sociedade carioca que os recebia, também reproduzia o mito da *Fortuna* e da árvore de patacas que os esperava em terras brasileiras, servindo *“como testemunho e legitimação do sucesso alcançado por seus promotores no país que os acolhera”* (Freitas Filho, 2002: 172). Ou seja, o modelo do imigrante bem sucedido era colocado como horizonte desejável para os que aqui chegavam, de modo constante e com expressiva visibilidade.

⁸¹ Especificamente sobre a atuação da Caixa de Socorros Pedro V, ver Silva (1990).

Outro fator que somava-se a esse, se levarmos em conta as condições do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro naquele período, era, certamente, a sobreposição exagerada do número de homens sobre o de mulheres, entre os membros da colônia portuguesa. As oportunidades para enriquecimento não estavam entre as funções femininas⁸², mas sim nas tradicionalmente exercidas pelos homens, especialmente aquelas ligadas ao comércio e à indústria.

Essa “disposição” para o trabalho, na verdade, constituía-se numa estratégia de construção da própria *identidade* lusa no Brasil:

“Numa experiência histórica em que o trabalho foi elemento estratégico de construção da identidade étnica, os portugueses dotaram de um novo sentido o ato de trabalhar - sob uma certa perspectiva, o trabalho ajudava a superar o medo do novo e a insegurança do desconhecido. No intuito de fazer fortuna, investindo economias e adiando os prazeres imediatos como meio de melhorar sua situação e retornar à terra natal, os portugueses eram vistos como capazes de suportar as dificuldades e, com extremo despojamento, entregar-se ao trabalho de corpo e alma.” (Matos, 2002: 85-86)

Essencialmente, a imigração para o Brasil representava, para qualquer português, a possibilidade de ascensão social, haja vista a diferença de salários aqui praticados, mas também, pelas diversas oportunidades para investimentos disponíveis para os que aqui chegavam com capital suficiente:

“Chegados ao Brasil e instalados nos centros urbanos, os portugueses podiam ser facilmente encontrados em diversas atividades, mas sobretudo no pequeno comércio de bens de consumo imediato. Os

⁸² Sobre o trabalho feminino no Rio de Janeiro entre 1860 e 1910, ver Graham (1992).

armazéns, cafés, bares, padarias, açougues, leiterias, confeitarias, quitandas, papelarias, armarinhos pertenciam, em sua maioria, a estes imigrantes, que os administravam juntamente com seus familiares mais próximos. O comércio varejista e os negócios de pequeno porte formavam um território que parecia estar sob o total controle da nacionalidade.” (Freitas Filho, 2002: 169)

Essas oportunidades existiam, no Rio de Janeiro, por um detalhe peculiar de sua organização social, que pode ser explicado pela formação histórica da cidade: a elite local dedicava-se preferencialmente “às atividades agropecuárias, às profissões liberais e aos altos postos da política e da administração pública” (Freitas Filho, 2002: 175), já que estas eram, essencialmente, suas áreas de atuação desde o período colonial, antes mesmo da chegada da Família Real, em 1808. Com o crescimento exagerado da cidade quando passou a ser sede do *vasto império*, várias atividades, especialmente as comerciais e fabris, viram sua demanda grandemente aumentada repentinamente, e boa parcela das oportunidades que surgiram foram preenchidas justamente por parte dos portugueses que chegaram, então, ao mercado de trabalho carioca. O interessante é que este perfil diferenciado da cidade do Rio de Janeiro manteve-se durante todo o Império e adentrou a República, o que não ocorreu, ao menos nos mesmos moldes, em outras localidades com forte imigração lusa, como Recife ou Belém, já que

“(...) todas as profissões na cidade [do Rio de Janeiro] lhe convêm e ninguém lhas pode disputar. Se tem, como sucede freqüentemente, aptidões para o comércio, faz-se lojista ou revendedor. Os portugueses, ao contrário dos outros estrangeiros, não se limitam ao comércio grosso; no Rio de Janeiro o comércio de retalho está absolutamente em suas mãos.” (Denis, s.d.: 17)

Exceção parece ser o caso de Santos, onde os portugueses também “*estavam ligados praticamente a todos os ramos de comércio e ocupações urbanas, concentrando-se principalmente no centro da cidade*” (Frutuoso, 1989: 142).

A importância dos empresários portugueses para a indústria carioca era destacada, já em 1929, dentro da própria colônia, por Teófilo Carinhas, fundador da revista **Portugal Ilustrado**:

“As primeiras indústrias que surgiram em território brasileiro foram portuguesas. Elas estão aí e atestam o esforço, a operosidade, as admiráveis qualidades da iniciativa da raça, as grandes, as formidáveis indústrias metalúrgicas, de calçado, de tecidos, de chapéus, de móveis, de moagem, de conserva, de mármore, de óleo e de seus derivados, de tabacos! E quantas mais não se estão criando constantemente!” (Carinhas, 1929: 182)

O empreendedorismo português também pode ser percebido - atentando-se, é claro, para o caráter segmentado de publicações deste tipo - pela diversidade de empresas pertencentes a imigrantes que anunciavam nas páginas de **Lusitania**.

Já em seus primeiros números, ainda em 1929, suas páginas traziam “reclames” de produtos variados, tais como os do Vinho Adriano - “*vinho de todo o ano*”⁸³ - e o da água mineral Salutaris, mas também de empresas comerciais e industriais portuguesas estabelecidas, principalmente, na própria cidade do Rio de Janeiro, como os da firma comercial L. Bessa - de venda de chapéus femininos -, da Calçados Robalinho, da fábrica de sapatos Ferreira Souto & Cia. e da loja de meias e miudezas Bobina Central.

⁸³ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 2, 16 fev. 1929, p. 2.

Em cada número de **Lusitania** vão surgindo novos anunciantes, que substituem alguns dos mais antigos ou se revezam com eles na compra do espaço publicitário da revista. Um dos anunciantes mais freqüentes e presente desde a primeira edição viria a ser a Casa Nunes, loja de móveis finos e decoração pertencente a Antonio Soares Nunes, localizada na Rua da Carioca, e cujos anúncios de $1/4$, $1/3$ ou $2/5$ de página sinalizam bem a que público se dirigia a revista:



Mobílias de estilo LUIZ XV e LUIZ XVI

— Laqueadas ou douradas —
Estofadas com lindas guarnições de Gobelin
VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES

ASA MARCA **UNES** REGISTRADO

65, RUA DA CARIOCA. 67 — RIO

Fig. 31 - Anúncio de $2/5$ (15 cm X 15,5 cm) de página publicado no n. 75 de **Lusitania**, em 1º de março de 1932.

No seu proprio interesse

*Não compre sem certificar-se de que pelos menores
preços pode adquirir no nosso inequalovel sortimen-
to as mais recentes criações de*



**TAPETES
PASSADEIRAS
MADRAS
CRETONNES
ETAMINES
DAMASCOS
PANNEAUX
ETC;**

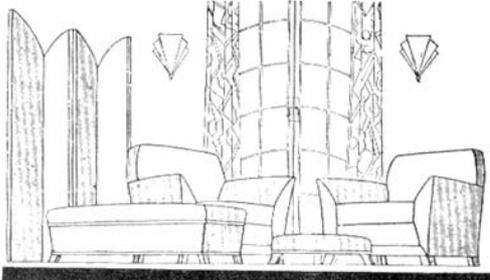
Peça o nosso orçamento
sem compromisso

ASA MARCA **UNES** REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

Fig. 32 - Anúncio de $\frac{1}{3}$ (11 cm X 16,5 cm) de página publicado no
n. 76 de *Lusitania*, em 16 de março de 1932.

Porque hesita?



Peça hoje mesmo o nosso orçamento, sem compromisso
de compra.
Teremos o maior prazer em fornecer-lho.
O maior e mais bello sortimento de
MOBILIARIOS MODERNOS
TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES ELEGANTES

Preços sem concorrência

ASA MARCA **UNES** REGISTRADA

65 - Rua da Carioca - - 67 - -RIO

Fig. 33 - Anúncio de $\frac{2}{5}$ (13 cm X 16,5 cm) de página publicado no
n. 78 de *Lusitania*, em 16 de abril de 1932.



Fig. 34 - Anúncio de 2/5 (13 cm X 15,5 cm) de página publicado no n. 82 de *Lusitania*, em 16 de junho de 1932.

Ainda hoje, uma das premissas básicas da propaganda consiste na adequação da mídia ao público alvo. Ora, a Casa Nunes, como um tradicional anunciante de *Lusitania*, certamente preocupava-se em ter sua publicidade lida por aqueles que pudessem comprar os produtos anunciados, e estes iam desde as luxuosas “*mobílias de estilo Luís XV e Luís XVI laqueadas ou douradas*”⁸⁴, destinadas aos abonados empresários luso-cariocas, até os “*móveis modernos de acabamento esmerado*”⁸⁵ que podiam ser adquiridos com pagamento facilitado e “*sem aumento de preços*”⁸⁶ pela classe média da colônia.

⁸⁴ *Lusitania*, Rio de Janeiro, n. 75, 01 mar. 1932, p. 1.

⁸⁵ *Lusitania*, Rio de Janeiro, n. 82, 16 jun. 1932, p. 6.

⁸⁶ *Lusitania*, Rio de Janeiro, n. 82, 16 jun. 1932, p. 6.

Também é possível chegar a uma conclusão semelhante analisando as ofertas da loja União Comercial, de Neves, Gonçalves & Cia., publicadas em um anúncio de rodapé na terceira edição de **Lusitania**:

“As boas donas de casas - Não devem comprar utensílios de cozinha e mesa, sem visitar a nossa Casa, onde encontrarão o mais completo sortimento de artigos para uso domestico, por preços muito baratos.

Artigos de reclame:

1 duzia de facas francezas, para mesa 13\$000

1 duzia de facas francezas, para sobremesa 13\$000

Fogareiro pressão ‘Sves’ um 23\$000

Papel Waldorf, uma caixa, com 100 rollos 90\$000”⁸⁷

A casa comercial portuguesa oferecia produtos consumidos, essencialmente, pela classe média, o que só reforça a idéia de que a revista era, também, destinada a uma parcela significativa deste grupo na colônia luso-carioca.

Na verdade, o fato de **Lusitania** ser dirigida a esta parcela minoritária dentro da colônia portuguesa do Rio de Janeiro a transforma, também, em portadora do capital simbólico que se reproduzia, justamente, entre aqueles que detinham as melhores condições de vida entre os imigrantes lusos e chegavam, muitas vezes, a explorar o trabalho de seus próprios contrerrâneos⁸⁸ menos afortunados.

⁸⁷ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 3, 01 mar. 1929, p. 6.

⁸⁸ Sobre a exploração dos imigrantes portugueses que chegavam ao Rio de Janeiro sem qualificação profissional e iam trabalhar como caixeiros no comércio luso do centro da cidade, ver Menezes (2000) e Ribeiro (1990).

Para Freitas Filho, estes empresários luso-cariocas não devem ser desconsiderados quando se analisa a evolução econômica do país na Primeira República:

“Na origem da indústria carioca, o capital de nacionalidade portuguesa, proveniente das atividades comerciais, teve uma importante participação (...). Neste sentido, encontramos o imigrante português exercendo as funções de dirigente, administrador e fundador, em inúmeras empresas do setor industrial da cidade do Rio de Janeiro, em várias ocasiões.

*Tendo acumulado considerável pecúlio e alcançado uma [sic] status social elevado, face ao grande contingente migratório que, periodicamente, se dirigia ao país, esta **minoría** contribuiu para a formação de um padrão de relações, empresariais e trabalhistas, que marcaram os primórdios do capitalismo no Brasil. Modernização tecnológica, práticas paternalistas e assistencialistas para com os trabalhadores, administração e controle familiar do patrimônio, forte mentalidade comercial, foram algumas das práticas adotadas pelos empresários-comerciantes portugueses, responsáveis pelo sucesso ou fracasso de seus empreendimentos.*

(...) foi possível ainda detectar a permanência de um sentimento de nostalgia, um desejo de manter a origem portuguesa e, com isso, os laços com a terra natal.”⁸⁹ (Freitas Filho, 2002: 193)

O DISCURSO DO 'BOM EMPREENDEDOR' EM *LUSITANIA*

Não se pode deixar de considerar **Lusitania** como um ato de produção cultural, num universo marcado pelo estereótipo do *pé-de-chumbo* que se construiu, durante décadas, no imaginário carioca. Assim, em suas páginas é possível encontrar

a cristalização de um determinado discurso que “*implica na afirmação de sua pretensão à legitimidade cultural*” (Bourdieu, 1992: 108).

Em outras palavras, o que os criadores de **Lusitania** desejavam, mesmo que inadvertidamente, era construir e reforçar uma nova imagem, um outro “estereótipo” para o imigrante português que vivia na cidade do Rio de Janeiro, quase que sepultando, com suas páginas, todo um conjunto de representações que se erigiu na cultura brasileira desde o período colonial.

Se o campo da produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes, tal como afirma Bourdieu, o que temos em **Lusitania**? Já em seu primeiro número percebe-se que a revista toma, para si, a responsabilidade de divulgar uma nova visão sobre o imigrante português, ligando-o à modernidade e ao turbilhão do progresso⁹⁰, utilizando para isso os mais diversos meios, que vão desde uma notícia sobre a inauguração de algum estabelecimento comercial até uma matéria sobre casas de portugueses na cidade do Rio de Janeiro:

“OS PORTUGUESES adaptam-se ao Brasil como se aqui tivessem nascido. Mesma lingua, mesmos costumes, mesmo sangue, quase a mesma familia, a adaptação é facil, natural. Trabalham, enriquecem - a terra é bôa e generosa - e a fortuna que conseguem construir fica invertida [sic] aqui, em casas e negocios. A propria familia fica sendo portuguesa e brasileira. Mas apesar dessa ligação profunda á terra que adoptaram para viver, não se esquecem da outra, da linda e querida terra em que nasceram. Passam a ter como que duas patrias, o Brasil, a que se deixam prender pela gratidão, pelos filhos que são brasileiros, pelas relações e pelo habito, e Portugal

⁸⁹ Grifo meu.

⁹⁰ Ver o editorial da primeira edição de **Lusitania**, nos *Anexos*.

a que estão ligados pela infancia, pelas recordações, pelo sangue que lhes palpita nas veias, e pelo amor que lhes arde no coração.”⁹¹

“Os portugueses no comércio carioca - A inauguração do ‘Café e Bar S. José’

É o commercio portugues no Brasil um dos grandes factores do embellezamento das suas cidades, principalmente da do Rio de Janeiro, onde, dia a dia, se montam estabelecimentos e se remodelam outros, cada qual mais bizarro nas suas installações e luxuosas decorações.

Ainda agora, acaba de inaugurar-se o CAFÉ e BAR S. JOSÉ, á Praça Tiradentes n.º 7, de propriedade do nosso operoso compatriota Sr. Joaquim José Dias Seabra, um portugues que tem sabido vencer pelo seu proprio esforço e pelas suas faculdades de trabalho e honradez. Esse estabelecimento, que se denominava ‘Café Monteiro’, passou por uma completa remodelação, reabrindo agora com installações modernas e luxuosas e com a denominação Café e Bar S. José. A sua inauguração teve character festivo e foi assistida por numerosos amigos e convidados do Sr. Dias Seabra, como se verifica na gravura que reproduzimos.

As installações do Café e Bar S. José, obedecem a estylo colonial, formando um conjuncto de elegante harmonia e fino gosto artistico. Foram executadas pelas officinas dos Srs. Costa Pereira & Vianna, á rua Senador Pompeu n.º 192, que, mais uma vez, affirmaram a sua competencia technica em construcções deste genero, de que se tornam especialistas, sendo, hoje, os mais preferidos para essas installações modernas, que tanto estão embellezando o commercio carioca.

⁹¹ **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 1, 01 fev. 1929, p. 27.

O proprietario do café e Bar S. José, póde orgulhar-se de ter montado nesta capital um dos melhores e mais elegantes estabelecimentos do seu genero e muito merecidas são as felicitações que está recebendo pelo bom gosto que presidiu ás suas installações.”⁹²

Por todas as 118 edições da revista percebe-se este “elogio ao bom empreendedor”, com inúmeras inaugurações, reinaugurações e comemorações por passagem dos 25, 30 ou 50 anos de funcionamento das mais diversas empresas. A proficuidade destes registros, contudo, mostra uma outra faceta da atuação dos empresários lusos na cidade do Rio de Janeiro: sua onipresença em setores como o do comércio, fosse ele de varejo ou de atacado. Antes mesmo de surgir **Lusitania** este tema já era “denunciado” por jornalistas lusófbos, como Luiz Edmundo ou Antônio Torres. Este último “acusava os portugueses de serem proprietários de 85% das empresas comerciais do Distrito Federal em 1923” (Lobo, 2001: 35).

Tal interpretação da presença lusa na cidade era reforçada por dados como o da propriedade de bens imóveis, já que dentre os grupos estrangeiros residentes no Rio de Janeiro era justamente o dos portugueses aquele que possuía o maior número de propriedades (Lobo, 2001: 35). Daí a associação dos portugueses, entre os cariocas, à exploração vil dos cortiços que se espalhavam, inicialmente, pelo centro da cidade e, depois do *bota-abaixo*, por Botafogo e pela área da Cidade Nova.

A imagem do português como trabalhador, contudo, carregava um paradoxo intrínseco, ou seja, eles “eram dignificados pelo trabalho e reprovados quando o ato produtivo era julgado exploração” (Ribeiro, 1990: 16). Por isso mesmo, compreende-se o quão

⁹² **Lusitania**, Rio de Janeiro, n. 2, 16 fev. 1929, p. 3.

importante era, no seio da colônia luso-carioca, destruir os estereótipos que se construíram, durante décadas, no imaginário carioca.

As estratégias para (re)construção da *identidade* portuguesa, portanto, passavam também pela criação de um novo estereótipo para os empreendedores lusos no Rio de Janeiro. Daí o reforço, nas páginas de **Lusitania**, da honradez e laboriosidade dos empresários estabelecidos na cidade e, também, no restante do Brasil. Em 16 de abril 1932 a revista chegou mesmo a publicar, em sua terceira capa, um quadro com 46 fotos de empresários lusos, num “*Cadastro fotográfico do comercio portugues no Brasil*”, dando o nome de cada um deles, a razão social e endereço de suas empresas e, também, a aldeia ou cidade portuguesa em que haviam nascido, reforçando as ligações com a *terrinha* e servindo como uma tentativa de diminuir a exclusão interna no novo espaço geográfico que ocupavam.

Ao (re)elaborar a *identidade* lusa em terras brasileiras, os imigrantes bem sucedidos estavam, na verdade, (re)construindo também sua posição de poder dentro da estrutura da colônia portuguesa. A considerar-se que “*o conceito de identidade não existe fora da linguagem e dos poderes que a estruturam*” (Capinha, 2000: 108), não se pode deixar de pensar este universo, o dos imigrantes lusos na cidade do Rio de Janeiro, como um campo simbólico marcado por um “*ato de poder do sujeito e um ato de outros poderes dentro da linguagem*” (Capinha, 2000: 108):

“Toda a fragmentação e multiplicidade do sujeito acentuam-se fortemente em virtude da experiência da própria emigração. Sem dúvida que aquilo que se identifica como ‘o outro’, aquilo que é deixado de fora, aquilo que se considera como diferença, é tão importante para o entendimento do processo de identificação quanto aquilo que se inclui para o definir. O jogo com a palavra, a

adequação desta a um contexto que é, de per si, mobilidade e diferença, traduz-se nesse 'discurso de fronteira' que simbolicamente configura e, permanentemente, reconfigura a multiplicidade identitária do emigrante." (Capinha, 2000: 109)

Cadastro Fotográfico



Srs. Joaquim Ferreira Coelho, da firma Costa & Coelho, rua do Rosário, 71, natural de Baltar; António Soares, da firma Monteiro & Soares, rua Buenos Aires, 319, natural de S. João da Madeira; Gonçalo Vieira Monteiro, da firma Vieira Monteiro & Cia., rua 1.º de Marco, 93, natural de Marco de Canavezes; António Moreira Ramos, da firma Correia Leite & Cia., rua Buenos Aires, 116 e 290, natural de Vila do Conde; Clemente Rodrigues Mourão, da firma Camilo Mourão & Cia., rua do Mercado, 24, natural de Vila Real; e Gabriel Lopes de Azevedo, chefe da firma do seu nome, no largo José Clemente, 8, natural de Viseu.



António Domingos Ramalho, da firma Canelas Ramalho & Cia., rua do Acre, 90, natural do Porto; Joaquim Guedes Pinto, da firma Carlos Taveira & Cia., rua 1.º de Marco, 80, natural de Braga; António Costa, da firma Sá Rodrigues & Cia., rua do Acre, 78, natural de Famalicão; João Jacinto de Melo, da firma do seu nome, largo José Clemente, 10, natural da Ilha Terceira; Agostinho Rodrigues Valgode, da firma A. Rodrigues de Oliveira, rua Sacadura Cabral, 189, natural de S. Pedro do Sul; Manuel Costa, da firma Camilo Mourão & Cia., rua do Mercado, 24, natural de Ceia; António de Magalhães Bastos, da firma A. M. Bastos & Cia., natural de Cabeceiras de Bastos; e Diniz José Simões, da firma Artur Sá & Diniz, rua Buenos Aires, 120, natural de Valença do Minho.



Joaquim da Costa Macedo, chefe da firma do seu nome, rua Senhor dos Passos, 47, natural de Famalicão; Joaquim Carneiro Dias, da firma Vieira Monteiro & Cia., rua 1.º de Marco, 93, natural de Santo Tirso; António Carvalho dos Santos, chefe da firma do seu nome, rua Buenos Aires, 278, natural de Cabeceiras de Bastos; Flavio Ferreira, da firma Correia Leite & Cia., Buenos Aires, 233, natural da Guarda; Luiz Inácio Alves, da firma Abel de Barros & Cia., rua Buenos Aires, 232, natural de Fátima; António Rodrigues, da firma Scabra Rodrigues & Cia., natural de Barcelos; Manuel C. Gomes Leite, da firma Correia Leite & Cia., natural de Vila da Feira; e José dos Reis, da firma João Jacinto de Melo, largo José Clemente, 10, natural de Coimbra.



M. Machado da Rocha, chefe da firma do seu nome, rua Buenos Aires, 181, natural de Angra do Heroísmo; Basílio António Monteiro, da firma J. Monteiro & Irmão, rua Buenos Aires, natural de Viseu; Casemiro Ribeiro, da firma Ferreira Melo & Cia., rua do Mercado, 32, natural da Ribeira (Viseu); Abel de Barros, chefe da firma Abel de Barros & Cia., rua Buenos Aires, 233, natural de Viseu; António Rodrigues, da firma F. Costa & Rodrigues, rua Vasco da Gama, 48, natural de Arcos de Val-de-vez; Joaquim da Mota Pereira, da firma Rebelo Pereira & Cia., rua da Alfandega, 180, natural de Tondela; António Manuel Aguiar, chefe da firma do seu nome, rua dos Andradães, 53, natural de Vila Real; e Acácio da Costa Abreu, da firma Costa & Coelho, rua Senador Dantas, natural do Porto.



Alberto da Silva Machado, da firma Machado & Morais, rua do Rosário, 149, natural de Chaves; Bernardino C. Machado, da firma do seu nome, rua do Rosário, 151, natural de Paredes; Aprígio Castano Carvalho, da firma Mário Monteiro & Carvalho, rua do Rosário, 152, natural de Goujoim; Candido da Silva Oliveira, da firma Teixeira & Oliveira, rua Buenos Aires, 275, natural de S. Romão do Coronado; António Luiz Teixeira, da mesma firma, natural de Águas Santas; João António de Morais, da firma Machado & Morais, Rosário, 149, natural de Vinhais; António Rebelo da Silva, da firma Rebelo Pereira & Cia., rua da Alfandega, 180, natural de Braga; e Alfredo Ferreira, chefe da firma do seu nome, rua Buenos Aires, 138, natural de S. Pedro do Sul.



Clemente Ferreira da Costa, da firma F. Costa & Rodrigues, rua Vasco da Gama, 48, natural de Pedras Salgadas; Artur Jose Antunes Sá, da firma Artur Sá & Diniz, rua Buenos Aires, 120, natural da Póvoa de Lanhoso; Américo A. Moreira Fernandes, da firma Moreira Fernandes & Cia., rua Acre, 92, natural de Barcelos; Adriano Pereira, da firma Correia Leite & Cia., rua Buenos Aires, 116, natural de Viseu; José António Monteiro, chefe da firma do seu nome, natural de Tondela; Manuel Pereira Rojão, da firma Camilo Mourão & Cia., natural da Póvoa de Varzim; Manuel Monteiro, da firma do seu nome, rua Buenos Aires, 328, natural de Baía; e Jacinto da Silva Pereira, da firma Oliveira & Pereira, rua dos Ourives, 62, natural de Ovar.

DO
C
O
M
E
R
C
I
O

P
O
R
T
U
G
U
E
S

N
O

B
R
A
S
I
L

Fig. 35 - Terceira capa da edição n. 78 de *Lusitania*, publicada em 16 de abril de 1932.

O comércio, portanto, aparecia nas páginas de **Lusitania** como uma das atividades que mais rápida e facilmente podia trazer a *Fortuna* ao imigrante português, pois bastava dedicar-se com afincos à labuta para, mais cedo ou mais tarde, ter sua foto publicada na revista, como se tal exposição desse, ao retratado, visibilidade e destaque e, talvez o que fosse mais desejado, aceitação no meio empresarial carioca.

Em outras palavras, as matérias, anúncios e reportagens presentes em **Lusitania** podem ser interpretados como modelos a serem seguidos, como um *habitus* a ser compartilhado entre os imigrantes lusos de classe média e que, paulatinamente, modificaria o estereótipo do português *pé-de-chumbo* que se construiu no imaginário brasileiro, através da sobreposição, a esta imagem, daquela do “bom empreendedor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM TORNO DE MIGRAÇÕES E IDENTIDADES

O estudo do fenômeno migratório comporta diversos tipos de enfoque. É possível ficar-se apenas na superfície dos números, dos contingentes populacionais envolvidos no processo, da remessa de economias à terra de origem, das mercadorias importadas e/ ou exportadas pelos e para os migrantes. Cada um desses aspectos, contudo, não basta para explicar as inúmeras facetas da migração no mundo contemporâneo.

Pensada como dois lados de uma mesma moeda, a migração adquire diferenças sutis em cada uma de suas duas pontas, já que o migrante deixa de pertencer à terra de que emigrou e nunca chega a pertencer realmente ao local para o qual imigrou.

Na verdade, ao se analisar os processos migratórios contemporâneos se está, também, observando o modo como as sociedades que recebem e que emitem o migrante se estruturam, como se dá o jogo de poderes entre e dentro de suas diversas camadas sociais e, especialmente, como se constrói o *não-lugar* ocupado pelo migrante nestas sociedades.

A primeira pergunta que se apresenta, ao adentrar-se este tema, é das mais universais: afinal, por quais motivos se migra? Para Abdelmalek Sayad, a questão econômica parece ser o principal determinante deste processo, definindo a condição de migrante desde sua saída da terra natal e durante toda sua permanência em terras estrangeiras:

“(...) a dimensão econômica da condição do imigrante é sempre o elemento que determina todos os outros aspectos do estatuto do imigrante: um estrangeiro cuja estadia, totalmente subordinada ao trabalho, permanece provisória de direito.” (Sayad, 1998: 63)

Nesse sentido, e considerando-se que são justamente o trabalho e a situação econômica que definem o lugar social do migrante, compreende-se melhor as motivações de movimentos como o jacobinismo da República Velha: na sociedade brasileira que se reinventava depois do fim do Império, foi o trabalho que estabeleceu as fronteiras culturais e simbólicas da estratificação social, agregando a ela, como elemento diferenciador, a origem étnica do trabalhador.

Ser imigrante é, antes de tudo, convencer-se de sua singularidade, numa constante busca pela eliminação de algo que é intrínseco a sua condição: o caráter provisório que se estabelece em todos os níveis de sua vida, a transitoriedade que permeia suas relações sociais, culturais e de trabalho. Se abandona a terra natal para buscar melhores condições de vida, o migrante só o faz por ter como certa a possibilidade do retorno, enriquecido e bem sucedido. Assim o faziam italianos, espanhóis, alemães, irlandeses, japoneses e portugueses da virada do século XIX para o século passado, que se dirigiam às Américas, assim continuaram a fazê-lo os argelinos, turcos, albaneses, árabes e brasileiros contemporâneos, que vão para a Europa ou os Estados Unidos:

“Só se aceita abandonar o universo familiar (...), ao qual se pertence ‘naturalmente’ ou do qual se é ‘natural’ (...); só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira (i.e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação

que comporta em si mesma sua própria resolução.” (Sayad, 1998: 57)

O estudo das migrações também pode ser um artifício extremamente eficiente para a compreensão da nova configuração de poderes e influências sócio-econômicas surgidas no mundo ao fim do curto século XX. E é este, justamente, o entendimento de Bela Feldman-Bianco sobre o tema:

“(...) o estudo comparativo de populações em diáspora proporciona um foco privilegiado para se expor os paradoxos, as contradições e os limites da política de identidade, como cenários de luta para impor, manter, resistir ou contestar a perpetuação ou reconfiguração de múltiplas estruturas de dominação, na atual conjuntura da história do capitalismo.” (Feldman-Bianco, 2000: 13)

Outro ponto a se destacar sobre o fenômeno migratório é seu impacto sobre o local que recebe os migrantes (Sowell, 1998: 02). Se existiu estranhamento por parte da sociedade carioca, em relação aos imigrantes portugueses que chegavam à cidade, tal fato só ocorreu como reação ao afluxo superdimensionado de lusos àquele centro urbano. Daí a “necessidade”, entre os imigrantes, de (re)construir sua identidade, através de artifícios dos mais variados, que podiam ir desde a fundação de um clube de *football* até a criação de uma associação de socorro mútuo. Estas instituições, além de serem “terrenos livres”, onde os imigrantes podiam exercer plenamente sua portugalidade, eram também espaços sociais que reforçavam os laços e a rede de solidariedade pré-existentes à sua chegada ao Brasil.

Qual o sentido, portanto, de se estender essa (re)construção para o campo editorial? Para Graça Capinha, este tipo de desdobramento da *identidade portuguesa* parece ser essencial:

“(...) o conceito de identidade não existe fora da linguagem e dos poderes que a estruturam. Assim, ao tratar da questão da identidade, é inevitável que se trate de um processo de articulação e de representação, ou seja, um processo que é lingüístico e literário.”
(Capinha, 2000: 108)

Entrelaçados a esta *identidade portuguesa*, contudo, estão bens simbólicos que são superdimensionados nas páginas de **Lusitania**. Um dos principais é o conceito de *saudade*, mola propulsora e amálgama que impulsiona e une todos os outros elementos que dão sentido ao *ser português*:

“A identificação com o espaço nacional surge, quase sempre, através de uma ‘memória de centro’: imagem mítica de um Império que a memória se recusa a perder e que se afirma, sobretudo perante a discriminação, como forma de impedir a total dissolução da identidade e da dignidade. A saudade é presença que domina e que liga os dois espaços e os dois tempos que caracterizam a vivência do emigrante. Ela é a força em que a construção da identidade ancora e que assim empresta a força das raízes do passado ao presente. A língua portuguesa faz parte desta força mítica e imaginada, que o emigrante não pretende perder, ainda que a realidade o empurre em sentido contrário. Ao contrário do que seria de se esperar, também no Brasil se verificou que a questão da língua é o fator diferenciador mais importante.” (Capinha, 2000: 110)

Um dos meios mais usados pelos editores de **Lusitania** para reforçar as raízes recém-(re)plantadas no Brasil pelos imigrantes lusos ricos e de classe média foi, certamente, a capa da revista. Sempre com temas alusivos à História, aos costumes e tipos populares de Portugal, com bem cuidada impressão em policromia e papel couchê, as capas de **Lusitania** eram as melhores ferramentas para a revivificação do

orgulho e da auto-estima atacados pelo preconceito e pelo estereótipo do *pé-de-chumbo*:



Fig. 36 - Capa do n. 81 de *Lusitania*, publicado em 01 de junho de 1932.

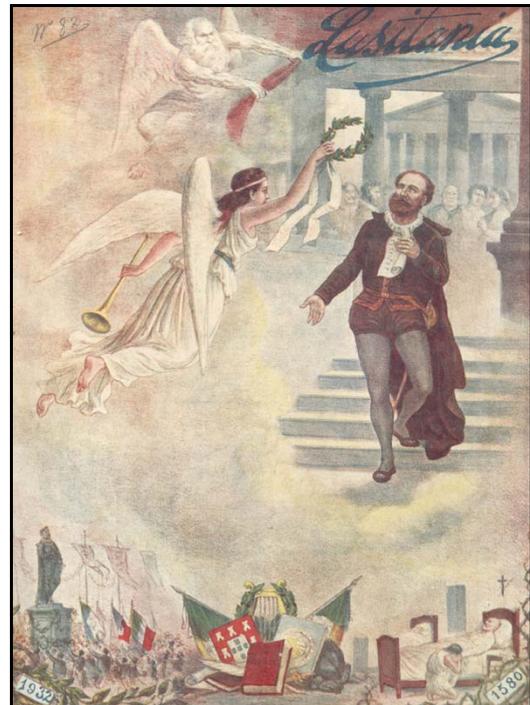


Fig. 37 - Capa do n. 82 de *Lusitania*, publicado em 16 de junho de 1932.



Fig. 38 - Capa do n. 83 de *Lusitania*, publicado em 01 de julho de 1932.

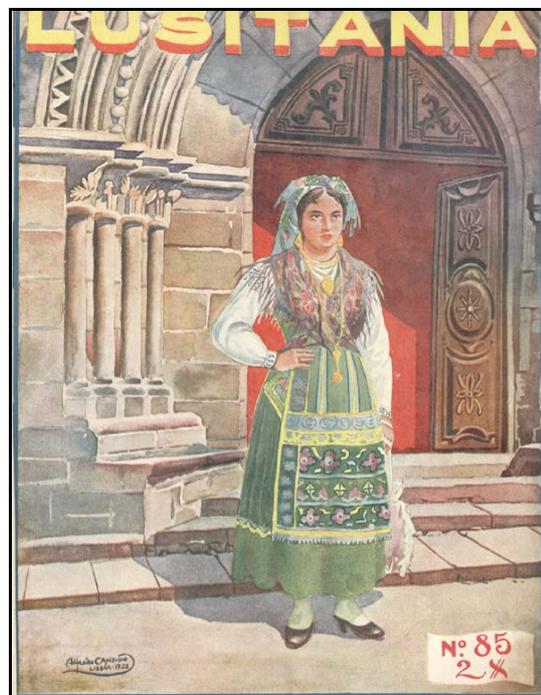


Fig. 39 - Capa do n. 85 de *Lusitania*, publicado em 01 de agosto de 1932.

Os valores exaltados nas capas de **Lusitania** sempre gravitavam em torno da herança do *vasto império*; da rica literatura portuguesa, especialmente da figura de Camões; de personagens com trajes típicos das aldeias portuguesas e de vultos históricos, em marcante contraste com a modernidade apregoada em seu primeiro editorial⁹³.

Ora, tais valores e imagens tinham muito mais importância no processo de (re)construção da *identidade portuguesa* no Brasil do que o discurso da modernidade presente no primeiro editorial de **Lusitania**, posto que se constituíam em elementos fulcrais para a perpetuação da memória social e cultural de seus leitores, sujeitos em embate cotidiano com o preconceito e os estereótipos construídos no imaginário carioca à sua revelia. Para Lúcia Ferreira e Evelyn Orrico esta relação entre linguagem, memória, imaginário e identidade é muito clara e de crucial importância:

“É a partir da linguagem e de sua manifestação nos diálogos do cotidiano, nos textos e nas imagens que construímos as referências que viabilizam a existência da memória e que permitem que nos identifiquemos como membros deste ou daquele grupo social. Em outras palavras, utilizamo-nos da língua e de outros sistemas de significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa existência. É na linguagem que se constroem as narrativas e os discursos que orientam nossas ações.” (Ferreira & Orrico, 2002: 08)

Em síntese, pode-se afirmar que **Lusitania** foi, em grande parte, a cristalização do *habitus* que a classe dirigente da colônia luso-carioca, ou, de modo

⁹³ Ver *Anexos*.

mais específico, que a intelectualidade que reproduzia os ideais da classe dirigente da colônia luso-carioca queria ver divulgados e aceitos pelos formadores de opinião dentro do universo dos imigrantes e, também, na sociedade do Rio de Janeiro do início do período getulista.

BIBLIOGRAFIA

ABRIL Cultural. **Nosso Século - Vol. I: 1900/ 1910 - A era dos bacharéis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALVES, Jorge F. **Os brasileiros: emigração e retorno ao Porto oitocentista**. Porto: s.r., 1994.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 1983.

ARRUDA, José Jobson & FONSECA, Luís Adão da (orgs.). **Brasil - Portugal : História, agenda para o milênio**. Bauru: EDUSC/ FAPESP ; Lisboa : ICCTI, 2001.

BANN, Stephen. **As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado**. Tradução de Flávia Villas-Boas. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 3. ed. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Seleção e apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1986.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994 a (Col. "Obras Escolhidas", vol. I).

_____. **Rua de mão única**. 4. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1994 b (Col. "Obras Escolhidas", vol. II).

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994 c (Col. "Obras Escolhidas", vol. III).

BOTELHO, Afonso & TEIXEIRA, António Braz. **Filosofia da Saudade**. Lisboa: IN/CM, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Editions de Minuit, 1980.

_____. **Questões de sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 a.

_____. **Sociologia**. Org. por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983 b (col. "Grandes Cientistas Sociais", vol. 39).

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **The logic of practice**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. Tradução de Sergio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1974].

_____. **Lições da aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. Tradução de Sergio Miceli, Mary Amazonas L. de Barros, Afrânio Catani, Denice B. Catani, Paula Montero e José Carlos Durand. São Paulo: EDUSP, 1996 a.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996 b.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude. **Le métier de sociologue**. Paris: Mouton/ Bordas, 1968.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Lóic J. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1992.

BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Tradução de Fátima Martins. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Trad. Carmen de Carvalho & Artur Morão. Lisboa/ São Paulo: Martins Fontes, 1988 [1987] (Col. "Arte & Comunicação", vol. 42).

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1994 a.

CARINHAS, Theófilo (dir. e org.). **Álbum da colônia portuguesa**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas de Carinhas e Cia., 1929.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999 [1987].

CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001 (Col. "Camisa 13").

CERVO, Amado Luiz & MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das caravelas: as relações entre Portugal e o Brasil (1808-2000)**. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

CHALHOUB, Sydney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Luiz Edmundo. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 3 vols. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

_____. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 2 vols. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

_____. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1987.

DENIS, Pierre. **O Brasil do século XX**. Lisboa: José Bastos & Cia., s.d.

DIEGUES Jr., Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: INEP, 1964.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 14. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1990 [1895].

_____. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970 [1924].

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

FELDMAN-BIANCO, Bela & CAPINHA, Graça (orgs.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000.

FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: Uni-Rio/ FAPERJ/ DP & A Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **A microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992 a.

_____. **As palavras e as coisas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992 b.

GARCÉS, Mario & MILOS, Pedro. **Los sucesos de Chicago y el 1º de mayo en Chile**. 3. ed. Santiago de Chile: ECO, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860/ 1910)**. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

HIGGS, David (ed.). **Portuguese migration in global perspective**. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). **História: novas abordagens**. Tradução de Henrique Mesquita. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LESSA, Carlos (org.). **Os lusíadas na aventura do Rio moderno**. Rio de Janeiro: Record/ FAPERJ, 2002.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. **Portugueses en Brasil en el siglo XX**. Madrid: Editorial Mapfre, 1994.

_____. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001 (Série "Estudos Históricos", vol. 43).

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade (seguido de Portugal como destino)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. **O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português**. 6. ed. Lisboa: Gradiva, 2000 [1978].

_____. **A nau de Ícaro (e Imagem e miragem da lusofonia)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: EDUSP/ Fapesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: Edusc, 2002.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001 (Col. "Descobrimo o Brasil").

PASCOAES, Teixeira de. **A saudade e o saudosismo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988 (Col. "Obras Completas de Teixeira de Pascoaes", vol. 7).

PEDERNEIRAS, Raul. **Scenas da vida carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Brasil, 1924.

PEREIRA, Mirian Halpern. **Política portuguesa de emigração (1850 a 1930)**. Lisboa/ Porto: A Regra do Jogo, 1981.

_____. **A Política portuguesa de emigração (1850 - 1830)**. 2. ed. aumentada. Bauru: Edusc; Lisboa: Instituto Camões, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha**. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Col. "Tudo é História", vol. 129).

_____. **A liberdade em construção**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ, 2002.

RODRIGUES, Ondina Antonio. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Memorial do Imigrante/ Museu da Imigração, 1999 (Série "Resumos", n. 5).

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração (ou os paradoxos da alteridade)**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

SARAIVA, António José. **História da literatura portuguesa**. 11. ed. Lisboa: Europa-América, 1972 [1949].

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 10. ed. Lisboa: Europa-América, 1986 [1978].

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SERRÃO, Joel. **A emigração portuguesa: sondagem histórica**. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1982 (Col. "Horizonte", vol. 12).

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Filantropia e imigração: a Caixa de Socorros D. Pedro V.** Rio de Janeiro: Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, 1990.

_____. **Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil (1850-1938).** Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras/Nórdica, 1992.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). **Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil.** Lisboa: Verbo, 1994.

SIMÕES, Nuno. **O Brasil e a emigração portuguesa: notas para um estudo.** Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOWELL, Thomas. **Migrations and cultures: a world view.** New York: Basic Books, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

TENGARRINHA, José (coord.). **A historiografia portuguesa, hoje.** São Paulo: Hucitec; Lisboa: Instituto Camões, 1999.

TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal.** Bauru: Edusc; São Paulo: Editora da UNESP; Lisboa: Instituto Camões, 2000.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** São Paulo: Nobel/ Instituto Italiano di Cultura di San Paolo/ Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

TURAZZI, Maria Inez. **Marc Ferrez.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000 (Col. "Espaços da Arte Brasileira").

VASCONCELOS, Carolina Michäelis de. **A saudade portuguesa.** 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1996 [1914].

ARTIGOS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro (1850 - 1872).* **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, 1988, p. 30-56.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de & RENAUX, Maria Luiza. *Caras e modos dos migrantes e imigrantes.* In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 2 - Império: a corte e a modernidade nacional.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 291-335.

ALVES, Manuel dos Santos. *Teixeira de Pascoaes e a visão dialéctica do ser: contexto e matriz cultural.* **Diacrítica**, n. 11, Braga, Universidade do Minho, 1996, p. 581-602. Disponível em: <<http://www.ipn.pt/opsis/litera/letras/ensaios.htm>>. Acesso em 21 jan. 2001.

ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo.* In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 215-287.

BAGANHA, Maria Ioannis B. *Historiografia da emigração portuguesa para o Brasil: algumas notas sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro*. In: ARRUDA, José Jobson & FONSECA, Luís Adão da (orgs.). **Brasil - Portugal : história, agenda para o milênio**. Bauru: EDUSC/ FAPESP ; Lisboa: ICCTI, 2001, p. 445-460.

BOURDIEU, Pierre. *As contradições da herança*. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997, p. 07-17.

BRETTELL, Caroline B. *Leaving, remaining and returning: the multifaceted portuguese migratory system*. In: HIGGS, David (ed.). **Portuguese migration in global perspective**. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario, 1990, p. 61-80.

BURKE, Peter. *Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro*. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 07-37.

CAPINHA, Graça. *A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da(s) identidade(s)*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & CAPINHA, Graça (orgs.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 107-148.

COELHO, Joana. *Fado: história*. In: **Fado de Coimbra**. Coimbra: s.r., 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/fadocoimbra/fadhist.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2001.

DARNTON, Robert. *História da leitura*. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 199-236.

D'ELIA, Helena. *O pai no rastro da saudade*. **Journée Thématique 'Parentalit dans l'immigration: être ou ne pas naître français'**. Paris: Centre François Minkowiska, mar./ 1999. Disponível em: <<http://www.gradiva.com.br/paisaudade.htm>>. Acesso em: 25 out. 2001.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Imigração e educação: os portugueses em São Paulo no início do século XX*. **XV World Congress of Sociology**. Brisbane, Austrália, jul./ 2002. Trabalho não publicado.

DIAS, Vanessa Tavares. *O ideário imigrantista e a literatura de ficção: a imagem do imigrante português no Brasil*. **III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1996. Disponível em: <http://www.cfch.ufrj.br/jor_pesq/Imigra/dias.html>. Acesso em: 03 jan. 2000.

FAUSTO, Boris. *Imigração: cortes e continuidades*. In: NOVAIS, Fernando O. (coord.) & SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 4 - Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 13-61.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among portuguese immigrants*. In: GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L. & BLANC-SZANTON, C. (ed.). **Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered**. New York: New York Academy of Sciences, 1992 a, p. 145-174.

_____. *Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada*. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, vol. 9, n. 1, 1992 b, p. 35-49.

_____. *Múltiplas camadas de tempo e espaço: (re)construção de classe, da etnicidade e do nacionalismo entre imigrantes portugueses*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, n. 38, 1993, p. 193-224 (vol. temático "Descobrimientos/ Encobrimientos").

_____. *Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica*. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 1, n. 2, 1995, p. 59-68.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Identidades*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & CAPINHA, Graça (orgs.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 13-17.

FELDMAN-BIANCO, Bela & HUSE, Donna. *A saudade da terra na América: memória cultural e experiências de imigrantes portugueses na interseção de culturas*. In: COSTA, M. C. Solheid da & PINTO, M. Teixeira (orgs.). **Encontros de Antropologia**. Volume I. Curitiba: UFPR/ SESC, 1993, p. 45-62.

_____. *Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na interseção de culturas*. **Ler História**. Lisboa, ISCTE, n. 27/28, 1995, p. 45-73.

FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. *Prefácio*. In: FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: Uni-Rio/ FAPERJ/ DP & A Editora, 2002, p. 07-12.

FISS, Regina Lúcia de Sá Britto. *A imigração portuguesa e as associações como forma de manutenção da identidade lusitana - sul do Brasil*. **III Coloquio Internacional de Geo Crítica: Migración y Cambio Social** - 28-30/ mai./ 2001. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/c3-fiss.htm>>. Acesso em 07 dez. 2001.

FREITAS FILHO, Almir Pita. *A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX*. In: LESSA, Carlos (org.). **Os lusíadas na aventura do Rio moderno**. Rio de Janeiro: Record/FAPERJ, 2002, p. 163-197.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. *O Rio dos marginais: imagens da Belle Époque tropical nas crônicas de João do Rio*. **Artcultura**. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e Cultura/ Universidade Federal de Uberlândia, 2001. Disponível em: <<http://www.nehac.triang.net/artcultura/aguinaldo.html>>. Acesso em: 08 nov. 2001.

GOMES, Artur Nunes. *Real Gabinete Português de Leitura e Arouca Barra Clube: a reconstrução da portugalidade no Rio de Janeiro*. **III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ**. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1996. Disponível em: <http://www.cfch.ufrj.br/jor_pesq/Imigra/gomes.html>. Acesso em: 03 jan. 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. *Técnica e sociedade: maquinismo como espetáculo no Brasil pré-industrial*. **Remate de Males**. Campinas, n. 7, 1987, p. 157-166.

LEITE, Joaquim da Costa. *O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)*. In: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 177-200.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-161.

LEVIN, Orna Messer. *Imagens da imigração: o português na literatura naturalista brasileira*. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/imagensdaimigracao.html>. Acesso em: 01 abr. 2002.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *População e estrutura fundiária no Rio de Janeiro (1568-1920)*. **Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte: UFMG, 1984, p. 2221-2237.

Disponível em: <http://www.abep.cedeplar.ufmg.br/anais84_v4.htm>. Acesso em: 06 set. 2001.

LOESBERG, Jonathan. *Bourdieu and the Sociology of Aesthetics*. **English Literary History**. Baltimore, Johns Hopkins University Press, vol. 60, n. 4, 1993, p. 1033-1056.

MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 131-214.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *O imigrante português no mundo do trabalho, nos movimentos sociais e nas organizações sociais do Rio*. In: LESSA, Carlos (org.). **Os lusíadas na aventura do Rio moderno**. Rio de Janeiro: Record/ FAPERJ, 2002, p. 199-239.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro*. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, vol. 10, n. 02, jul.-dez. / 1997, p. 03-16.

_____. *Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos*. In: GOMES, Angela de Castro. (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 164-182.

NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. *No ritmo da banda: histórias da comunidade lusa da Ponta D'Areia*. In: GOMES, Angela de Castro. (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 183-206.

OLIVEIRA, Rosalva Simões de. *Teixeira de Pascoaes e o saudosismo português*. **Sitientibus**. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, ano 1, n. 2, jan.-jun./1983, p. 49-60.

PEREIRA, Mirian Halpern. *A política de emigração portuguesa (1850-1930)*. In: TENGARRINHA, José (coord.). **A historiografia portuguesa, hoje**. São Paulo: Hucitec/ Instituto Camões, 1999, p. 183-208.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração*. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História geral da civilização brasileira - tomo III: o Brasil republicano - 2º volume: sociedade e instituições (1889 - 1930)**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 93-133.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A construção de identidades e a política de representação*. In: FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: Uni-Rio/ FAPERJ/ DP & A Editora, 2002, p. 77-88.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *'Inimigos mascarados com o título de cidadãos': a vigilância e o controle sobre os portugueses no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado*. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, vol. 10, n. 02, jul.-dez. / 1997, p. 71-96.

_____. *Imigração portuguesa, política e cotidiano no Rio de Janeiro do século XIX*. **XX Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH/ UFSC, 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~anpuhsc/Simposio/textos_f_g.html>. Acesso em 26 fev. 2001.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Portuguese migration to Brazil in the nineteenth and twentieth centuries: an example of international cultural exchanges*. In: HIGGS, David (ed.). **Portuguese migration in global perspective**. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario, 1990, p. 29-41.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. *Reflexões sobre a saudade portuguesa*. **Revista Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, ano 19, n. 31, nov./ 1996, p. 20-44.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. *As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820 - 1930)*. **Congresso de História Económica de Zaragoza**. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2001. Disponível em: <<http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano*. **Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio**. São Paulo, Brasiliense, n. 14, 1982, p. 80-83.

_____. *Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998 a, p. 7-48.

_____. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998 b, p. 513-619.

SEYFERTH, Giralda. *A imigração alemã no Rio de Janeiro*. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 11-43.

SILVA, Maria Manuela Ramos de Sousa. *Portugueses no Brasil: imaginário social e táticas cotidianas (1880-1895)*. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, vol. 10, n. 02, jul.-dez. / 1997, p. 109-118.

SOUZA, Flávia Miguel de. *A cultura portuguesa sob a perspectiva da revista 'Convergência Lusíada' (1976-1998)*. **XX Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH/ UFSC, 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~anpuhsc/Simposio/textos_f_g.html>. Acesso em 26 fev. 2001.

SOVERAL, Eduardo Abranches de. *O nacionalismo metafísico de Teixeira de Pascoaes e a saudade portuguesa*. **Revista Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, ano 19, n. 31, nov./ 1996, p. 11-19.

TEIXEIRA, Dulcínea. *A filosofia portuguesa depois de 1910: Teixeira de Pascoaes*. **Filosofia Portuguesa**. Lisboa: Centro Virtual do Instituto Camões, 1998. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/filosofia/1910a.html>>. Acesso em: 25 ago. 2000.

VALÉRIO, Nuno. *A imagem do 'brasileiro' na obra literária de Júlio Dinis*. **I Congresso Português de Sociologia Económica**. Lisboa: ISEG/UTL, s.d. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/2/ce/cenv2.htm>>. Acesso em: 07 dez. 2001.

TESES E DISSERTAÇÕES

ALBUQUERQUE, Marli Brito Moreira de. **Trabalho e conflito no porto do Rio de Janeiro (1904-1920)**. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1983 (Dissertação de Mestrado em História).

DIAS, Vanessa Tavares. **Memórias da casa: um estudo sobre mulheres imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1997 (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. **A emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos - 1850 a 1950**. São Paulo: FFLCH-USP, 1989 (Dissertação de Mestrado em História).

GOMES, Artur Nunes. **Sob o signo da ambigüidade: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro**. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

GONÇALVES, Janice. **Música na cidade de São Paulo (1850-1900): o circuito da partitura**. São Paulo: FFLCH-USP, 1995 (Dissertação de Mestrado em História).

LIMA, Maria Helena Beozzo. **A missão herdada: um estudo sobre a inserção do imigrante português**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional, 1973 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

MOTTA, Mary Heisler de Mendonça. **Imigração e trabalho industrial: Rio de Janeiro (1889-1930)**. 2 vols. Niterói: UFF, 1982 (Dissertação de Mestrado em História).

NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. **Como nossos pais: uma história da memória. Imigração portuguesa em Niterói (1900/1950)**. Niterói: UFF, 1998 (Dissertação de Mestrado em História).

RAMOS, Alcinda Rita. **Pescadores portugueses no Rio de Janeiro**. Brasília: UnB, 1977 (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

RIBEIRO, Gladys Sabina. **'Cabras' e 'Pés-de-Chumbo': os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)**. Niterói: UFF, 1987 (Dissertação de Mestrado em História).

_____. **A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado**. 2 vols. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997 (Tese de Doutorado em História).

SANTOS, Luiz Cláudio Machado dos. **A emigração portuguesa e a formação da comunidade lusa no Brasil (1850 - 1930)**. Brasília: UnB, 1993 (Dissertação de Mestrado em História).

SANTOS, Rosane V. A. **A emigração portuguesa no contexto da economia cafeeira (1870 - 1890)**. Curitiba: UFPR, 1993 (Dissertação de Mestrado em História).

SILVA, Maria Manuela Ramos de Sousa. **Ambição e horror à farda ou a saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883/ 1889)**. 3 vols. São Paulo: FFLCH-USP, 1991 (Tese de Doutorado em História Social).

OBRAS LITERÁRIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1984 [1890].

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Martin Claret, 2000 [1572].

_____. **Lírica: redondilhas e sonetos**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. In: **Obra completa**. Vol. II. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958 a [1928].

_____. *A selva*. In: **Obra completa**. Vol. I. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958 b [1930].

GARRET, Almeida. **Viagens na minha terra**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. . [1846]. Disponível em: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em: 31 out. 2000.

_____. **Frei Luís de Sousa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844. Edição *on line* facsimilar da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://www.bn.pt/garret/obras/>>. Acesso em: 03 jan. 2001.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dolores Galhoz. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

RIO, João do (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto). **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Versão *on line*. Notas de João Carlos Rodrigues. Acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/alma_encantadora_das_ruas.zip>. Acesso em 13 mai. 2001.

_____. **A alma encantadora das ruas**. Organização e notas de Raúl Antelo. São Paulo: Cia. das Letras, 1999 (Col. "Retratos do Brasil", vol. 11).

REVISTAS

Careta. Rio de Janeiro, n. 6, 11/ jul./ 1908; n. 573, 14/ jun./ 1919; n. 724, 06/ mai./ 1922; n. 816, 09/ fev./ 1924; n. 951, 11/ set./ 1926; n. 964, 11/ dez./ 1926; n. 969, 15/ jan./ 1927.

Lusitania - Revista ilustrada de aproximação luso-brasileira e de propaganda de Portugal. Rio de Janeiro: C. Cruz & Cia., fev./1929 - dez./1934, quinzenal, n. 1/ 118, 5 bobinas de microfilme.

O Malho. Rio de Janeiro, 14/ jul./ 1906.

DISCOGRAFIA

CÂMARA, Vicente da; PEREIRA, Nuno da Câmara & CÂMARA, José da. **Tradição: fados de Maria Teresa de Noronha**. Lisboa: EMI/ Valentim de Carvalho, 1985. CD estéreo (37 min. 22 seg., 13 faixas). 7 243 8 28497 2 8.

CARMO, Carlos do. **Lisboa menina e moça**. São Paulo: Movieplay do Brasil, 1991. CD estéreo (27 min. 12 seg., 10 faixas). SO 3010.

EMI. **The story of fado - Portugal**. (coletânea). Londres: EMI, 1997. CD estéreo (66 min. 28 seg., 22 faixas). 7 243 8 55647 2 7.

FNAC. **Promover a cultura é nosso fado!** (coletânea). Lisboa: Movieplay Portuguesa, 1999. CD estéreo (47 min. 19 seg., 15 faixas). EMP 1030.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BOUDON, Raymond & BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (ed.). **Dicionário Aurélio eletrônico - século XXI**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário estatístico do Brasil**. Brasília: IBGE, 1995.

_____. **Anuário estatístico do Brasil**. Brasília: IBGE, 1996.

SÉGUIER, Jaime de (dir.). **Dicionário prático ilustrado**. 3 vols. Porto: Lello & Irmão, 1967.

FILMES E DOCUMENTÁRIOS

LISBOA, faca no coração/ Lisbon, knife in the heart. Direção de Manuel Palacios. Madrid: Canal + Espanha, 1998. 1 videocassete (67 min.): VHS, NTSC, sonoro, colorido. Português/ Espanhol. Ficção/ Documentário.

TAXI Lisboa. Direção e Produção de Wolf Gaudlitz. München: Solofilm, 1996. 1 videocassete (79 min.): VHS, NTSC, sonoro, colorido, legendado. Português/ Inglês/ Francês/ Alemão/ Italiano/ Espanhol. Ficção/ Documentário.

TORRE de Papel: O mar começa em Lisboa. Direção de Rodrigo Moreno Del Canto. Produção de Arturo Peraldi. Apresentação de Antonio Skarmeta. Santiago de Chile: Discovery Communications Inc./ People & Arts TV, 1999. 1 videocassete (24 min.): VHS, NTSC, sonoro, colorido, legendado. Espanhol/ Português. Documentário.

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

Capítulo I

Figura 1

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 75, 1º mar. 1932, p. 5.

Capítulo II

Figuras 2, 3, 4 e 5

PEREIRA, Mirian Halpern. **Política portuguesa de emigração (1850 a 1930)**. Lisboa/ Porto: A Regra do Jogo, 1981.

Figura 6

NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 140.

Figura 7

NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 24.

Figuras 8 e 9

NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 25.

Figura 10

POMAR, Wladimir. **O Brasil em 1900**. São Paulo: Ática, 1996, p. 9 (Col. "Retrospectiva do Século XX").

Figura 11

NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 29.

Figura 12

ABRIL Cultural. **Nosso Século - Vol. I: 1900/ 1910 - A era dos bacharéis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 33.

Figura 13

PEDERNEIRAS, Raul. **Scenas da vida carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Brasil, 1924, p. 5.

Figura 14

ABRIL Cultural. **Nosso Século - Vol. I: 1900/ 1910 - A era dos bacharéis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 20-21.

Figura 15

ABRIL Cultural. **Nosso Século - Vol. I: 1900/ 1910 - A era dos bacharéis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 22.

Figura 16

Acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Figura 17

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860/ 1910)**. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 104d.

Capítulo III

Figura 18

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A guerra aos portugueses no Rio de Janeiro no final do século XIX*. **Revista Oceanos**. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n. 44, out.-dez./ 2000. Disponível em: <http://www.cncdp.pt/oceanos/oceanos_44/5/5.htm>. Acesso em: 01 abr. 2002.

Figura 19

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 75, 01 mar. 1932, p. 11.

Figuras 20 e 21

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 77, 01 abr. 1932, p. 26.

Figura 22

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 76, 16 mar. 1932, p. 2.

Figura 23

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 77, 01 abr. 1932, p. 2.

Figura 24

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 80, 16 mai. 1932, p. 2.

Figura 25

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 81, 01 jun. 1932, p. 31.

Capítulo IV

Figura 26

COSTA, Luiz Edmundo. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1987, p. 29. Acervo da Biblioteca Nacional.

Figura 27

GibIndex - Enciclopédia Brasileira de Gibis. Web site particular. Disponível em: <<http://www.gibindex.com/kernell.php3?id=491>>. Acesso em: 21 jul. 2002.

Figura 28

COSTA, Luiz Edmundo. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1987, p. 136. Acervo da Biblioteca Nacional.

Figura 29

TURAZZI, Maria Inez. **Marc Ferrez**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 46 (Col. “Espaços da Arte Brasileira”).

Figura 30

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, p. 164.

Figura 31

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 75, 01 mar. 1932, p. 1.

Figura 32

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 76, 16 mar. 1932, p. 2.

Figura 33

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 78, 16 abr. 1932, p. 6.

Figura 34

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 82, 16 jun. 1932, p. 6.

Figura 35

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 78, 16 abr. 1932, 3ª capa.

Considerações finais

Figura 36

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 81, 01 jun. 1932, 1ª capa.

Figura 37

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 82, 16 jun. 1932, 1ª capa.

Figura 38

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 83, 01 jul. 1932, 1ª capa.

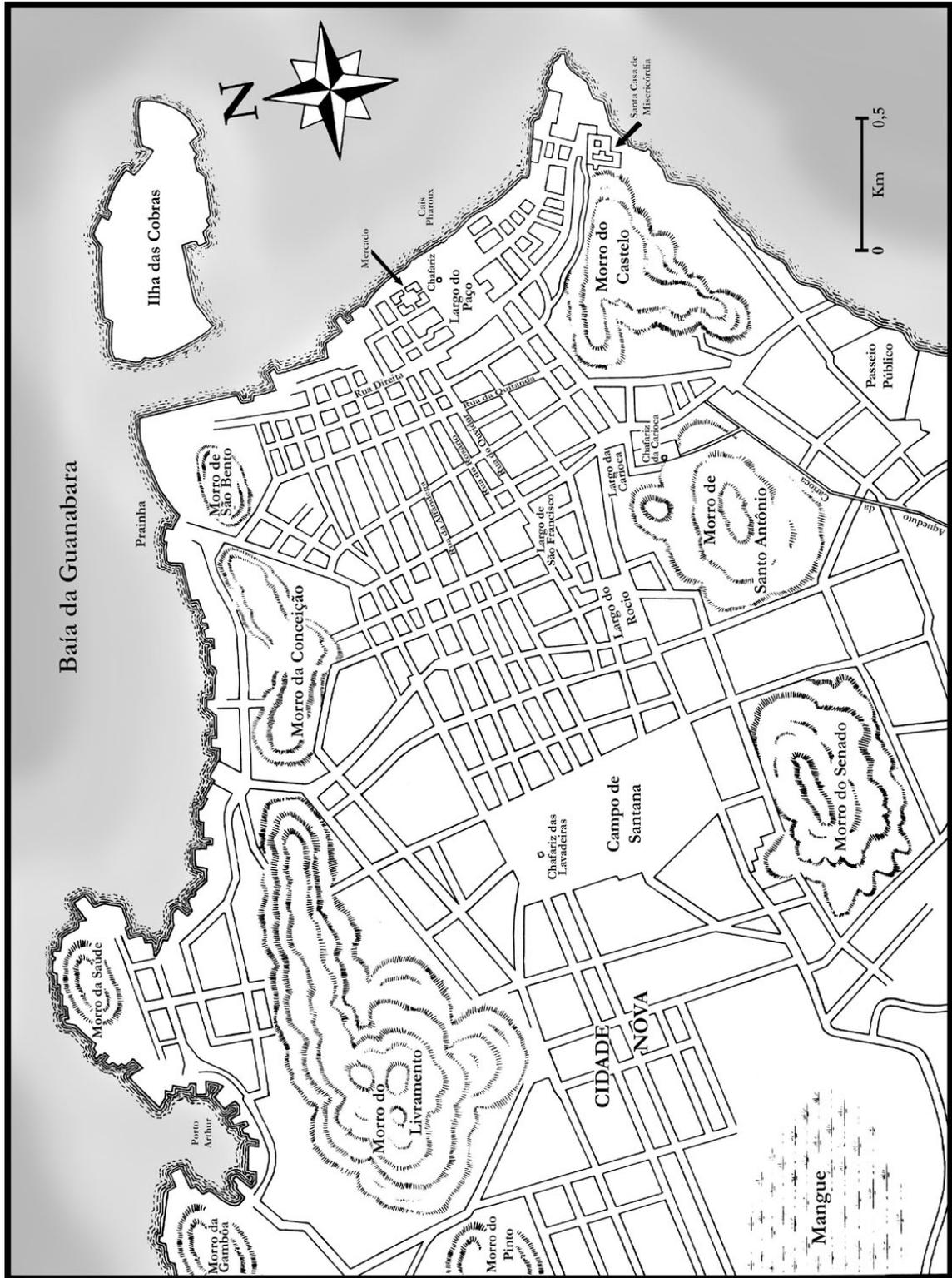
Figura 39

Lusitania, Rio de Janeiro, n. 85, 01 ago. 1932, 1ª capa.

ANEXOS

MAPA I

ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO IMPÉRIO (CERCA DE 1860-1870)



FONTES: Carvalho (1999), Graham (1992: 52-53).

TABELA I
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
(1890/1920)

Ano	População Brasileira	População Total da Cidade do Rio de Janeiro	Portugueses na Cidade do Rio de Janeiro	% dos Portugueses Sobre População do Rio de Janeiro	Estrangeiros na Cidade do Rio de Janeiro	% dos Portugueses Sobre Estrangeiros no Rio de Janeiro
1890	14.333.915 ^A	522.651 ^E	106.461 ^E	20,37 %	155.202 ^E	68,60 %
1906	17.438.434 ^A	811.443 ^B	133.393 ^B	16,44 %	210.515 ^B	63,36 %
1920	30.635.605 ^A	1.157.873 ^C	172.338 ^D	14,88 %	239.129 ^E	72,07 %

FONTES: A - Anuário estatístico do Brasil (IBGE, 1996); B - Chalhoub (1986: 24-26); C - Anuário estatístico do Brasil (IBGE, 1995); D - Pereira (1981: 253); E - Lobo (2001: 46).

TABELA II
POPULAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL (1920)

ESTADO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Distrito Federal *	117.604	54.734	172.338
São Paulo	101.915	65.283	167.198
Rio de Janeiro **	21.398	7.263	28.661
Minas Gerais	13.412	4.816	18.228
Pará	11.257	2.954	14.211
Rio Grande do Sul	7.249	2.075	9.324
Amazonas	5.726	1.889	7.615
Pernambuco	3.757	1.052	4.809
Bahia	2.602	743	3.345
Paraná	1.402	406	1.808
Espírito Santo	1.323	405	1.728
Mato Grosso	1.096	214	1.310
Território do Acre	544	87	631
Maranhão	544	81	625
Santa Catarina	413	93	506
Goiás	227	77	304
Ceará	230	66	296
Alagoas	181	56	237
Paraíba	106	25	131
Sergipe	95	30	125
Rio Grande do Norte	64	17	81
Piauí	53	13	66
TOTAL	291.198	142.379	433.577

LEGENDA: * - Cidade do Rio de Janeiro; ** - Estado do Rio de Janeiro.

FONTE: Pereira (1981: 253).

TABELA III
POPULAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL (1929)

ESTADO	TOTAL DE PORTUGUESES
Distrito Federal *	272.338
São Paulo	281.418
Rio de Janeiro **	31.527
Minas Gerais	20.050
Pará	15.631
Rio Grande do Sul	9.324
Amazonas	8.376
Pernambuco	5.289
Bahia	3.679
Paraná	1.998
Espírito Santo	1.900
Mato Grosso	1.572
Maranhão	687
Santa Catarina	556
Goiás	334
Ceará	325
Alagoas	260
Paraíba	144
Sergipe	137
Rio Grande do Norte	89
Piauí	72
TOTAL	655.706

LEGENDA: * - Cidade do Rio de Janeiro; ** - Estado do Rio de Janeiro.
OBS.: os dados não incluem a população portuguesa residente no Território do Acre.
FONTE: Simões (1934: 34).

TABELA IV
EMIGRAÇÃO PORTUGUESA:
PORCENTAGEM POR SEXO E IDADE
(1901/1921)

Anos	Adultos	Crianças com 14 Anos ou Menos	Total de Emigrados	% de Crianças sobre Total de Emigrados	Adultos de Sexo Masculino	% de Sexo Masculino sobre Total de Adultos	Adultos de Sexo Feminino	% de Sexo Feminino sobre Total de Adultos
1901/1905	128.400	26.214	154.614	16,95	94.396	73,52	34.004	26,48
1906/1910	197.809	34.805	232.614	14,96	152.827	77,26	44.982	22,74
1911/1915	271.225	57.837	329.062	17,58	185.614	68,44	85.611	31,56
1916/1920	153.634	22.330	175.964	12,69	101.946	66,36	51.688	33,64
1921	24.523	2.013	26.536	7,59	17.937	73,14	6.586	26,86
TOTAIS	775.591	143.199	918.790	15,58	552.720	71,26	222.871	28,74

FONTE: Lobo (2001: 140).

TABELA V
ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL (1890/1929)

PERÍODOS	PORTUGUESES	ITALIANOS	ESPAANHÓIS	OUTROS	TOTAL
1890/1899	216.474	690.375	164.193	134.661	1.205.703
1900/1909	195.796	221.394	121.604	111.104	649.898
1910/1919	316.481	137.868	181.657	185.516	821.522
1920/1929	301.915	106.835	83.931	353.841	846.522
TOTAL	1.030.666	1.156.472	551.385	785.122	3.523.645

FONTE: Petrone (1985: 100-101).

TABELA VI
**DISTRIBUIÇÃO DOS CONTINGENTES IMIGRATÓRIOS POR PERÍODOS
DE ENTRADA NO BRASIL (1851/ 1960)**

PERÍODOS	PORTUGUESES	ITALIANOS	ESPAANHÓIS	JAPONESES	ALEMÃES	TOTAIS
1851/1885	237	128	17	-	59	441
1886/1900	278	911	187	-	23	1.398
1901/1915	462	323	258	14	39	1.096
1916/1930	365	128	118	85	81	777
1931/1945	105	19	10	88	25	247
1946/1960	285	110	104	42	23	564
TOTAIS	1.732	1.619	694	229	250	4.523

OBS.: valores em milhares.

FONTE: Ribeiro (1996: 242).

TABELA VII
POPULAÇÃO TOTAL DO BRASIL (1872/ 1920)

ANOS	HOMENS	MULHERES	POPULAÇÃO TOTAL
1872 *	5.123.869	4.806.609	9.930.478
1890	7.237.932	7.095.983	14.333.915
1906	8.900.526	8.537.908	17.438.434
1920	15.443.818	15.191.787	30.635.605

OBS.: * - os resultados não incluem 181.583 habitantes, estimados para 32 paróquias,
nas quais não foi feito o recenseamento na data determinada.

FONTE: Anuário estatístico do Brasil (1996).

DOCUMENTOS

EDITORIAL

Lusitania - Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal

Rio de Janeiro, n. 1, ano I, 01 fev. 1929, p. 5.

CRER, LUTAR, VENCER

Redator Chefe: Joaquim Campos

Estamos em um momento excepcional da vida. O mundo moderno é o turbilhão do sentimento, do prazer, da ambição, do amor. A onda furiosa do progresso avassala, exalta e transforma tudo, erigindo um conflicto tremendo entre o bem e o mal, ameaçando a vida das sociedades e a integridade das nações. A humanidade attingiu a um gráu de cultura em que não supporta mais o martyrio. Ha um sonho milagroso de felicidade a bailar no céu do pensamento. Todos querem viver, gozar, vencer e dominar. A taça do prazer é disputada por todas as boccas, o desejo de victoria empolga todos os espiritos. O amor e a insaciabilidade conduzem os povos aos paroxismos da crença, do ideal e da loucura.

*

* *

Vivemos a Edade do arranba-céo, do aeroplano, da radiotelephonia, a Edade de Ouro da Terra. Cançado da planicie, cançado de ignorar e de soffrer, o homem procura desvendar o segredo da Força e escalar o Infinito na ansia de ampliar o seu dominio sobre a natureza, que é a deusa do mysterio e da vida. E a luta toma proporções de Guerra entre os individuos. Ha olhares que são fios de espada, competições que são batalhas, aspirações que são crimes. Seguindo o exemplo da vida a Arte voluptualisa-se e a Sciencia e a Literatura embrenham-se nos mysterios da sensualidade e da fé em busca de azas que as levem ao impossivel.

*

* *

*É nesta epoca que apparece **LUSITANIA**, para falar aos portuguezes do Brasil, para unir cada vez mais os dois povos, pelo espirito e pelo coração. Integrada na sua Edade, com o sentimento novo das coisas, querendo sentir as sensações e os anseios da luta, ella será uma revista moderna, sem preconceitos passadistas, vestida de accordo com o seu tempo, orientada no sentido da perfeição e da grandeza. O Brasil, paiz novo, doirado de sol e de esperanza, é uma nação em pleno desenvolvimento, progressista e audaz, onde a intelligencia tem crepitações de entusiasmo. **LUSITANIA** saberá comprehender esse ambiente e incorporar-se ao scenario mental em que vae apparecer e existir, com a volupia da eternidade..*

O nosso programma? Está traçado pelo titulo. Lusitania diz tudo. Lusitania é a batalha da Patria, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. A luta contra os romanos e contra os mouros, a defeza do Condado Portucalense, as arrancadas contra Napoleão e contra os Felippes, a Independencia, as Cruzadas, as Quinas. Lusitania

é Guimarães, Ourique, Aljubarrota, Alcacer-Kibir, o Bussaco, Armentiers. Lusitania é Viriato, Affonso Henriques, Egas Moniz, Nuno Alvares, o Mestre de Avis, Vasco da Gama, o Infante de Sagres, **Os Lusíadas** e as descobertas, o Brasil. Camões e o amor. Lusitania é a epopéia gigantesca do nosso passado, o espírito, a coragem e o genio da Raça. Lusitania é Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Milhões; é a aventura de um povo que ha 18 seculos luta pela civilização, pela crença e pela gloria. Lusitania somos nós, é a nossa fé, o nosso ardor combativo. Lusitania é Portugal.

*

* *

De nós, dos nossos propositos, das nossas idéas, tambem não é preciso falar. **LUSITANIA** é irmã da **Pátria Portuguesa**, filha do mesmo esforço, do mesmo patriotismo, do mesmo ideal. Nasceu do mesmo anseio e da mesma aspiração; viverá do mesmo amor, tangida pelo mesmo entusiasmo, apunhalada pela mesma saudade. Revista de aproximação luso-brasileira, de aproximação entre todos os portugueses, não terá outra politica que não seja a da Patria. Pairará acima dos homens e dos partidos para 'amar Portugal sobre todas as coisas e ao Brasil como a nós mesmos'. Nós seremos os soldados dessa idéa, lutadores sem vaidade, sinceros, com a alma illuminada pela doçura da recordação, peitos abertos a todas as vicissitudes e a todos os entusiasmos. E nada queremos em proveito proprio, para desejarmos tudo, todo o bem á nossa linda terra!

*

* *

EDITORIAL

Portugal Ilustrado - Revista Mensal de Propaganda Portuguesa e Intercâmbio Luso-Brasileiro⁹⁴

Rio de Janeiro, n. 1, Ano I, set. 1928.

Pela Pátria

Este é o lema de 'Portugal Ilustrado'. Continuando o programa da revista 'Portugal', cuja suspensão há oito meses serviu para evidenciar a necessidade moral, intelectual e patriótica da sua existência, 'Portugal Ilustrado' prosseguirá sem desvios nem hesitações a obra de aproximação de todos os portugueses e a da cultura sã e desassombrada de uma real aproximação luso-brasileira.

O plano que há cinco anos elaborei e expus ao meter ombros à realização de 'Portugal', idealizada para atingir o duplo fim patriótico da propaganda das nossas coisas e da coordenação dos nossos irmãos, plano vastíssimo que servirá de cúpula à organização dos Congressos de Portugal Maior; esse plano, que tem merecido os louvores de todos os governos portugueses e as simpatias dos países cujo progresso deve muito ou pouco aos braços lusitanos, teria ficado indefinidamente interrompido não fora o patriotismo e a atividade criadora de Teófilo Carinhas, a quem a colônia portuguesa do Brasil ficará devendo o inestimável serviço de a representar

⁹⁴ In: Silva, 1992: 122-123.

condignamente na Exposição Internacional de Sevilha, com esse álbum monumental destinado a fixar para a admiração dos vindouros a contribuição dos portugueses par ao engrandecimento do Brasil.

Criando a 'Portugal Ilustrado', ligando-se ao 'Jornal Português', que sob a direção competente, firme e abnegada de Eugênio Martins, há dez anos honra o nosso jornalismo na América do Sul e dando vida ao 'Almanaque Português', com um simples e mais que admirável 'faça-se', da sua inteligência e da sua vontade, Teófilo Carinhas presta, não só à colônia portuguesa, mas a Portugal, um altíssimo serviço que não deve ficar no esquecimento.

*

* *